O NOVO DISCO SOLO DE RENATO RUSSO

SHOW BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

5581/1 • ANO 13 / Nº 11 • EDIÇÃO 148 / NOVEMBRO • R$ 5,00

Bon Jovi
todos os passos do ídolo no Brasil

METALLICA
porradaria bossa nova

ROBERT SMITH
"o CURE vai acabar"

Pôster ROLLING STONES
no show que você vai ver

confissões no camarim: os segredos de Gavin, do
BUSH

JIM MORRISON
TESOUROS INÉDITOS dos Doors
REVELAM NOVAS FACES DO MITO

- OS DISCURSOS FURIOSOS NO PALCO
- A REBELDIA DEBOCHADA DO REI LAGARTO

adesivo 14mg nicotina 7,0mg monóxido de carbono 15mg

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
EVITE FUMAR NA PRESENÇA DE CRIANÇAS.

HOLLYWOOD

HOLLYWOOD

no limits

ESPAÇO PARA TODAS AS SUAS
FERRAMENTAS DE TRABALHO:
A MOTO, A PRANCHA DE SURFE
E O EQUIPAMENTO DE MERGULHO.

Use o cinto de segurança. Este veículo está em conformidade com o PROCONVE preservando o meio ambiente. O modelo apresentado é o Cat. 9421. Alguns dos itens apresentados são opcio... peças e acessórios originais Ford. Preço São Paulo. Não inclui frete. Pintura sólida.

0800-17-2000 http://www.ford.com.br

Preço sujeito a alteração sem prévio aviso.

CHEGOU FORD COURIER. A MAIOR CABINE E A MAIOR CAÇAMBA DA CATEGORIA.

A Ford Courier é uma pick-up de verdade. Projetada para ser pick-up. Por isso ela combina espaço, conforto e dirigibilidade como nenhuma outra. ◦ Capacidade para até 700kg de carga. ◦ Caçamba com 1,82m de comprimento e 1,44m de largura. ◦ Injeção eletrônica multiponto seqüencial. ◦ Direção hidráulica. ◦ Ar-condicionado. ◦ Trio elétrico. ◦ Bancos ergonômicos com ampla regulagem longitudinal. ◦ O menor nível de ruído interno da categoria. ◦ Barras de proteção lateral. ◦ Tampa da caçamba removível. ◦ Bandejas de suspensão reforçadas. ◦ Suspensão traseira com lâmina parabólica. ◦ Grade protetora do vidro traseiro. ◦ Duas opções de motor: 1.3L e Ford Zetec 16 válvulas.

A PARTIR DE R$ 13.992,00

FORD COURIER
PICK-UP DE VERDADE.

Ford

MINISYSTEM DA SONY.
A MÁQUINA DE FAZER DJ.

SONY

REMIXAGEM AQUI É BRINCADEIRA.

AGORA VOCÊ VAI VIRAR DJ BRINCANDO. CHEGOU O **DJ MIX** DA **SONY**, COM 9 EFEITOS DE REMIXAGEM PARA DEIXAR QUALQUER DJ MORRENDO DE INVEJA.

LOOP• REPETE UM TRECHO DA MÚSICA DO CD.

BEAT• REMIXA NA MÚSICA RITMOS COMO DANCE, ROCK, SAMBA E OUTROS.

DRUM PADS• ACRESCENTA SONS E BATIDAS.

GROOVE• REFORÇA GRAVES E AGUDOS.

FLASH• AUMENTA E REDUZ O VOLUME.

WAVE• EFEITO DE ONDAS NO EQUALIZADOR.

NON-STOP PLAY• TOCA O CD DIMINUINDO OS INTERVALOS DAS MÚSICAS OU REMIXA AS FAIXAS COM SOM DE APLAUSOS.

MIC MIXING• MIXAGEM COM MICROFONE.

SONIC FORMATION• EQUALIZAÇÃO DAS 4 CAIXAS ACÚSTICAS COM DIFERENTES MODOS DE UTILIZAÇÃO.

FH-GR8AV
1800wPMPO

http://www.sonybrasil.com

Pauta

ON Fechar esta edição nos deu uma canseira e um prazer a mais. Pudemos constatar como, após dois anos da metamorfose de BIZZ em SHOWBIZZ, a revista recuperou o prestígio. Quase o mesmo do tempo em que reinava sozinha na mídia pop/rock, quando os grandes jornais davam pouco espaço para o segmento, importantes discos internacionais eram lançados no Brasil com enorme atraso, não havia MTV e a Internet era apenas uma alucinação do careta Bill Gates.

Enquanto todos os jornais tiveram de se contentar com uma entrevista coletiva com os ex-integrantes dos Doors, fomos o único veículo brasileiro com direito a um bate-papo individual. O correspondente José Emilio Rondeau traçou o guitarrista Robby Krieger, e teria pego também Ray Manzarek, não estivesse o tecladista adoentado (problemas estomacais) na ocasião. *Shit happens...*

Em Londres, nosso master colaborador Thomas Pappon – de longa e importante história na BIZZ – fez uma entrevista reveladora e exclusivíssima com Robert Smith. A transcrição dá uma baita vontade de ter estado ali, junto. Em São Francisco, nos EUA, Adriane Grau foi a primeira jornalista brazuca a conversar com Kirk Hammett e Lars Ulrich, do Metallica, sobre o novo álbum, *Re-Load*.

O editor Robert Halfoun foi à Irlanda, terra maravilhosa da cerveja Guinness, ver um show do Bush, penetrou no camarim do grupo e voltou de lá com alguns segredos: Gavin Rossdale fuma um, ainda está enroscado com seu relacionamento pré-Gwen Stefani, tem uma úlcera como nosso ídolo Kurt Cobain e toca guitarra de verdade.

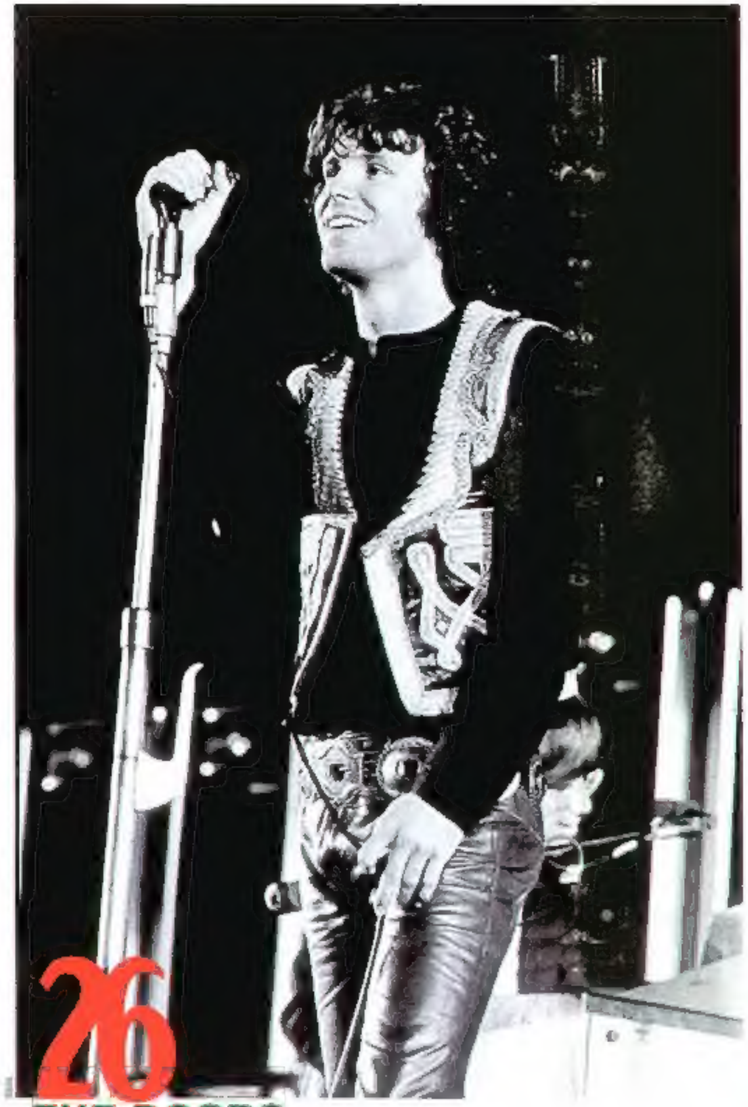
Tivemos também o privilégio de contar com um texto de Zeca Camargo, um dos maiores feras do jornalismo brasileiro, destrinchando o lado pop do Free Jazz. E nos esforçamos para realizar uma reportagem completona sobre a passagem de Jon Bon Jovi no Brasil: méritos de Carlos Eduardo Oliveira (com um *help* do Bernardo Araújo).

Obrigado a todos os citados aqui. E a você.

Aquele abraço.

Pedro Só

PS. Ah, sim, a música que o Metallica gravou com Marianne Faithfull (que, até o fechamento da matéria, ainda não tinha nome oficial) chama-se "The Memory Remains". Antecipar as coisas tem seu preço, mas vale a pena.

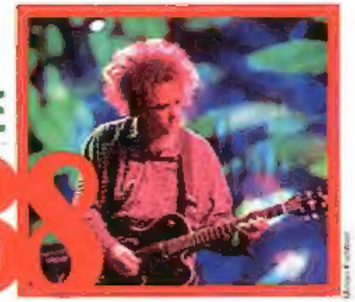


26 THE DOORS
O mito Jim Morrison ressuscita, proclama a morte do rock e estupra Hitler no caixote *The Doors Box Set*

Já nas bancas a edição SHOWBIZZ Especial Grandes Guitarristas De Todos Os Tempos, com biografias e um CD caprichado contendo Jimi Hendrix, Jimmy Page, Eric Clapton e outras feras. Não perca!

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Rolling Stones – *Black And Blue*
The Cramps – *Big Beat From Badsville*
Chumbawamba – *Tubthumper*
Ed Motta – *Manual Prático Para Bailes, Festas E Afins Vol. 1*
Iggy Pop & The Stooges – *Raw Power*
Coletânea SHOWBIZZ – *Grandes Guitarristas De Todos Os Tempos*
Bellini – *Samba De Janeiro (single)*



THE CURE
Robert Smith promete: "O Cure vai acabar em 1999!"
38

45 ROLLING STONES
A estréia de Bridges To Babylon *num pôster especial para você*

50 METALLICA
Ouvindo bossa nova e gravando com Marianne Faithfull

REPÓRTER BIZZ
BUSH
22
Penetramos no camarim enfumaçado de Gavin Rossdale e descobrimos seus segredos

32
JON BON JOVI
Exclusivo: todos os detalhes da passagem do ídolo americano por aqui

78
RENATO RUSSO
O disco póstumo do eterno ídolo do rock-Brasil

SEMPRE EM SHOWBIZZ

12 CANAL BIZZ
Palmas para Marilyn Manson

16 BIZZES
Joy Division, Courtney Love, Lulu Santos cyber e Nação Zumbi

20 VIDA EM POPMART
U2 é vaiado em Israel

54 PLAY
Raimundos, Marilyn Manson, Portishead, Björk, Bob Dylan, Bob Marley...

64 REPLAY
Cream, Kiss, Burt Bacharach e Dusty Springfield

68 LETRAS
David Bowie canta a liberdade em "Seven Years In Tibet"

70 ONZZE PERGUNTAS
Lisa Stanfield deixa a vida *clubber*

72 AO VIVO
Uma pincelada geral sobre o Free Jazz

82 + BIZZES
Prodigy e os bambas do heavy metal: Sepultura, David Coverdale, Dio, Paul Di'Anno...

88 Pipoca Moderna
Novas de Alanis Morissette e Pearl Jam

90 DISCOTECA BÁSICA
Low-Life, o bailão eterno do New Order

Corrida com obstáculos.

Try On está lançando Trail, o primeiro tênis do gênero fabricado no Brasil. O Trail tem construção reforçada e solado com sulcos pronunciados para estabilidade em terrenos irregulares. Ou seja, é feito para malucos que, entre outras coisas, gostam de correr em trilhas, bosques, parques e morros sem uma mountain bike.

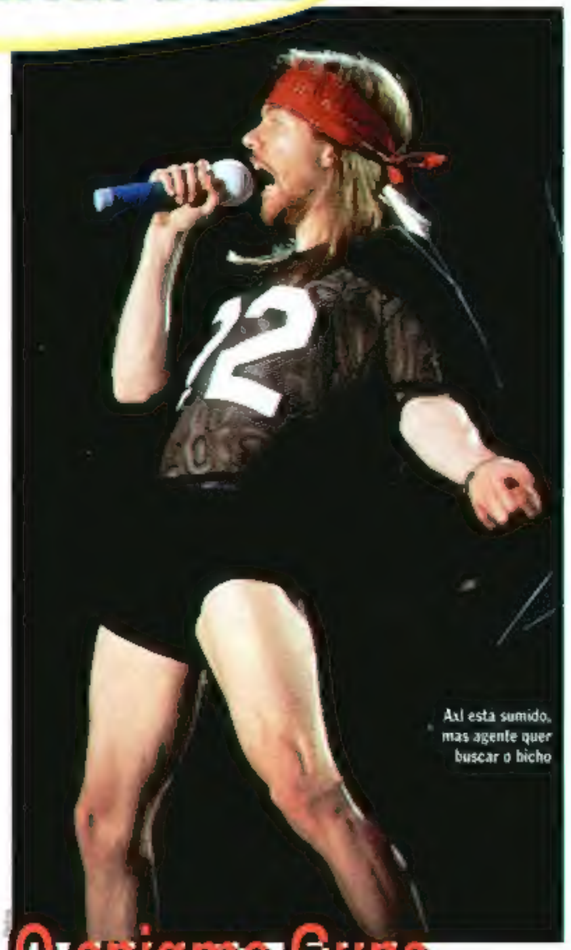
Try On

A NOVA GERAÇÃO DO ESPORTE

http://www.tryon.com.br

Canal Bizz

Esta é a sua área. Discorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Mande desenhos, retratos, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ - Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP



O enigma Guns

Não espero muito do próximo álbum do Guns N' Roses, por causa da saída do Slash, mas não sou vira-folha. Continuo fã, e se os caras lançarem um disco com gravações de (eka!) peidos e arrotos, sem falar em barrões e vômitos, eu vou amar.

Helen Rose - Belo Horizonte - MG

Querida, estamos tentando uma grande ousadia jornalística. Fique ligada que a, qualquer momento, o sumido Axl aparece em nossas páginas.

Perguntas de alto nível

Algumas questões têm inquietado meu espírito e só vocês podem respondê-las:

1 - Existem edições em português dos livros *Last Train To Memphis* e *Sweet Soul Music*, do Peter Guralnick?

2 - Qual a discografia completa do 13th Floor Elevators e de Roky Erickson?

3 - Por que a capa de *Are You Experienced?* que saiu agora é diferente da que foi mostrada na matéria sobre o lançamento da Hendrix Experience (edição 144)? Qual das duas é a original?

Sandra Soares - Paulista - PE

Parabéns pelo excelente gosto, moça. Por partes, como o velho Jack Stripper:

1 - Não existem esses livros no idioma pátrio.

2 - Discografia de Roky Erickson: **Roky Erickson And The Aliens** *(80)*, **The Evil One** *(81)*, **Fire My Bones** *(85)*, **Don't Slander Me / Gremlins Have Pictures** *(86)*, **I Think Of Demons** *(87)*, **Reverend Or Karmic Youth** *(90)*, **You're Gonna Miss Me: The Best Of Roky Erickson** *(91, mais fácil de encontrar lá fora e essencial)*, **Holiday Inn Tapes** *(87)*, **Love To See You Bleed / Mad Dog** *(92)*, **All That May Do My Rhyme** *(95). Além desses, há* **Roky Erickson And Evil Hook Wildlife ET** *(ano ignorado) e* **Click Your Fingers Applauding The Play** *(versões raras do selo Roir, ano ignorado). Creditados a* **Roky Erickson & 13th Elevators**, *há* **The Magic Of The Pyramids** *e* **The Master Collection** *(91), raridades e velharias re-empacotadas. Com o* **13th Floor Elevators**: **The Psichedelic Sounds Of The 13th Floor Elevators** *(66)*, **Easter Everywhere** *(67)*, **13th Floor Elevators Live** *(68)*, **Bull Of The Woods** *(68)*, **Fire In My Bones** *(85)*, **Elevator Tracks** *(87)*, **Original Sound Of...** *(88) e* **The Best Of 13th Floor Elevators** *(94). Desconfiamos que há mais coletâneas...*

3 - Existem duas capas do **Are You Experienced?**, *uma da edição americana (a que saiu na edição 144) e outra da edição européia.*

Entre poetas

Logo que recebi a notícia da morte de Renato Russo, me veio à memória este texto escrito por Fernando Pessoa em homenagem ao amigo, também poeta português, Sá-Carneiro, que se suicidou aos 26 anos. Percebi que o que foi dito sobre o poeta se encaixava bem à personalidade controvertida, trágica e ao mesmo tempo brilhante de Renato. Um ano depois, aí vai, em homenagem:

"Morre jovem o que os deuses amam, é um preceito da sabedoria antiga. E por certo a imaginação, que figura novos mundos, e a arte, que em obras os finge, são os sinais notáveis desse amor divino. Não concedem os deuses esses dons para que sejamos felizes, senão para que sejamos seus pares. Quem ama, ama só a igual, porque faz o igual com amá-lo. Como, porém, o homem não pode ser igual aos deuses, pois o Destino os separou, não corre homem nem se alteia deus pelo amor divino: estagna só deus fingido, doente da sua ficção.

Não morrem jovens todos a que os deuses amam, senão entendendo-se por morte o acabamento do que constitui a vida. E como à vida, além da mesma vida, a constitui o instinto natural com que se a vive, os Deuses, aos que ama, matam jovens ou na vida, ou no instinto natural com que vivê-la. Uns morrem: aos outros, tirado o instinto com que vivam, pesa a vida como morte, vivem morte, morrem a vida em ela mesma. E é na juventude, quando neles desabrocha a flor fatal e única, que começam a sua morte vivida.

(...)Gênio na arte, não teve alegria nem felicidade nesta vida. Só a arte, que fez ou que sentiu, por instantes o turbou de consolação. São assim os que os deuses fadaram seus.(...)"

Robert Fox - Ferreiros - PE

Renato iria amar. Sá-Carneiro é genial. Quem quiser comprovar, pode procurar nas livrarias suas obras completas, editadas pela Nova Aguilar.

Jesus Reynoso

Amém

Sou leitor da revista há muito, muito tempo... Mais precisamente desde 1988, quando então esta se chamava apenas BIZZ. BIZZ (antigamente) e SHOWBIZZ (atualmente) consubstanciaram-se em meu "evangelho" musical, pois foi através dessas(i) revistas(i) que pude, humildemente, expandir meus horizontes em relação à apreciação da dita "boa música".

Mas a edição 147, com Led Zeppelin e Renato Russo, é definitivamente um marco. A geração de hoje (que se alucina com Green Day, Helmet e Offspring) pode "redescobrir" as pérolas daqueles que desbravaram os tortuosos caminhos do rock and roll. Aceitem meus mais sinceros PARABÉNS não apenas pela edição, mas por todo o trabalho desenvolvido em nome da cultura musical no Brasil.

MARCOS COLLA - via e-mail

Deus, como diriam Wayne e Garth (do Wayne's World): "We're not worthy! We're not worthy!" Tradução: "Não somos dignos!"

Sem medo do horror

O doidivanas chacoalhou o meu bem-sucedido cérebro. Marilyn Manson consegue deixar qualquer mala sem fôlego, apesar de seu visual nada invejável. Ouço todos os dias, antes de dormir, "Minute of Delay". E não tenho medo, como muitos pregos da minha cidade têm.

Flavio Cardoso - Morrinhos - GO

Talvez seus conterrâneos não tenham tido a cabeça chacoalhada a ponto de ouvir Manson antes de dormir. Mas nós temos um psicólogo de confiança para lhe recomendar.

Cabeçote trincado

Em Governador Valadares, um locutor de rádio chamado Zirlei Marinho arrepiou os ouvintes com um especial do Led. Nas introduções das músicas, o cara lia a SHOWBIZZ 147, seguindo até a pontuação com vírgulas e pontos. Despejando criatividade e promovendo o nome de vocês sem se preocupar com o *merchandising* que estava fazendo com o nome da revista, ele incrementou a programação, fazendo a galera do "UAI" trincar o cabeçote (delirar).

Rosinelly Pereira - Governador Valadares - MG

Agradecemos imensamente a divulgação sem jabá. Mas queremos saber que trem é esse de trincar o cabeçote. Parece ser bom d'maisss.

Carol (que tal Sierá?) baixa a alcinha, Fabiana deixa a gente doidinho

Nossas leitoras favoritas

Quase não acreditei quando vi a minha cara na SHOWBIZZ! Preciso de um nome artístico já! Sieracki é horroroso! Alguém tem alguma sugestão? Aliás, a edição inteira tava um tesão. Madonna, Marilyn Manson, No Doubt, U2 e Morrissey, tudo na mesma revista! Foi um "orgasmo múltiplo na diagonal"!!!

Carol Sieracki - Curitiba - PR

Para quem se lembra do Canal Bizz da edição passada, Carol aparecia de diabinha com Fabiana, procurando pessoas para formar uma banda. Será que esqueceram o projeto? Já não conseguimos pensar em outra coisa: onde estarão as alças das blusas na edição de dezembro? Não esqueçam do Natal da Redação!

Watergate às avessas

Acompanho SHOWBIZZ há quase dois anos e não me lembro de ter lido nada sobre a banda The Nixons. Vocês poderiam publicar a tradução de "Sister"?

Ellen Araszewski - São Paulo - SP

Sem discriminação nem Watergate: os Nixons lançaram recentemente seu segundo álbum, **The Nixons** *(veja resenha na seção Play e não fique puta, é apenas a visão pessoal de nosso colaborador Marco Antonio Lopes). A turnê do primeiro disco, Foma, teve 300 apresentações em sessenta cidades americanas. A banda viajou num ônibus podreira, comeu em espeluncas e dormiu em motéis baratos. "Sister", que andou tocando bastante aqui, virou hit nas rádios rock e alternativas por lá. Traduzimos um pedacinho pra você: "Irmã, te vejo – dançando no palco da memória / Irmã, sinto saudades suas".*

PENSADOR DO MÊS

Tava bem doidja nessa hora, hein, Cris?

Quer uma camiseta do SHOWBIZZ?

TROCA-TROCA

Tenho a fita K7 do show da Legião em Salvador em que Renato xinga Collor de viado. Troco por outro material da Legião.
Marcell C. Moraes
Rua Arthur Gomes de Carvalho, 537/501
CEP 41820-190
Fone (071) 358-7110
Salvador - BA

Troco material das bandas que você quiser por Silverchair (vou adiantando que tenho Hanson, Offspring, Sepultura, Alanis, Spice Girls...).
Raquel
Rua Senador Nabuco, 143/1201
CEP 20551-230
Rio de Janeiro - RJ

Gostaria de vender uma entrevista inédita do Renato Russo, fita cassete com músicas do Aborto Elétrico e material de U2, Titãs, Silverchair e Planet Hemp.
Helder dos Reis
Rua 7, nº 1012
CEP 77700-000
Fone (063) 834-1274/1049
Guaraí - TO

Faço qualquer coisa para conseguir a edição de abril de 1996 do Kurt Cobain, pago até R$ 25,00. É urgente!
José Eduardo Penello Temporão
Rua Conde de Irajá, 122/201
CEP 22271-020
Fone (021) 286-0384
Rio de Janeiro - RJ

Procura-se desesperadamente os CDs *Very Relentless* e *Flippantly*, ambos do Pet Shop Boys.
Lioara Mandoju
Rua Montauri, 123
CEP 21720-090
Rio de Janeiro - RJ

Compro qualquer material sobre a Alanis Morissette, estou à procura de fotos e entrevistas.
Mariana H. Rittano
Rua Paschoal Daniel, 47
CEP 08020-370
São Paulo - SP

EXCLUSIVO

A Hansonmania chega às bancas

- A história dos meninos que conquistaram o mundo
- A ficha completa dos irmãos
- Superpôster com fotos inéditas

REVISTA SHOWBIZZ ESPECIAL

Santa bagunça: perdemos a carta deste excelente cartunista. Se ele entrar em contato conosco, prometemos nos redimir e publicar seu nome direitinho. Mil perdões. E manda outro aí, vai...

Fanatismo

Barbaridade! Vejo que vossos ouvidos andaram escutando coisas da melhor qualidade: estou falando do Led Zeppelin – a matéria (ed. 147) estava legal. Quando forem fazer a do Ian Astbury, pode ser com aproximadamente dez páginas ou mais, falou? Nesta fita que vos envio coloquei apenas uma música do Holy Barbarians, chamada "Bodhisattva", pois com certeza vocês não conhecem nada da banda. E do CD *Cream*!

Eduardo Moura de Andrade - Volta Redonda - RJ

Eduardo, a gente não só ouviu Cream, como também recomendou o disco aos leitores de SHOWBIZZ. A resenha foi publicada em nossa edição de outubro do ano passado. Agora vamos às novidades sobre Ian Astbury: o moço desmanchou os Holy Barbarians e agora goza merecidas férias em Los Angeles, EUA. Cream foi lançado há pouco mais de dois meses no Brasil pela gravadora Paradoxx. Além desse álbum, os "bárbaros sagrados" também participam de uma coletânea inglesa chamada This Ain't No Sippin' Tea (da gravadora Beggars' Banquet), ao lado de Charlatans, Dick Dale, Love And Rockets e Buffalo Tom. Você pode obter maiores informações sobre Ian Astbury e Cult no fanzine Sanctuary. Ele é editado por um cara chamado Chris Harris e seu endereço é 2158 Polo Gardens Drive # 103, West Palm Beach, FL – 33414-2005, USA. Go for it!

Madonnofilia na net

Oi, pessoal da SHOWBIZZ! Obrigada por darem espaço pra gente na edição passada. Dessa vez, estamos pedindo que divulguem o endereço do nosso fã-clube virtual da Madonna.

O endereço on-line é http://www.geocities.com/Hollywood/Hills/1140/

Marcia Bina - via e-mail

Aos fãs de Madonna, a estrela em visual fanchona

Fã-clubes

SPICE GIRLS
Girl Power
Rua Eretides de Alencar, 1068
CEP 60341-020
Fortaleza, CE

PANTERA
Pantera Official Brazilian Fan Club
Caixa Postal 21456
CEP 04602-970
São Paulo, SP

MADONNA
Special Desire
Rua Equari, 62
CEP 02315-100
São Paulo, SP

LEGIÃO URBANA
Tempo Perdido
Av. Perimetral, 411
CEP 13500-175
Rio Claro, SP

THE CHEMICAL BROTHERS
Born to be Chemical
Rua Antonio M. Almeida, 142
CEP 13214-120
Jundiaí, SP

ERREMOS

A discografia da Legião Urbana saiu truncada na edição passada. Corrigindo: *Legião Urbana* (1984), *Dois* (1986), *Que País É Este?* (1987), *As Quatro Estações* (1989), *V* (1991), *Música Para Acampamentos* (1992), *O Descobrimento Do Brasil* (1993), *A Tempestade* (1996), *Uma Outra Estação* (1997). Outro mico: na edição 146, a DB do Guns N' Roses disse que "Civil War" estava no disco *G N' R Lies*. Que horror! Todo mundo sabe que a música é de *Use Your Illusion 2*. O responsável levou várias chibatadas. Confusão entre os integrantes dos Ramones mencionados no Guia Dos Rockonianos (edição 146). Os nomes – e apelidos – certos do quarteto americano são Jeffrey Hyman (Joey Ramone), Thomas Erdelyi (Tommy Ramone), Douglas Colvin (Dee Dee Ramone) e John Cummings (Johnny Ramone). Foi mal, pessoal.

FALE COM SHOWBIZZ É DE GRAÇA!!!

0800-139-138
Das 10h às 12h e das 15h às 18h

Caia na nossa rede
FAÇA CONTATO:
showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

CAIXA POSTAL 66157, CEP 05315-970, SÃO PAULO – SP

NÚMEROS ATRASADOS (011) 810-4800 PARA ASSINAR 0800-119-100

DÚVIDAS SOBRE ASSINATURAS

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Editor-Chefe: Pedro Só
Editores: Robert Halfoun e Sérgio Martins
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editor de Arte: Renato Yada
Editor-Assistente de Arte: Johnson Veiga
Repórter: Letícia Calmon
Correspondente: José E. Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: Adriane Brás, André Gordirro, Bernardo Araújo, Carlos Eduardo Oliveira, Daniel Benevides, Danilo Monteiro, Edmundo Barreiro, Hagamenon Brito, Ivan Moura, José Flávio, Luciano Marina, Marco Antônio Lopes, Marcus Veras, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Tarik de Souza, Thales de Menezes, Thomas Pappon, Wagner Filho (Fotos) André Sader, Daniela D'Acosta, Jorge Rosenberg, Michael Quinn (Revisão) Roberto Pinheiro

STAFF EDITORIAL

Secretária Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano

COMERCIAL

Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallia
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Lauriano
Assistente de Produto: Wagner Pinheiro

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE

Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente: Afonso Palomares
Contatos Comerciais: Cristina Bertonha, Maria Luiza Marot, Marcos Antônio Arroyo, Nádia Lappas
Coordenação/Supervisão: José Soares
Coordenador: Rafael Millello
Gerente de Marketing Publicitário: Cíntia Mourão

ShowBizz edição 148, novembro de 1997, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1649. **Assinatura:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume 769, Lapa, CEP 05066-900, São Paulo, SP. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque). Peça ao seu jornaleiro, à distribuidora Dinap de sua cidade ou pela Caixa Postal 2505, Osasco - SP, fax (011) 866-3016, telefone (011) 810-4800, das 8 às 19 horas. Pagamento pelos cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal ao preço da última edição em banca mais despesas postais. dinap.na@email.abril.com.br. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa.

ANER
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
IVC

EDITORA AZUL / ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, Tel.: (011) 867-3000, Caixa Postal 66284, CEP 05315-970, Fax: (011) 867-3300.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel.: (021) 532-0313, Caixa Postal 4816, Fax: (021) 532-1468 / 532-1580

ALEGRIA, ALEGRIA

Heart And Soul é o nome da caixa do Joy Division que vai fazer a alegria dos fãs do rock angustiado e sombrio do grupo que deu origem ao New Order. Os quatro CDs lançados lá fora tentam capturar a alma e o trabalho de Ian Curtis, líder e letrista do Joy, que se enforcou em maio de 1980. Admirado e cultuado na década passada como uma espécie de Jim Morrison, o epilético cantor (Renato Russo imitava seu estilo de dançar no palco) aparece cantando versões até há pouco desconhecidas de "Ceremony" e "In A Lonely Place", primeiras músicas gravadas pelo New Order. Além dessas preciosidades, *Heart And Soul* traz versões alternativas do hino "Love Will Tear Us Apart" (uma delas ao vivo). "No palco, nosso som era bem mais áspero", lembra o guitarrista Bernard Sumner. Integrante do Electronic, ele diz que o New Order não acabou, mas confessa que não fala direito com os companheiros desde 1993.

O CAIXÃO

CD 1 – Unknown Pleasures *(o disco todo, mais gravações anteriores e posteriores)*

CD 2 – Closer Plus *(o melhor álbum do Joy, enriquecido com out-takes)*

CD 3 – Studio Rarities *(ensaios, sessões no programa de John Peel etc.)*

CD 4 – Live At The Factory, *show registrado em julho de 1979*

Ian Curtis, cuja dança epilética era baseada em fatos reais (ele era epilético mesmo)

O POLICE dançou

O guitarrista só tem um assunto com Sting: bufunfa

Andy Summers não quer nem saber de Police. O ex-companheiro de Sting e Stewart Copeland esteve no Brasil para uma turnê ao lado do guitarrista argentino-botafoguense Victor Biglione. Munidos de violões com cordas de aço, os dois rodaram algumas cidades daqui e da terra de Caniggia. Summers se dá com os outros loirinhos, mas diz que prefere continuar no jazz. "Sempre falo com Stewart, que também mora na Califórnia, e, quando vou à Inglaterra, vejo Sting. Em geral conversamos sobre dinheiro." Recentemente, Sting foi a um show do ex-comparsa em Nova York, e juntos tocaram uma versão "esquisita" (palavras de Summers) de "Walking On The Moon". Summers mora na Califórnia há dez anos, e seu próximo disco, *The Last Tale of Mr. X*, tem boas chances de sair por aqui. (Bernardo Araújo)

> *"Não me arrependo de ter saído dos Stones e não estou com artrite"*
>
> **Bill Wyman, que acaba de lançar um disco com participação de Eric Clapton e Peter Frampton**

gostosa!

O milagre que a *US* mostrou

Cada vez mais top model, Courtney Love apareceu na capa da revista *US* irreconhecivelmente boa. O recém-lançado (lá fora) álbum *My Body The Hand Grenade*, com antiguidades e inéditas do Hole, funciona como um retrato da artista quando bruaca. "Eu não sabia tocar direito, as músicas tinham boas letras, mas faltava melodia", comenta Courtney. No CD estão a primeira gravação do Hole ("Turpentine", de 1990), seu primeiro single ("Retard Girl"), uma versão demo de "Miss World" gravada no Brasil em 1993 e "Season Of The Witch", de Donovan. Courtney, que pretende gravar uma cover de "The Logical Song", do Supertramp, acaba de desenvolver para a Fender uma guitarra especial para mulheres. "Dei uma para Sharon Stone e outra para Demi Moore."

A ópera-rock de Lou

Sem medo de meter os pés num difícil terreno onde muito artista de rock já enlameou a reputação, Lou Reed está estreando na Brooklin Academy Of Music, em Nova York, a ópera *Time Rocker*, que preparou com o diretor Bob Wilson. Baseado em *A Máquina do Tempo*, de H.G. Wells, o espetáculo tem dezesseis músicas e conta a história de dois colegas de trabalho falsamente acusados de matar seu chefe que fogem viajando pelo tempo.

O grupo que Kurt Cobain imitou

Kim Deal, David Lovering, Joey Santiago e Black Francis: grande banda

Se você é fã do Nirvana e busca consolo em Foo Fighters e Sweet 75, prepare-se que há coisa melhor no mercado. *Death To The Pixies*, CD duplo, exuma o fino do grupo que inspirou a cobainiana equação demência/barulho + doçura/melodia. São dezesseis faixas em estúdio no esquema *best of*, mais um álbum ao vivo. Cultuado por David Bowie e meio mundo do rock anos 90, o Pixies implodiu há seis anos. O vocalista Black Francis, que seguiu carreira como Frank Black, sem repetir o brilho, comenta o culto à sua ex-banda. "Deixamos alguns bons discos, mas Henry Rollins e Jesus & Mary Chain também impuseram suas marcas." Não considere a modéstia: compre correndo.

ALIEN

NOTÍCIAS DE OUTROS MUNDOS

Peitos? Que peitos?

Não tem pra ninguém... Numa eleição da revista inglesa *Maxim*, a nossa Suzaninha Werner levantou o caneco como a esportista mais gostosa numa disputa com três outras beldades do desporto mundial. A atuação da namorada do Ronaldinho foi brilhante: nota 10 em quesitos como aparência, performance, adrenalina, efeito lycra e peitaria. Nesse último item, a publicação faz o seguinte comentário: "Peitos? Que peitos? Não conseguimos tirar os olhos do seu bumbum..."

MTVideo

It's cool, dude... Os melhores episódios da série *Beavis & Butthead* estão sendo lançados em home-video. As fitas fazem parte de um pacotão da CIC que inclui produções exclusivas da MTV, como a série *Unplugged* e *O Melhor do Video Music Awards*, além de desenhos como *The Maxx*, *O Cabeção* e *Aeon Flux*.

Ferro na boneca

Uma beleza a bonequinha ai embaixo, né? Seu nome é Stacy e ela faz tudo, tudinho mesmo, que você desejar... Ficou animado? Calma aí, taradão, por que a fetiche (foto) é todinha de silicone e custa aproximadamente US$ 4 mil. Real Doll é a empresa que fabrica esta e outras gracinhas, louras, ruivas, negras... Todas perfeitinhas, nos mínimos detalhes, até mesmo nos, perdoe a grosseria, artifícios. Confira na internet: www.realdoll.com

Nação reunida

Homenagem a Chico Science junta D2, Benjor, Fred 04 (mundo livre s/ a) e Falcão (O Rappa)

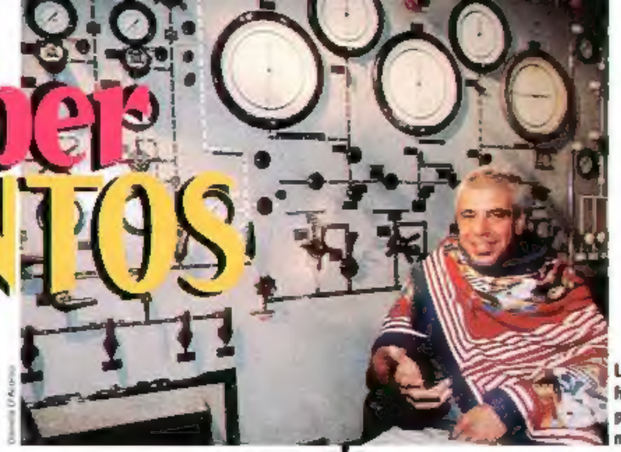
"Malungo" é o nome da canção em que a Nação Zumbi homenageia o falecido Chico Science. A gravação, sem tristeza, foi finalizada em 21 e 22 de outubro no Estúdio Mega, no Rio, com produção de Eduardo Bid. Além da Nação, sob a liderança discreta do percussionista e cantor Jorge do Peixe, "Malungo" reuniu os amigos. "Sugeri que cada um compusesse sua própria parte falando do Chico, para que fosse realmente uma homenagem coletiva. Só a do Benjor eu mesmo tive que adiantar porque ele está muito ocupado com seu disco", explicou Jorge. Ele estava de partida no dia seguinte para Los Angeles, onde, com o colega baturqueiro Gilmar, ia participar das gravações do CD de Max Cavalera. O guitarrista Lúcio Maia já estava lá. "Ele falou que está do caralho, tem cara de Sepultura, mas mostra uns lados que vão surpreender", disse Gilmar. D2 e Falcão gravaram sacaneando Fred 04. "A gente quer usar a expressão 'demorou' na letra, porque o 04 só descobriu hoje o que ela significa", zoava Falcão. O disco da Nação deve ser finalizado em março, e, segundo Jorge, narra a história da banda. "Tem músicas ao vivo, gravadas no Abril Pro Rock de 1996, remixes e quatro novas: "Provedor", "Dubismo" e "Nos Quintais Do Mundo" e "Malungo". Os remixes podem vir de vários lados, até de Mad Professor e De La Soul. "Se eu conhecesse um cirandeiro capaz de fazer remixes, ele seria chamado para participar", garantiu Jorge.

Festa no estúdio: Falcão, Fred 04, Marcelo D2 *(à dir.)* e a galera da Nação

D2 deu mais uma palinha na história "pagando tudo até a última conta". "Não gosto que minha música seja usada para vender cartão de crédito, mas vale pela grana que estamos doando para instituições de combate à Aids." Ele lembrou que a banda tem um histórico relativo à doença (o cantor Skunk morreu em conseqüência do vírus) e que, se eles recusassem a oferta, outra música teria sido usada e os 80 mil reais do cachê teriam virado carros nas mãos de outros músicos. "Ninguém do Hemp tem carro nem casa, todo o mundo vive de aluguel", lembrou. A Sociedade Viva Cazuza e o hospital carioca Gafrée e Guinle estão na lista de beneficiados pelo altruísmo dos maconheiros. (Bernardo Araújo)

Bizzes

Cyber SANTOS vem aí



Lulu no cenário futurista do clipe "Hyperconectividade"

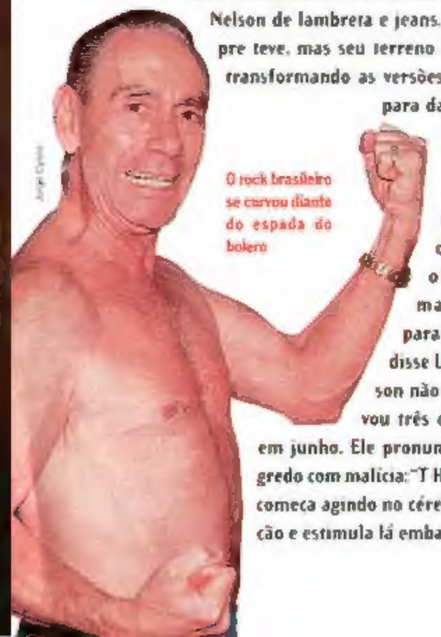
O cinema nacional nunca investiu em ficção científica, mas, se depender do clipe de "Hyperconectividade"*, estamos a um passo do nosso *Blade Runner*. Com Lulu Santos na pele de um devorador de mentes, o vídeo, dirigido por Tony Vanzolini e José Henrique Fonseca, é uma brincadeira com filmes trash, quadrinhos e ficção anos 50. "Um trailer para um filme que não existe", explica Fonseca, que coordenou, num frigorífico abandonado no cais do porto do Rio, os talentos de Lulu e dos atores Bel Kutner e Ernani Moraes. O cantor foi o primeiro a entrar no clima: depois de sofrer para botar lentes de contato vermelhas, não quis mais tirá-las. Encarava a todos como Drácula nos intervalos, se achando o próprio. "Ele está lindo assim", derretia-se Bel Kutner, que, mais à noite, colocaria as lentes só de farra.

Enfiado num elevador de carga ou preso a uma câmara de hiperconexão – "parece o papamóvel" –, Lulu manteve o pique das 15h às 2h da madrugada, quando Bel e Ernani já jaziam num sofá: "Esse caos necessário das filmagens me mantém ligado".

*"Hyperconectividade" faz parte do novo álbum de Lulu, *Liga Lá*, plugado em techno e *drum'n'bass* e recuperando a transgressão da Tropicália. No repertório, inéditas, "Fé Cega, Faca Amolada", "Dê Um Rolê", e um clássico samba de Wilson Batista, "Chico Brito", que já nos anos 40 fazia alusões canábicas – "dizem que fuma uma erva do Norte". Confira no mês que vem uma entrevista épica de Lulu, que passou 13 horas (!) com nosso bravo colaborador André Gordirro.

Bolero Espada

Nelson Gonçalves retorna com o CD *Ainda É Cedo*, gravando clássicos do rock nacional dos anos 80 – além da faixa título, da Legião, "Me Chama" (Lobão) e "Meu Erro" (Paralamas), entre outras. Mas não espere ver Nelson de lambreta e jeans. Cara de mau ele sempre teve, mas seu terreno é a canção romântica, transformando as versões originais em boleros para dançar de rostinho colado. "Lulu Santos e Frejat choraram de emoção quando ouviram o trabalho", conta o boêmio. Com 78 anos, o homem começa a olhar mais carinhosamente para seus chinelos, como já disse Leonel Brizola. Mas Nelson não deixa por menos. Gravou três clipes e lança novo CD em junho. Ele pronuncia o nome de seu segredo com malícia: "T H E A, uma vitamina que começa agindo no cérebro, desce para o coração e estimula lá embaixo". (Danilo Monteiro)



O rock brasileiro se curvou diante do espada do bolero

SAMBARANGA

O capitão da seleção de 58 não tem culpa nesse "Samba de Janeiro", fixo-hit em primeiro lugar na Europa. Bellini foi o nome adotado por dois produtores alemães especializados em picaretagens dance. Na capa do single, uma moça com cara de vagaba e arcia no bumbum.

Demorou

Dolores e sua barriguinha, que já deve estar estourando

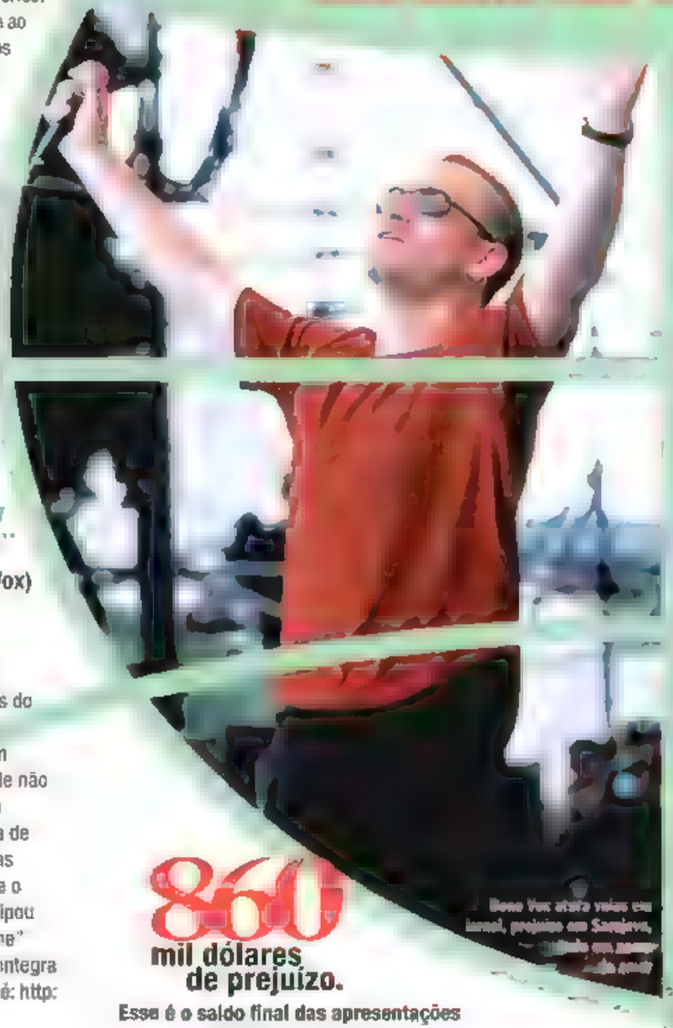
Os sumidíssimos Cranberries deram sinal de vida. Gravidíssima, a cantora Dolores O'Riordan convocou sua turma para gravar em Toronto, no Canadá (onde ela mora). A idéia era registrar antes do parto algumas músicas que já estavam prontas. Ao contrário de Madonna, que se escondeu dos fotógrafos durante a gestação, Dolores posou animadamente para imagens de divulgação (aguarde aí que *nós vai* publicar). "Ela está em ótima forma e não vai sair em carreira solo de jeito nenhum", confirma o porta-voz da banda. O álbum novo, porém, só sai em setembro ou outubro de 1998, depois que o bebê estiver desmamado.

Vida em PopMart

Nada mudou o U2, enquanto seu Bono não vem

BONO NOEL

Sai em dezembro no Reino Unido um single com versão especial de "Perfect Day", clássico de Lou Reed. Bono canta ao lado de David Bowie, Elton John e outros astros do mundo pop. O clipe pode ser acessado pela internet. O endereço é: http://www.bbc.co.uk/info/perfect/index.htm



"Meu pai, a quem eu amo muito, é um desses caras que acreditam em tudo que lê"
(Bono Vox)

ADAM NA REDE

O baixista do U2 foi sabatinado via Internet logo após as apresentações do grupo em Dublin. Ele respondeu a perguntas do tipo "você deixaria um Smurf fazer cover do U2?" – sim, ele não vê nenhum problema nisso – ou "já assistiu a algum filme pornô na tela de *PopMart*?", até questões mais sérias sobre o U2. Adam ainda revelou que o rapper Dr. Dre por pouco não participou de uma das versões de "O scotthèche". Você pode conferir o bate-papo na íntegra acessando o sit do U2. O endereço é: http://www.u2popmart.msn.com/

860 mil dólares de prejuízo.
Esse é o saldo final das apresentações do U2 em Sarajevo.

"Eu só queria ter tido uma ereção na hora da foto..."
(Adam Clayton, sobre ter posado nu na capa de *Achtung Baby*)

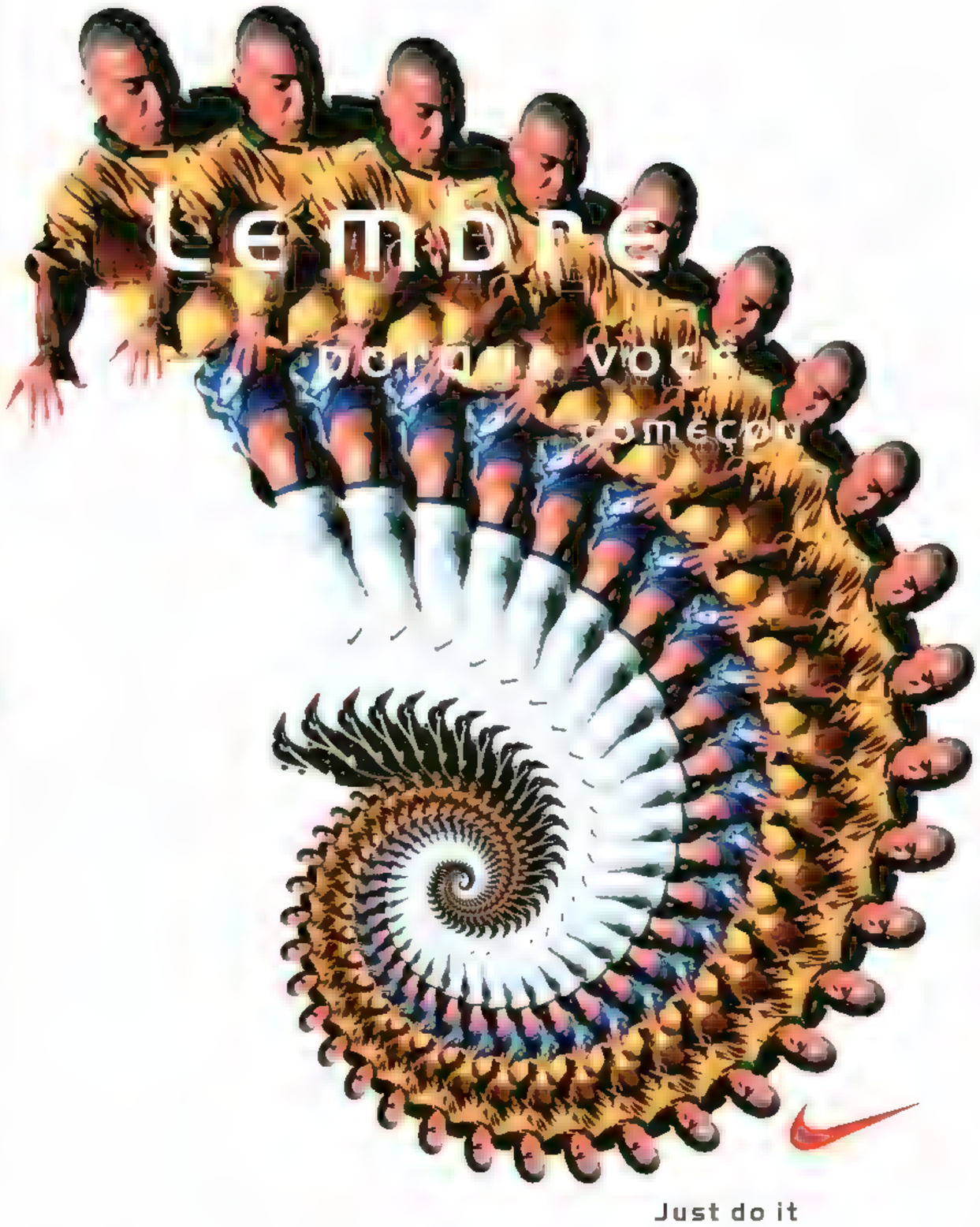
Os ingressos para os shows do U2 no Brasil devem estar à venda nas lojas da rede C&A a partir da primeira quinzena de novembro. Eles custarão em torno de 30 reais.

"PLEASE! NÃO VAIEM!"

O U2 foi vaiado durante seu show em Telaviv, Israel. O público detestou quando Bono pediu a libertação de Mordechai Vanunu, homem que revelou segredos nucleares dos israelenses. O cantor só reparou o estrago quando saudou o ex-primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin, assassinado a tiros por um fanático.

TRABALHOS MANJAS

Numa entrevista à publicação inglesa *Q*, Bono Vox revelou uma aptidão diferente do DJ e produtor Howie B. O rapaz foi responsável pela manufatura dos baseados durante a gravação de *Pop*. Howie teria inclusive ensinado as mumunhas dessa arte milenar ao batera Larry Mullen Jr. Enquanto isso, Brian Eno, ex-produtor da banda apoiou o jornal britânico *The Sunday* em sua campanha para a descriminalização da maconha.



REPÓRTER BIZZ

Na boca

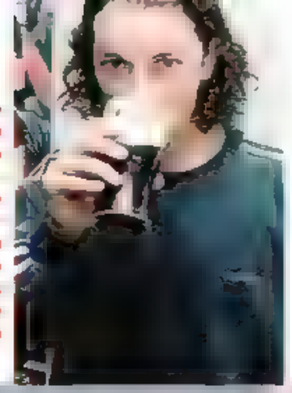
por ROBERT HALFOJN, de Dublin, Irlanda
fotos MICHAEL QUINN

Em cima do lance, SHOWBIZZ vai à terra do U2 e penetra no backstage do BUSH, pouco antes de o grupo chegar ao Brasil

"Peraí, peraí, é só um minutinho..." Pouco depois do triunfo no palco do SFX Centre, casa de shows em Dublin onde o Bush sacudiu 3 mil adolescentes irlandeses, o vocalista Gavin Rossdale está compenetradíssimo no camarim, tentando apertar mais um baseado. Olhos meio fechados, os movimentos lentos, você sabe... Ele desiste da seda e pega um cachimbinho de vidro colorido. Entulha o troço de erva e acende. "Fiffffff... Ta a fim?", pergunta, segurando a tragada. Ao contrário do que diz a versão oficial, o nome Bush (arbusto, em inglês) não vem do bairro – Shepherd's Bush – onde Gavin nasceu em Londres. "Na Inglaterra, usamos a palavra Bush quando pertainos muzinho", confessa o cantor, que garante não tocar em nenhum outro tipo de droga. Gosta mesmo é de saborzinho de maconha na boca. "Não considero a maconha uma droga. É um tempero, é como sal na sua comida", defende, em quanto alguém lhe dá uma cerveja. "Gulp... Tá a fim?", oferece.

Rola uma festinha no camarim. Tem gente da banda, gente que trabalha com a banda, gente amiga da banda e, claro, gente que não tem nada a ver com a banda. E é no meio dessa confusão que Gavin não resiste, se aproxima de um gravador e solta um sotaque "*Roots, bloody roots!*" Depois, bom inglês que é, avança sobre o nobre esporte bretão ao expor seus conhecimentos sobre o Brasil. "Pelé, Tchuminho..." Gavin é maluco por bola, chegou a jogar profissionalmente, mas teve de parar depois de tomar muita falta por trás. "Meu problema é que eu jogava como os brasileiros: teatralmente talentoso", diz, levantando a calça e mostrando a cicatriz no joelho. Fora dos campos, agora é ele quem dá porrada. "Pelé revolucionou o futebol assim como o Bush está revolucionando as guitarras na Inglaterra", compara sem modéstia, referindo-se à performance da banda ao vivo »

No camarim do SFX Centre, em Dublin, Gavin, com a camisa canarinho atual, disse que prefere a seleção de 70. O baixista Dave Parsons e o guitarrista Nigel Pulsford apostam que o Brasil pega o penta



Na foto ao lado, o baterista Robin Goodridge encara uma pretinha, abaixo, Gavin e o baixista Dave Parsons não escapam das fãs após a passagem de som; o lambe-lambe do show e a fachada do SFX

Gavin tem cara de modelo, mas o Bush não faz pose. Ao vivo, descarrega doses cavalares de peso sobre a platéia

Gavin e seus comparsas descarregam doses cavalares de peso sobre o público. A guitarra do astro não é enfeite, não. Ele é um músico de respeito, responsável-mor pelo *punch* inatacável do Bush. Não é por puxação de saco que revistas metaleiras como a *Kerrang!* consideram o show do grupo um dos campeões da temporada, juntamente com o do Marilyn Manson.

No SFX, o público é composto basicamente por órfãos do Nirvana que dão *mosh* sem parar e por meninas que parecem ter saído de casa só para ver Gavin de perto. "Você é jornalista?", pergunta uma delas ao repórter, durante o show. "Se falar mal do Gavin, eu te mato!", ameaça, se virando sem esperar resposta. O gala está sozinho no palco. Sem camisa, só com a guitarra pendurada nos ombros. Ele canta 'Glycerine", abre os braços, faz trejeitos sensuais, maltrata as coitadinhas.

Em termos de beleza física e postura *rocker* no palco, Gavin é uma espécie de Jim Morrison contemporâneo (guardadas as devidas proporções, claro). Tem 30 anos (completados dia 30 de outubro) e, de perto, a imagem do desleixo: cabelo ensebado e unhas sujas. "Morrison era mesmo o máximo... Mas Jimi Hendrix era sexy pra caramba também. Esse tipo de coisa faz parte do rock. Sou alvo de gente que tem muita inveja", reclama o *bush doctor* (apelido de Peter Tosh, com quem Gavin tem alguma coisa em comum – e não é a marca do cigarro) branco. "Esse tipo de preconceito não me incomoda. Sou muito pouco vaidoso, não ligo para o que estou vestindo... Eu apenas gosto de estar confortável", diz.

O que realmente faz a úlcera de Gavin queimar (assim como Kurt Cobain, o cara tem um buraco no estômago e não se espante se pegá-lo tomando um leitinho por aí) é quando escrevem ou dizem que um sujeito com cara de modelo não pode fazer rock de qualidade. "Você provavelmente não esperava que tivessemos uma pegada tão forte ao vivo, só por causa do meu visual...", questiona. "Se eu tivesse um monte de tatuagens, *piercings* e fizesse cara de mau, as pessoas pensariam de maneira diferente." Certo. Em compensação, não faria tanto sucesso com as mulheres né? Só que Gavin diz que não está preocupado com isso. E garante que não se envolve com fãs. Certa vez, uma delas lhe prometeu um "trabalho-de-sopro que o faria ver Deus". O cara saiu fora: "Eu já tenho um relacionamento muito bom com Ele". Namorado de Gwen Stefani, do No Doubt, o sortudo alega ser um sujeito reservado, que gosta de tranquilidade e de relacionamentos duradouros. E é aí que mora o perigo para a lourinha que canta "Don't Speak". Gavin esconde que ainda nutre fortes sentimentos pela ex-namorada Jasmine, com quem ficou junto por quatro anos. E, por um desses rabos jornalísticos, foi exatamente neste show em Dublin que os pombinhos se reencontraram depois de dois anos sem se ver.

Corte para algumas horas antes do show. Durante a passagem de som Gavin chega ao local acompanhado de uma ruiva bonita, alta, magra, puxando pela mão a irmã, uma lourinha de uns 12 anos de idade. O vocalista parece radiante e preocupado em mostrar como as coisas funcionam bem por ali. Ele sobe ao palco, explica para que serve cada equipamento, apresenta toda a equipe às meninas e avisa aos seguranças: "Elas estão com acesso total".

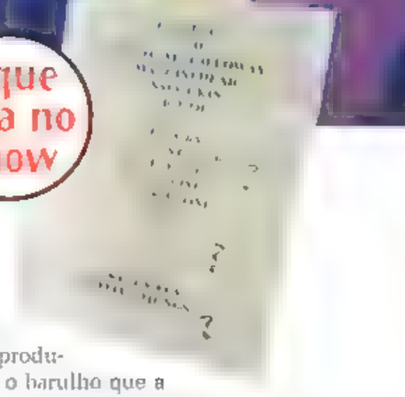
Gavin queria fazer bonito. Na última vez em que estiveram juntos, ele não havia mandado tão bem. Pediu a [illegible] que o acompanhasse numa apresentação nos EUA, mas a ruivinha, modelo requisitada, tinha um trabalho para fazer no Japão. Gavin não aceitou um não como resposta. Disse a ela que pagaria o equivalente ao seu cachê para que abandonasse tudo e fizesse o que ele queria.

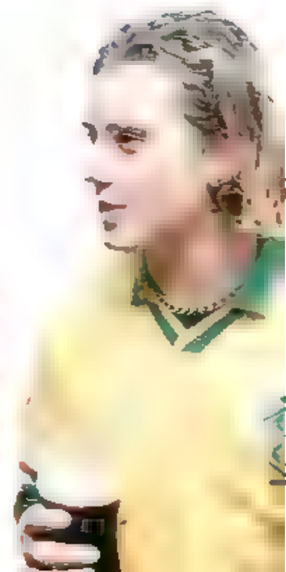
De volta ao camarim pós-apresentação, um frágil Gavin confessa sua emoção naquele momento. "É muito importante para mim que ela esteja aqui hoje. Ela foi o grande amor da minha vida", diz, baixinho, para que mais ninguém lhe ouça. Mas... e a Gwen? Vocês ainda estão juntos? "Pshshshsh...", balbucia enquanto faz um sinal de positivo com a cabeça e cruza as mãos, dando a entender que ali não é bom lugar para tocarmos no assunto. Gavin tem razão. E o novo disco? "Ano que vem, vou ter quatro meses para pensar nas novas músicas, agora estou concentrado nos shows. Damos tudo de nós em cada apresentação. É como se fossemos morrer no dia seguinte...", revela. Depois de passar pelo Brasil, a banda vai dar um giro pelo resto da América do Sul e toca a turnê até o dia 20 de dezembro. "No Natal damos um tempo para virarmos seres humanos de novo e, em janeiro, no dia me isolo na minha casa na Ilha de Man para compor as músicas do novo disco. Tenho um estúdio lá e brinco com meu cachorro Pully (um sheep-dog húngaro cheio de *dreadlocks*, que aparece na contracapa do primeiro disco, *Sixteen Stone*), tomo cerveja, faço música, vou dormir, acordo, faço música, vou ao pub".

Com mais de 14 milhões de cópias vendidas dos dois primeiros discos, *Sixteen Stone* e *Razorblade Suitcase*, Gavin diz que não está preocupado em repetir o sucesso. "Meu desafio é tentar reproduzir em CD todo o barulho que a banda faz ao vivo", ressalta. Para isso o produtor Steve Albini (o cara que sujou ainda mais o som do Nirvana em *In Utero*) deve trabalhar mais uma vez com a banda. Antes disso, porém, ele pretende realizar um desejo: "Grava aí, grava aí: eu quero mandar um recado para o Ronaldinho. Olha, se nos cruzarmos algum dia, troco a minha guitarra pelas suas chuteiras".

A guitarra de Gavin não é enfeite. O cara tem boa pegada e combate o som do Bush

O que rola no show





Aqui, Gavin toma cerveja... Mas não se espante se pegar o bonitão com um copinho de leite na mão. Como Kurt Cobain, o gala tem úlcera no estômago

As portas da esperança

por JOSÉ EMILIO RONDEAU
de LOS ANGELES

O sonho de consumo dos fãs de THE DOORS vira realidade numa caixa de 4 CDs

O vento de outubro sacode as folhas das palmeiras de Sunset Strip, enquanto o sol, prestes a se pôr no Pacífico, pinta as colinas de Hollywood e os prédios de um tom de rosa quase impossível. A coloração ajuda a dar uma aura surreal ao *outdoor* montado no topo do Whisky, casa noturna clássica desse trecho da Sunset Boulevard e palco obrigatório da realeza rock desde os anos 60, quando se chamava The Whisky A Go-Go e tinha como atração meninas de minissaia e botinhas dançando em jaulas elevadas. Ainda hoje, grupos emergentes precisam pagar para tocar - e se promover – no mesmo lugar por onde passaram lendas como Led Zeppelin, Byrds, Mothers Of Invention e Jimi Hendrix. »

Em cima do Whisky, nesta tardinha californiana, está a foto ampliada de uma banda cujo último disco de carreira saiu há mais de duas décadas. A mesma foto de 1967 usada, trinta anos atrás, para anunciar, num *outdoor* colocado no mesmo telhado, o lançamento do primeiro álbum do grupo, batizado simplesmente *The Doors*.

O *outdoor* ressuscitado é carregado de forte simbolismo: os Doors eram a banda da casa no Whisky. Do outro lado da rua, numa suíte do hotel Bel Age, o guitarrista Robby Krieger dá as costas ao Whisky e ao *outdoor*, mais preocupado em saborear uma barra de chocolate – descobrir onde foi parar o seu boné, sumido faz algumas horas. Aos 51 anos, ele pouco se parece com o garotão de cabelos negros eriçados e beiço caído da foto do *outdoor*.

Na manhã do dia anterior, Krieger, o baterista John Densmore e o tecladista Ray Manzarek – seus dois companheiros dos Doors que ainda estão vivos, após a morte do vocalista e letrista Jim Morrison, em 1971 – voltaram ao Whisky. Para fazer as pazes com o sujeito que os teria colocado na rua por causa de uma versão embrionária da edipiana "The End" ("Papai, quero matá-lo/ Mamãe, quero fodê-la") e para promover, em seu antigo QG, uma calorosa coletiva de imprensa para marcar o lançamento do primeiro caixote de toda a carreira da banda, *The Doors Box Set*.

São quatro CDs repletos de raridades e de shows históricos – dos quais 70% rigorosamente inéditos – cobrindo toda a carreira da banda. Há desde antigas fitas-demo, datadas de 1965, até chegar a "Orange County Suite", música gravada poucos meses atrás por John, Robby e Ray como complementação a uma faixa inacabada deixada por Jim Morrison.

Cercados no Whisky de fãs que ainda nem haviam nascido quando Jim morreu – bem como de betes e jornalistas grisalhos –, os três integrantes vivos dos Doors não são mais crianças. O [illegible] Densmore completa 53 anos em dezembro, e Manzarek, o mais velho da turma, já passou dos 62. Mas eles ainda são capazes de provocar uma comoção: na saída, os mais afoitos deixaram o Whisky carregando os pôsteres do evento. Detalhe: eram os mais jovens. "Há anos a Elektra Records vinha querendo que a gente fizesse um caixote dos Doors", argumenta Krieger, no dia seguinte à coletiva. "Primeiro, eu achava que um caixote fosse uma caixa reunindo todos os nossos seis discos. Mas, depois, vasculhando os arquivos, encontramos muita coisa inédita que os fãs da banda gostariam de ouvir."

Não houve um critério específico na seleção das faixas que entrariam no caixote, continua Robby: "bastava ser bom e interessante para os fãs, algo que eles não conseguiriam viver sem ouvir. Não precisava ser uma gravação perfeita – a guitarra podia estar um pouco desafinada, coisa que trinta anos atrás nós jamais permitiríamos. Mas, tendo vivido com esse material todo por tanto tempo, você para de se preocupar com coisas assim."

Krieger acha que parte das faixas do caixote ajudará a mudar a percepção de que Jim Morrison era uma alma perdida, um poeta sofredor. "Ao longo do caixote", ele diz, "você vai descobrindo muito do lado humorístico de »

"O público vai descobrir o lado HUMORÍSTICO de Jim neste caixote" (Robby Krieger)

Robby Krieger, John Densmore e Ray Manzarek revivem trinta anos depois a [illegible] dos Doors no Whisky A Go-Go

Um sonho a menos

O que existe em comum entre o estilo antropofágico de Jim Morrison e o – aparentemente – careta Johnny Rivers, cantor de sucessos como "Do You Wanna Dance" e "Poor Side Of The Town"? Simples: os dois se projetaram a partir de temporadas no Whisky A Go-Go, lendária casa de shows de Los Angeles.

Surgido no final dos anos 50, o clube recebia uma clientela VIP: era comum topar com astros de cinema, como Sophia Loren, e roqueiros da Califórnia. O Whisky começou apresentando bandas de jazz, mas se bandeou para os lados do rock em 1964, ao contratar Johnny Rivers – que volta e meia lança um disco gravado nas dependências do clube.

Os Doors se tornaram a "banda da casa" em 1967, abrindo shows para Buffalo Springfield, Frank Zappa e Jefferson Airplane. [illegible] celebra Ray Manzarek. "Van Morrison, Jim Morrison, Them e The Doors! Fizemos umas covers de blues e mandamos 'Gloria'."

Foi no Whisky A Go-Go que Jim Morrison burilou sua persona de símbolo sexual. Culpa, em parte, da empresária da casa, Ronnie Haran, que aconselhava o vocalista a tocar sem roupas por baixo e usar sua sensualidade para hipnotizar a plateia.

Numa dessas noites, Morrison estava numa trip de LSD e não apareceu para tocar. Uma equipe de resgate foi até o Tropicana Hotel, onde o vocalista estava hospedado, e o encontrou debaixo da cama. Ele se recuperou e chegou ao Whisky A Go-Go a tempo de interpretar a versão edipiana de "The End" e ser expulso da casa. Semanas depois, o Doors assinaria seu primeiro contrato com a Elektra. O resto é história.

Depois de acolher as principais bandas dos anos 60, o Whisky A Go-Go passou por um período de ostracismo na década seguinte, perdendo espaço para os astros de *disco music*. Hoje em dia, ele foi rebatizado de Whisky e recebe grupos como o Pearl Jam – que, em vão, tentam recuperar a aura mágica que cobria a casa nos anos 60.

Escolado pelas lições de sexualidade aprendidas no Whisky A Go-Go, Jim Morrison coloca a plateia para ferver numa apresentação de 1967

Em seus jovens tempos, os Doors eram considerados "carnívoros numa era de vegetarianos"

"Tivemos tudo que amantes já tiveram, ESTRAGAMOS tudo e eu não estou triste" Jim, em "Orange County Suite"

Jim. Ele adorava pregar peças nos outros. Tinha uma personalidade dupla. No palco, conseguia fazer a platéia passar por toda uma gama de emoções. A vinheta "Adolph Hitler ... é o melhor exemplo desse lado bufão." Adolph Hitler está vivo. Dormi com **ela** a noite passada", solta o cantor, no meio de um show. Os duplos sentidos sexuais de "Poontang Blues", os improvisos de "Rock Is Dead" e a morbidez debochada de "Someday Soon" reforçam esse Jim mais descontraído.

Como enfatizado na coletiva do dia anterior, a intenção do caixote não seria comercializar nostalgia, à la *Anthology*, dos Beatles. "Embora obviamente, vá haver uma certa dose de nostalgia, porque são coisas antigas. Muitos dos fãs dos Doors são jovens e nem sabem que os Doors são uma banda dos anos 60. Ouvem e contam para os pais: 'Descobri uma banda incrível!'", *risos!*

E por que a música dos Doors soa nova para essa garotada? "Não sei", admite Robby, "quisera saber a resposta. Acho que é uma honestidade, algo que você não ouve muito hoje em dia."

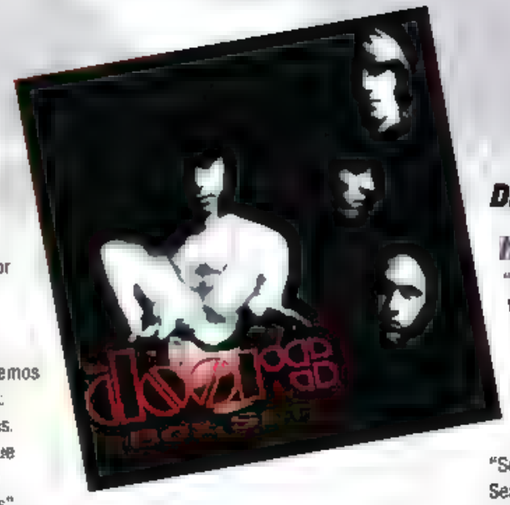
A conversa descamba para um assunto levantado no dia anterior por Ray Manzarek, a diferença entre a cena de rock dos anos 60 e a indústria pop dos anos 90. Haveria mesmo uma distinção a ser feita, ou a passagem do tempo romantizou o passado? "Era diferente mesmo", garante Robby. Não era um *business* como é hoje. Antigamente, tudo que a gente queria era ouvir nossa música no rádio – tocar e descolar umas garotas. Nós nunca imaginamos que seria possível viver de música.

"Hoje é tanta grana envolvida!", exclama. "Quando ouço falar de uma nova banda, o objetivo dela é assinar contrato com uma gravadora. Os caras farão qualquer negócio para assinar esse contrato. Por exemplo, no ano passado meu filho tinha uma banda chamada Bloodline. A gravadora não apenas impôs a pessoa com quem deveriam compor, mas também impôs o produtor! Queriam que eles soassem como outra banda do mesmo selo. Como é que se cria arte assim? Os caras da gravadora não são músicos! Não são artistas! O que é que eles sabem?"

Fica difícil imaginar como uma banda como os Doors – selvagem, carnívoros numa era de vegetarianos musicais – sobreviveria no clima careta da indústria do rock atual. Para Krieger, não haveria problemas. "A banda soaria tão nova, que se destacaria. Pelo menos é o que eu espero que acontecesse." ⊡

Lirismo inédito

Pérolas da caixa



Disco 1
Without A Safety Net

"Five To One" – Versão gravada ao vivo na fatídica noite em Miami que valeu a Jim Morrison um processo por "exposição indecente" e outras acusações correlatas. Possesso, ele alarga o discurso libertário da letra original ("eles têm os canhões, nós temos os números") com um pito na platéia: "Vocês são todos um bando de idiotas. Deixam as pessoas lhes dizerem o que fazer. Talvez vocês adorem ter a cara enfiada na merda. Bando de escravos"

"Queen Of The Highway" – Versão jazzística, com Ray Manzarek dando uma de Bill Evans. Sofisticação para quem rejeita The Doors pelo "órgão de churrascaria".

"Rock Is Dead" – Sobra das sessões de *Morrison Hotel*. Jam bêbada (de cerveja Dos Equis) após jantar em restaurante mexicano, em que Jim fala de pais repressores, garotos rebeldes e "enquanto eu tiver fôlego, a morte do rock é a minha morte". Em 1969, ele explicou assim: "O brilho inicial se foi. O que chamavam de rock'n'roll está decadente"

Disco 2
Live In New York

(Madison Square Garden, 1970)

"Blue Sunday" – Uma das mais belas canções dos Doors, escrita para Pamela, em rara versão ao vivo, naquele que é considerado o melhor show gravado do grupo. Jim mostra sua faceta sinatresca.

"Gloria" – O clássico do irlandês Van Morrison surge em sua versão mais libidinosa.

"Crawling King Snake" e "Money" – Ao vivo, em 1970, The Doors traçam os clássicos de John Lee Hooker com o reforço de outro *bluesman* mágico na guitarra, Albert King.

"The End" – O clássico, no pleno esplendor de sua insanidade.

Disco 3
The Future Ain't What It Used To Be

"Break On Through" – Ao vivo na Ilha de Wight, último registro da banda antes do fim.

"Summer's Almost Gone" – Pérola de 1965, essa bela canção "sobre perda de inocência" pergunta: "À noite nadamos no mar do riso, quando o verão se for, onde estaremos nós?"

"Someday Soon" – Gravada ao vivo em Seattle, 1970, outra gema esquecida. A letra fala de morte com leveza.

"Orange County Suite" – O "Free As A Bird" dos Doors, feito sobre um poema para Pamela (ela era de Orange County – assim como Gwen Stefani, do No Doubt). Os versos são de beleza estranha ("Ela era uma viagem e tanto/ Ela quase nunca estava lá/ Mas eu a amava assim mesmo") e possuem o tal lado de não se levar muito a sério ("Tivemos tudo que amantes tiveram /Estragamos tudo e eu não estou triste"), mas emocionam.

*** O quarto CD traz apenas músicas conhecidas, escolhidas por Ray Manzarek, Robby Krieger e John Densmore**

O profissional

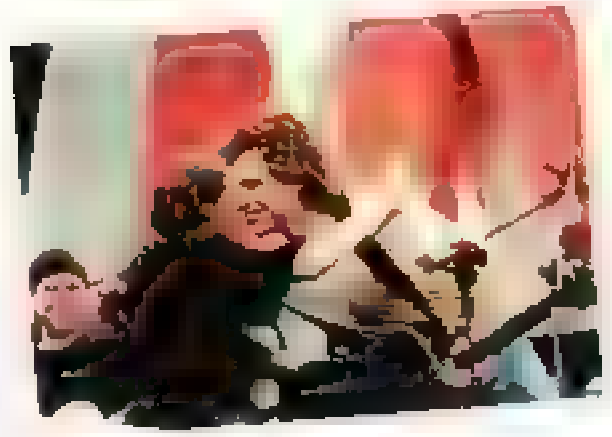
Jon Bon Jovi encara o lado trash da TV e provoca histeria em quatro dias de ralação promocional no Brasil

por CARLOS EDUARDO OLIVEIRA
fotos JORGE ROSENBERG

Vida de popstar internacional é dura. *Destination Anywhere*, último álbum solo de Bon Jovi, não foi a lugar nenhum no mercado americano (em outubro, não figurava nem entre os 200 mais vendidos da *Billboard*). E o rapaz de New Jersey precisou se garantir na periferia econômica do mundo. Veio ao Brasil para quatro dias de muito trabalho e quase nenhuma diversão. Por onde passou, levou fãs à histeria. Esteve no *Programa Livre* de Serginho Groisman, no *Planeta Xuxa* e no *Domingão do Faustão*. Gravou participação até em *Malhação*. Deu entrevistas no Hotel Sheraton Mofarrej (o mesmo em que ficou Bill Clinton, outro visitante ilustre naquela mesma semana), em São Paulo, e fez um *showcase* acústico para convidados no Rock In Rio Café, no Rio, deixando sempre uma multidão de adolescentes com pulga nas calcinhas. Quem achava que seu momento como grande ídolo pop das meninas do Brasil já tinha passado, quebrou a cara. »

O esforço das "[illegible]" [illegible] Programa Livre

[illegible]



"[illegible]?" "[illegible]!"

[illegible]

O SBT parou [illegible] Bon Jovi

"Faço tudo que ele pedir, tudo mesmo", gritavam as mais afoitas. Para tirar uma casquinha de Jon, valia quase tudo: vigília na porta do hotel, invasão à sede da gravadora PolyGram, na Avenida Paulista (onde ele nem passou), tumulto na porta das emissoras de TV, tentativa de suborno a jornalistas e até a velha tática da hospeda-

"Você pode dançar a dança da bundinha?" *"No chance."*

gem-no-mesmo-hotel – coisa de tiete abonada.

A gravação do *Programa Livre*, na Via Anhanguera (São Paulo), parou o SBT. Os próprios funcionários foram direto tietar o astro, que chegou em alto estilo, de helicóptero. "Esse gringo é muito fresco. Tentei conversar durante o vôo, mas o cara não dá entrada mesmo", reclamou o comandante Hamilton Rocha, cicerone aéreo do cantor. Falando caipirês fluente, Zé Bon Jovi, pretenso sósia, tentou uma aproximação: "Tenho uma banda cover, sou de Sorocaba". Foi devidamente embarreirado. No camarim, Jon teve tudo que havia exigido: água mineral francesa Evian, frutas da época, mel, café, Coca Light, chá de ervas especial para a garganta, espelho gigante e TV permanentemente ligada na CNN. Nos corredores, aspirantes a modelo dependuradas em crachás circulavam, disfarçando a tietagem com ar compenetrado. Até os astros mirins Sandy e Junior estavam lá. "Se algum ser humano que não seja o Serginho se dirigir a ele, ele levanta e vai embora", ameaçava um dos produtores do programa.

Jon Bon Jovi no *Programa Livre*: estava sem [illegible] nessa hora [illegible]

Vinda de Franca, interior de São Paulo, Nathalia Homem de Melo, 14 anos, chorava sem parar e, quando surgiu a chance de fazer uma pergunta ao ídolo, mal conseguiu falar. "Você é a melhor pessoa do mundo, meu sol, minha vida, meu Deus, minha alma, minha mente, minha luz", metralhou, entre soluços. "Posso te beijar aqui?" perguntou, apontando a bochecha. "*Sure*", consentiu Jon.

"Você pode dançar a dança da bundinha?", arriscou outra menina, mais atrevida. "Sem chance", foi a resposta, após rápida consulta à tradutora. O set *unplugged* de meia hora convenceu até os mais céticos. Na hora de ir embora, choradeira e faniquitos entre as meninas. "Foi histórico, nunca tinha visto loucura assim", concluiu Serginho Groisman.

Jon foi simpático e deu muitas risadas na entrevista a Sabrina, da MTV. "Provavelmente porque gostou das perguntas", conta ela. A despedida foi formal, apenas um aperto de mão. Na dele, o cantor cumpriu sua agenda puxada assim, sempre compenetrado. Até os micos ele pagou com o maior profissionalismo. Xuxa, por exemplo, ele encarou com um mínimo de folclore. "Os dois não se falaram longe das câmeras e ele não fez a menor questão de conhecê-la", informou uma fonte global. Segundo Mônica Muniz, assessora de imprensa de Xuxa, ela estava se trocando quando ele chegou, por isso não houve oportunidade para um encontro. Durante a entrevista, respondendo a perguntas do tipo "é casado?", »

Sem tempo para a caipirinha

Baixinho, aliança com brilhantes no dedo esquerdo e pulseira mexicana de prata no punho direito. Reflexo no cabelo, entradas que, daqui a alguns anos, vão requerer um implantezinho – para que Jon não repita a sina de Peter Frampton. Combinando bota de caubói com discretos jeans e camiseta, Jon Bon Jovi foi a maior simpatia na entrevista que deu à SHOWBIZZ (nota do Ed: e olha que o Carlos está longe de se parecer com a Sabrina). "Gostaria de cair na noite e tomar caipirinha, mas não vai dar tempo", lamentou.

O disco só não tem vendido como se esperava nos EUA. Isso incomoda? É o real motivo desta tour promocional?

A tour estava acertada antes mesmo do fim das gravações, mas, independentemente disso, as baixas vendagens me incomodam, claro. Se tivesse feito a mesma coisa lá, o disco poderia vender melhor. Escrevi as canções primeiro para mim, mas é óbvio que quero que as pessoas tenham a chance de ouvi-las.

Quais são suas séries favoritas na TV americana?

Não assisto TV, é tudo podre! Você perde tempo vendo séries mal escritas e mal dirigidas, histórias ridículas! Prefiro ir ao cinema ou assistir a documentários sobre história.

Música ou cinema: o que proporciona mais satisfação pessoal e profissional?

São coisas diferentes. Eu não escrevo meu trabalho de ator, apenas me adapto à máquina. Mentiria se dissesse que sinto pelo cinema a mesma paixão que tenho pela música.

Quando começou a atuar, foi bem aceito pela comunidade hollywoodiana?

Pra ser bem honesto, ainda não sou aceito. Agora estou tendo ofertas para produções menores somente pelos elogios que recebi da crítica. Mas quanto a Hollywood bater na minha porta, é um processo difícil e lento.

Você se leva menos a sério hoje em dia?

Estou curtindo mais as coisas agora do que há dez anos. Posso ser ídolo para as meninas lá fora e fico contente em poder escrever boas músicas, mas não ando sobre a água. O que faço é apenas diversão, não vai ajudar a achar a cura do câncer.

Você não se sente às vezes vivendo numa redoma de vidro, [illegible] contato com a realidade?

Estou aqui a trabalho, realidade é diferente onde eu moro. Não tenho seguranças em casa nem deixo de fazer minhas coisas por medo. Sábado passado, por exemplo, joguei *softball* num parque em New Jersey. Vinte caras, eu, Bruce (Springsteen), Sheryl (Crow). Ninguém notou. Vou ao cinema com Bruce Willis, faço compras com Elton John, e é difícil alguém nos incomodar. Juro por Deus!

Dizem que você é o típico americano de New Jersey, caseiro, careta e cafona. É verdade?

Adoro viajar, mas adoro poder voltar pra casa. Não fico dando respostas pretensiosas para manchetes de jornal como faz o Oasis. Me liguem quando tiverem uma carreira longa, se ainda estiverem por aí, falou? O que querem que eu diga? As besteiras que esses novatos ficam dizendo? Não tenho tempo pra isso, prefiro ficar em casa.

A paixão entre você e sua esposa é a mesma do início do casamento?

Posso dizer que sou bem-casado. Mas a paixão aumenta e diminui. Alguns dias são melhores que outros, como em qualquer casamento.

Por que você está processando seu primo, o produtor Tony Bongiovi?

Porque ele não tinha o direito de lançar os discos com material que gravei ainda moleque (*The Power Station Years*, em três volumes). Não tenho vergonha do material, acho até legal para a idade que eu tinha.

"Não assisto TV, é tudo podre! Você perde tempo vendo séries mal escritas e mal dirigidas"

O calor das meninas contagiou Bon Jovi

Violada no Rio

11 de outubro. O convite da apresentação para 200 convidados e 300 sortudas (nao vale a pena trocar o gênero do adjetivo por causa de três ou quatro marmanjos) vencedoras de uma promoçao de radio dizia "das 18 as 21 horas". As mocinhas, credulas, formavam desde as 17 horas uma longa fila no estacionamento do shopping onde fica o Rock In Rio Cafe. "Tenho 5 035 fotos do Jon no meu quarto, não da nem pra ver a parede", dizia Luiza Jovi Pimentel, 14 anos, enquanto berrava "Livin' On A Prayer" com as amigas.

Na entrada interna havia uma muvuca menor e mais desesperada das sem-convites. "Sai da frente, moço!", berravam Luana Ramos, 13 anos, e Alessandra Cardoso, de 16, que escrevia o nome do idolo no torax da amiga.

Após murta histena, as portas da casa se abriram, por volta das 20 horas, já com Jon, o baixista Hugh McDonald (um sujeito com cara de bibliotecário e que em poucos anos poderá ser tranquilamente chamado de careca) e o violonista Bobby Bandiera sobre o palco. Jon não parecia muito disposto a tocar. Bebericando algo de uma xicara, só faltou bocejar no começo, enquanto reclamava do som e olhava para os colegas. Ao longo do show, no entanto, foi se animando e atendendo pedidos dos fãs. Ao final, o trio acabou tocando quinze musicas, bem mais que as quatro anunciadas. As canções de *Destination Anywhere* predominaram, mas houve espaço para "Blaze Of Glory" (do primeiro disco solo de Jon, trilha do filme *Young Guns II – Jovem Demais Para Morrer*), "Knocking On Heaven's Door" (que já ganhou versão ate de Ze Ramalho) e uma penca de musicas do Bon Jovi, a banda.

"Staring At Your Window" e "With A Suitcase In My Hand" abriram os trabalhos, seguidas por outra do disco novo, "Every Word Has A Piece Of My Heart". As fas começaram a assanhar-se mais com "Livin' On A Prayer", em versao que ja apareceu na coletânea *Crossroad*, ha alguns anos. Entre uma e outra nova, as mocinhas entoavam hits. Assim conseguiram fazer com que Jon tocasse "Always", "Never Say Goodbye" e "These Days", que não estavam no programa. Prova disso era o desespero de Bandiera – sósia latino de Paul Simon – para colar de Jon harmonias que não sabia. Quando o show terminou, após uma hora, estavam todas saciadas.

Jon confirmou que o Brasil era o único país latino-americano que estava visitando e tentou falar frases em português. "Ah, eu tô maluco" foi uma delas. Xuxa dispensou intérpretes sem problemas e, lá pelas tantas, o cantor, segundo testemunhas, deu uma breve conferida no material dela. Breve, porem de cima a baixo, como mais tarde a propria Xuxa mesmo comentou achando que só ela tinha reparado. Na despedida, rolaram beijinhos no rosto.

Faustão se deu mal ao tentar repetir a façanha da loura (na dispensa de tradutores, não nos beijos, claro). Atropelou o intérprete Ricardo Chantilly e quis se comunicar em seu inglês macarrônico. Perguntou se os filhos de Jon Bon Jovi eram tão levados quanto ele. O cantor respondeu: *"They're working on it"* (eles estão se esforçando para ser). O apresentador entendeu como grosseria e anunciou: "Ele disse que veio aqui pra trabalhar". E passou a entrevistar os músicos brasileiros, que fizeram apenas figuração no *playback* safado mandado ao ar. Jon

Luana Piovani e, ao fundo, Jon Bon Jovi em [illegible]

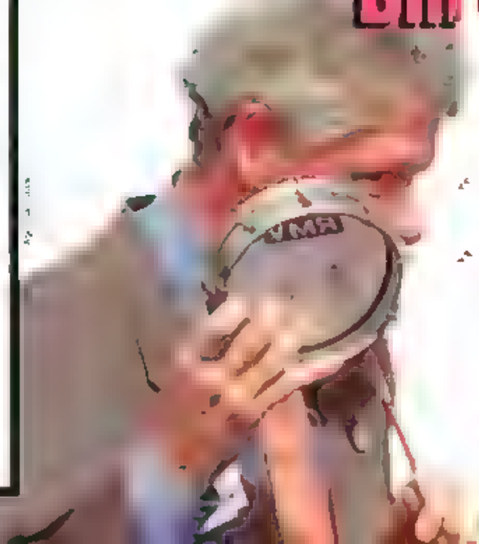
levou essa indelicadeza para New Jersey, mas fez cara feia. "Ficou visível sua irritação", lembra Chantilly.

Pequenos dissabores como esse não estragaram o espírito dedicado do profissional. Para gravar *Malhação* nos estúdios da Cinédia, em Jacarepaguá (Rio), Jon chegou duas horas adiantado e gravou sem problemas os numeros musicais e as cinco falas que tinha. Parte do elenco até tentou bater – "se der, me chica ao lado dele", pediu o ator André Marques a uma fotógrafa –, mas o estouro de um flash fez o diretor Boninho expulsar do local gente que não estava trabalhando. No final, só quem trocou algumas palavras com o convidado foi Luana Piovani, única atriz que falava inglês por ali.

Preocupado com a ginástica que fazia pelas manhãs, nos hoteis em que ficou, e com o cumprimento rigoroso da agenda, Jon passou uma imagem de frieza para aqueles que o acompanharam pelo Brasil. Ricardo Chantilly chuta o balde: "Nunca trabalhei com um cara tão metido. Eu falava e ele não dava a mínima". A intérprete Tetê Rocha, que também acompanhou Jon, chegou a dividir com o astro um prato num restaurante japonês: "Ele comeu o dele, perguntou se eu não queria mais e avançou no meu sashimi". Mas, executando-se esse arroubo de intimidade, o rapaz de New Jersey mostrou-se fechado e sisudo, interessado apenas no trabalho". No começo do ano que vem, ele volta à labuta, desta vez com a banda. As fãs e os fãs esperam que retorne ao Brasil para tocar e cantar para todos, com a mesma dedicação de caixeiro-viajante. E um pouco mais de paixão.

Bill Clinton X Bon Jovi

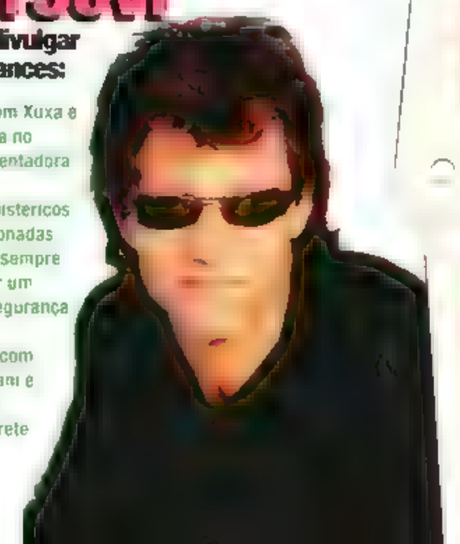
Eles vieram na mesma época para divulgar seus produtos. Compare as performances:



[illegible]
Bateu um papo com Xuxa e deu uma conferida no material da apresentadora

[illegible]
Enfrentou gritos histericos de n nfetas apaixonadas por onde passou. Sempre acompanhado por um esqueminha de segurança

[illegible]
Rolou tete-à-tête com Xuxa, Luana Piovani e Sabrina. Comeu o sashimi da interprete



Programa Livre

morte feliz

Robert Smith avisa que o Cure acaba em 1999, mas garante que a depressão dos anos 80 é coisa do passado

por THOMAS PAPPON, DE LONDRES

O líder do Cure se prepara para festejar quatro décadas neste mundo em 1999. Seus planos? Ao apagar das velinhas, acabar com o grupo.

Ele não quer virar Mick Jagger e é o primeiro a admitir que teria vergonha de um show do Cure com Robert e Simon (Gallup) aos 50 anos, cantando "Boys Don't Cry". Mas ainda faltam dois anos e o Cure continua firme como prova viva de que é possível ter apelo de massa – mais de 25 milhões de discos vendidos no mundo inteiro – mantendo a "independência".

O grupo está lançando *Galore* ("em opulência"), uma coletânea com todos os seus singles desde 1987. De cinza-escuro, com a tradicional cabeleira de espanador, olhos pintados, sem batom, com um coraçãozinho de prata pendurado no pescoço e extremamente gentil, Robert Smith recebeu SHOWBIZZ em Londres, no mesmo hotel em que havia ficado pela primeira vez em 1983, quando tocou no Royal Albert Hall, como guitarrista daquele inesquecível show do Siouxsie & The Banshees eternizado no álbum/vídeo *Nocturne*. Do quarto, vê-se um parque e um palácio, o de Kensington, onde morava uma princesa chamada Diana. »

Você ficou tocado pela morte da princesa Diana?

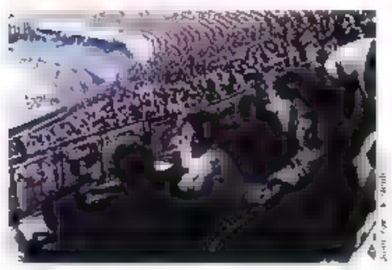
Sim, fiquei. Surpreendentemente. Todo mundo ficou, porque todos achavam que conheciam Diana muito bem, por causa da superexposição na mídia. Até eu, que nunca me interessei pela família real.

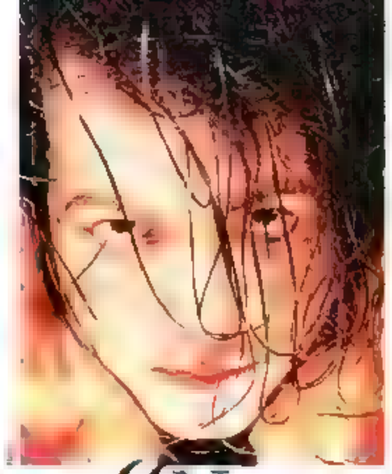
A semana após a morte dela foi única neste país, estranha. Eu estive seriamente tentado a vir a Londres para o funeral dela, só para sentir de perto a emoção das pessoas. Não a conheci pessoalmente, mas creio que a grande simpatia que as pessoas nutriam por ela veio da confrontação dela com a família real. Ouvi falar de gravadoras fazendo acordos para botar seus artistas em discos-tributo a Diana, porque esses álbuns, mesmo sendo beneficentes, vão ter promoção. É repugnante.

***Galore* é um mero ajuntamento dos singles, em ordem cronológica. Por que não foram adicionadas raridades ou sobras de estúdio, para tornar a coletânea mais interessante para quem já possui os álbuns?**

A gravadora queria que a coletânea se chamasse *Greatest Hits*. Mas se algum dia for lançado um disco com esse nome, pode estar certo de que será a minha escolha pessoal das melhores músicas do grupo – e não uma coletânea dos sucessos comerciais. Eu cheguei a compilar um CD com os lados B e as sobras de estúdio para juntá-los a *Galore*, mas a gravadora achou que isso confundiria as pessoas.

O trabalho é dirigido àqueles que não compram discos do Cure. E eu entendo isso, é o que acontece com certos grupos. Por exemplo, não adquiro álbuns do Depeche Mode, mas compraria uma coletânea de singles deles.





"Nos últimos anos, a imprensa disse umas vinte vezes que eu estava morrendo"

"Wrong Number", a última música, é inédita, não?

Nossa gravadora nos EUA insistiu para que o álbum tivesse um single novo. Lá eles quase não lançam singles e os fãs, que já possuem as outras músicas, terão de comprar o disco ou o single importado (*nota do repórter: que nem no Brasil!*). Mas eu esperei um bom tempo, até que tivesse um trabalho novo para apresentar. Fizemos o vídeo dele semana passada, novamente com Tim Pope, que eu não via fazia cinco anos. Algumas cenas tiveram que ser cortadas, cenas com cobras, nós mascarados de diabos. Se fosse outra banda, não havia problema. Mas é que o Cure é considerado *dark*, e todo mundo iria fazer associações com satanistas, esse tipo de coisa.

Você se divertiu nas vezes em que esteve no Brasil?

Sim. Preferi a primeira vez, em 1987. Em vários sentidos. Saí muito mais. O ano passado eu estava muito doente, com uma forte infecção viral, e a viagem de avião acabou comigo. Achei que fosse morrer. Não gostei do primeiro show, não foi legal. Depois passei dois dias na cama e outros dando dezenas de entrevistas. Não deu para curtir, uma pena. Quero voltar assim que tivermos coisas novas.

Então a história de que você teria comido uma linguiça estragada num boteco de estrada entre São Paulo e Rio não é verdadeira?

Na verdade comi uma linguiça excelente! Acho que inventei essa história para que o meu mal-estar não fosse exagerado pela mídia, tipo "Robert Smith está morrendo!" Nos últimos vinte anos, a imprensa disse que eu estava morrendo umas três vezes.

Você faz alguma atividade física?

Jogo futebol quando estou em turnê. O estilo de vida do Cure nunca foi saudável. Mas hoje em dia não bebo nem fumo quando estou em casa.

Há um grande entra-e-sai no grupo. Até que ponto os outros membros são fundamentais no "som" do Cure?

Depende. O Simon (*Gallup*) compôs várias músicas. Por outro lado, não dá para medir as contribuições de Boris (*Williams*) ou de Jason (*Cooper*) na bateria, por exemplo. As músicas do Cure soariam diferentes se as formações fossem outras. Mas a essência da música estaria lá, porque eu escrevi pelo menos 95% dela. O Cure não existiria sem mim. A partir do *Desintegration*, os outros tiveram uma influência maior. Mas acho que um dos aspectos mais importantes do Cure foi diluído no processo. A partir de agora as coisas vão voltar a ser como eram. Voltarei a ser um ditador. Se os outros não gostarem, sinto muito.

Robert Smith assiste a um jogo de futebol no Brasil, em 1987 (*à esq.*). "Gostei mais da minha primeira ida ao país". Ao lado, uma pose da época de *Desintegration*.

Lol Tolhurst (co-fundador do Cure, expulso por Smith em 1989) foi à Justiça contra você. Por quê?

Oficialmente, Lol questionou meu direito legal de botá-lo pra fora do grupo. Ele também achava que teria uma parte sobre os direitos dos discos do Cure em que não toca. Queria receber *royalties* por *Wish (1992)*. Argumentou que as pessoas comprariam discos do Cure porque esperavam ouvir Lol Tolhurst. Por isso, perdeu o processo. No final, a disputa acabou sendo sobre quem deveria ter o direito de usar o nome "The Cure" (*Tolhurst e Andy Anderson, outro ex-Cure, formaram a banda Orpheus*). Ele tentou se aproximar, mas não sacou que nossa amizade se desintegrou três anos antes de ele sair do grupo.

Você tem medo de ser processado pelos outros sete ou oito ex-Cures, a exemplo do que aconteceu com Morrissey e Johnny Marr, processados – e derrotados – pelo baterista dos Smiths?

Por quê? O esquema do Cure é tão justo! Todos fizeram muito dinheiro com a banda, porque todas as composições são creditadas a todos os integrantes, em qualquer das formações – exceto no *The Head On The Door (1985)* e no novo single, "Wrong Number". Faço isso exatamente porque não quero brigar por dinheiro.

O Cure toca músicas de outros?

Gravamos "Purple Haze", do Jimi Hendrix, para um álbum-tributo. E fizemos uma versão de "Young Americans" do David Bowie para o disco da (*rádio alternativa londrina*) X fm. A do Bowie tocamos às vezes num bis quando estou bêbado. Mas nosso forte é justamente o fato de o nosso som ser único, e não ter a ver com nenhuma outra banda.

Você sai bastante à noite?

Raramente. Só vou a clubes com o resto da banda, quando estou em turnê. Não vivo em Londres há dez anos. Saio a noite para ir ao pub, encontro as pessoas normais que frequentam o local. Prefiro esse tipo de companhia. Não tenho mais idade para ir a lugares onde as pessoas poderiam me reconhecer »

Tem planos de ter filhos com Mary?

Não. Nos nunca quisemos ter filhos desde que nos encontramos. Gosto do nosso estilo de vida, e não gostaria de ter de me preocupar com outra pessoa. Confesso que isso é meio egoísta. Tenho 27 sobrinhos e me acostumei a ser tio. Nao tenho a responsabilidade de lhes ensinar o que devem e o que nao devem fazer, não saberia fazer isso.

Você gravou um disco solo entre 1988 e 1989, todo acústico, inspirado no cantor folk Nick Drake. Esse trabalho será lançado?

Duas faixas estavam nessa coletânea de raridades que eu queria incluir no segundo CD para *Galore*. Elas se chamam "Ariel" e "The Four Of Us", saíram em disco pirata, mas não sei se quero lançar o trabalho todo. Quando ouço esse material hoje, após a banalização do sampler e dos sequenciadores, sinto que ele é ingênuo demais. Não tem mais a ver comigo, parece trabalho de outra pessoa. São canções depressivas, foram feitas numa época em que eu estava de baixo-astral, quase desistindo de fazer música. Nos anos 80 eu passei por vários períodos de profunda depressão. Não me sinto mais assim, já faz vários anos. Me sinto mais equilibrado hoje.

Qual é o seu álbum predileto do Cure?

Disintegration (1989). Talvez pela forma como foi feito, pela atmosfera. Eu sabia cada nota, cada som que queria. Estava obcecado, eu vivi e respirei esse disco com muita dor e sacrifício.

A crítica babou com o novo álbum do Radiohead, *OK Computer*. E você?

Eu tive uma certa resistência. Sempre desconfio quando a mídia toda elogia. Gosto tanto de *The Bends* – o álbum anterior deles –, um dos discos mais fantásticos que eu já ouvi... Eu deixava de ir ao pub para ficar ouvindo esse disco pela terceira vez consecutiva. É difícil fazer algo melhor. O *Mellon Collie*, dos Smashing Pumpkins, eu também achei fantástico. Mas *OK Computer* tem muitas passagens que lembram rock progressivo, que eu odeio.

"Sou muito nostálgico, vou sentir falta do Cure"

E do Oasis, você gosta?

Eles tocaram num show conosco recentemente em Los Angeles, no festival de aniversário da rádio K Rock. O Cure era a atração principal. O Oasis era a terceira banda e o Radiohead, a sexta. Tenho simpatia pelos irmãos Gallagher. Os dois são torcedores do Manchester City (*time que há alguns anos caiu para a segunda divisão inglesa*), o que é melhor do que torcer para o Manchester United.

Bom, pelo menos o Manchester City é melhor que o Queens Park Rangers (o time de coração de Robert Smith, também na segunda divisão).

Fuck you!

Você tem planos especiais para a passagem do milênio? O que vai fazer na noite de 31 de dezembro de 1999?

Estarei fazendo 40 anos em abril de 1999, e, no dia do aniversário, pretendo acabar com o Cure. Haverá um eclipse total do sol, o primeiro em trinta anos, na Cornuálha (*no sudoeste da Inglaterra*) e já reservei um hotel para esse fim de semana. Mas ainda não pensei sobre o Ano-Novo. Normalmente fico em casa. Prefiro encher a cara e falar merda com amigos.

Como assim "acabar com o Cure"? Você está falando sério?

Sim, estou. Será o fim do grupo. Quero fazer algo diferente quando estiver com 40 anos. Se não tomar essa decisão em definitivo, o Cure simplesmente irá se arrastar por aí. Quero ter orgulho do legado do Cure. Vou continuar a fazer música e a escrever letras, mas não vejo sentido em manter um grupo apenas por conveniência.

Os fãs vão sentir muita falta do grupo. Eu vou sentir. Sou muito nostálgico, e me sinto rompendo com minha adolescência. Tenho planos de fazer música para filmes. Gosto do anonimato associado a esse tipo de trabalho. O Tim Pope (*que dirigiu vários clipes do Cure e o longa O Corvo 2*) já andou conversando comigo a esse respeito.

Você participou do show dos 50 anos do David Bowie no Madison Square Garden. Bowie ainda te inspira?

Bowie era a minha maior inspiração, ao lado de Nick Drake, Jimi Hendrix e Alex Harvey. É o único artista vivo que já exerceu um impacto emocional sobre mim. Encontrei com ele pela primeira vez fazia uns três anos, quando nos entrevistamos mutuamente para um teste de transmissão da X FM.

Eu estava bebaço e fui extremamente petulante, ficava interrompendo as respostas dele e enchendo o saco. Quando cheguei em casa me senti um idiota, achei que nunca mais teria a chance de conversar com ele novamente. No início deste ano ele me ligou, do nada, me perguntando se não queria participar do concerto dele. Ele tinha gostado da minha atitude!

A nova geração olímpica brasileira

FOME DE MEDALHA.
SEDE DE VITÓRIA.

07 a 16 de novembro - Goiânia-GO

Os atletas do Brasil do futuro
estarão em Goiânia para participar do 3º Jogos da Juventude
Uma nova geração olímpica está nascendo
Venha incentivar essa moçada que tem fome de medalha e sede de vitória

3º JOGOS DA JUVENTUDE
no Brasil 1997

CAIXA
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

BR PETROBRAS

COB
BRASIL

Ministério Extraordinário dos Esportes
INDESP

Brasil em ação

É apenas um megashow, mas a gente adora!

Não tem susto: a nova turnê dos bons e velhos Stones é um sucesso

CHICAGO E EUA

É sempre assim. Toda vez que os Rolling Stones emergem de suas periódicas hibernações, são alvo de piadas envolvendo suas provectas idades e acusados de não passar de uma banda de nostalgia, que ao vivo toca pouquíssimas músicas novas. Contra-atacando as acusações, eles lançam um álbum todo novo, cercado da expectativa de ser o melhor desde *Exile On Main Street*. O álbum novo nem de longe é tão bom quanto *Exile*, mas vem acoplado a uma megaturnê que pode quebrar os recordes de público da história do rock – que ainda são dos Stones. O grupo toca não mais de duas músicas do álbum novo – e pouquíssimo da safra pós-1978.

Dito e feito: a turnê *Bridges To Babylon*, aberta dia 23 de setembro no estádio Soldier Field, em Chicago, partiu solida. Com rigorosamente todos os 54 mil assentos do estádio tomados e show extra marcado para dois dias depois, mais a notícia de que dez das treze paradas seguintes já estão com lotação esgotada. Os Stones poderão ganhar bem mais do que os 140 milhões contabilizados na turnê *Voodoo Lounge*, da temporada 1994/1995, talvez até superar »

Rolling Stones

SHOWBiZZ

os 310 milhões feitos na excursão *Steel Wheels*, de cinco anos antes. O patrocinador, o serviço de telefonia Sprint, trocou 4 milhões de dólares pelo direito de estender um cartaz com seu logo no alto do palco – cartaz este removido antes de a banda entrar. Cercados de um palco que impressiona inicialmente, antes de revelar-se bem mais econômico (barato?) que os das últimas duas turnês – em cada uma das laterais, figuras infláveis imitando estátuas douradas de duas mulheres: uma segurando uma cobra, a outra, de quatro, sobre uma almofada, de coleira no pescoço – e impulsionados por um novo sistema de som caro

Mick Jagger comanda a sua boa e velha energia

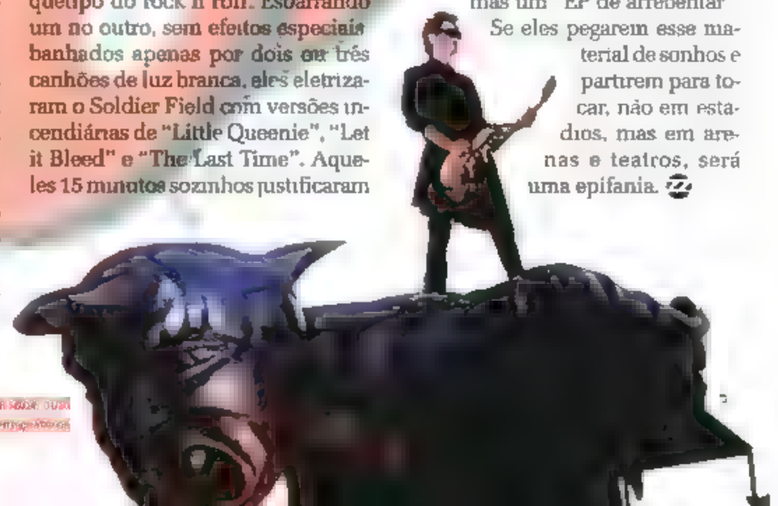
(3 milhões de dólares) e excelente, os Stones surpreenderam ao começar o espetáculo pelo final. Abriram com "Satisfaction", geralmente reservada para o bis. E preencheram as duas horas e meia de show com uma dose generosa de sucessos: "It's Only Rock And Roll (But I Like It)", "Jumping Jack Flash", "Honky Tonk Women"; obscuridades – para seu momento cantor, Keith Richards desencavou faixas perdidas, como 'All About You", do malhadíssimo *Emotional Rescue*, "Wanna Hold You", do *Undercover*; e apenas duas do disco novo, "Anybody Seen My Baby?" e "Out Of Control".

Numa concessão aos tempos internautas, os Stones tocaram uma música escolhida pelos fãs que visitaram o *website* do grupo (no qual promoções prometem passagem e estadia para ver os Stones no Rio, o que deve acontecer em março de 1998'): "Under My Thumb". A banda estava enferrujada e, às vezes, o show ameaçava desmoronar. Mas, como em todo show dos Stones, havia momentos transcendentais.

Em Chicago, esses momentos aconteceram durante "19th Nervous Breakdown" e quando Jagger, Richards, Watts e Ron Wood ocuparam um palquinho secundário diminuto, no meio do estádio, as luzes do palcão principal se apagaram e os Rolling Stones – apoiados pelo baixista Darryl Jones e o tecladista Chuck Leavell – voltaram a ser o que sempre foram: uma banda de baile furreca, sem-vergonha, que, por minutos inebriantes, transforma-se no maior arquétipo do rock'n'roll. Esbarrando um no outro, sem efeitos especiais banhados apenas por dois ou três canhões de luz branca, eles eletrizaram o Soldier Field com versões incendiárias de "Little Queenie", "Let it Bleed" e "The Last Time". Aqueles 15 minutos sozinhos justificaram o ingresso – vendido a 1 500 dólares no câmbio negro. É clara, através do telão, a diferença de atitudes entre Jagger e Richards. **Mick parece estar apenas suando a camisa no seu "ambiente de trabalho" – mas ninguém comanda um show melhor que ele.**

A turnê vai parar ocasionalmente em teatros e clubinhos. Num mundo ideal, faltaria melhorar o repertório, incluindo coisas recentes deixadas de lado à safra 1983/1985 – ou até mais preciosidades obscuras. Mas seria, talvez, pedir demais. Jagger justificou a alta carga de velhos hits. "As pessoas pagam e querem ouvir as músicas antigas. Não há nada pior do que ver aqueles olhares de indiferença quando você toca uma nova." Não custa, entretanto torcer para que Jagger e Richards aceitem o conselho dado pelo crítico Jon Pareles, do *New York Times*. Já antevendo a próxima turnê dos Rolling Stones – com pinta de acontecer no ano 2000 –, Pareles propôs que a banda grave não um novo disco cheio de encheção de linguiça, mas um "EP de arrebentar". Se eles pegarem esse material de sonhos e parturem para tocar, não em estádios, mas em arenas e teatros, será uma epifania.

Prepare-se: os Stones devem passar pelo Brasil em março de 1998



Surpreendente

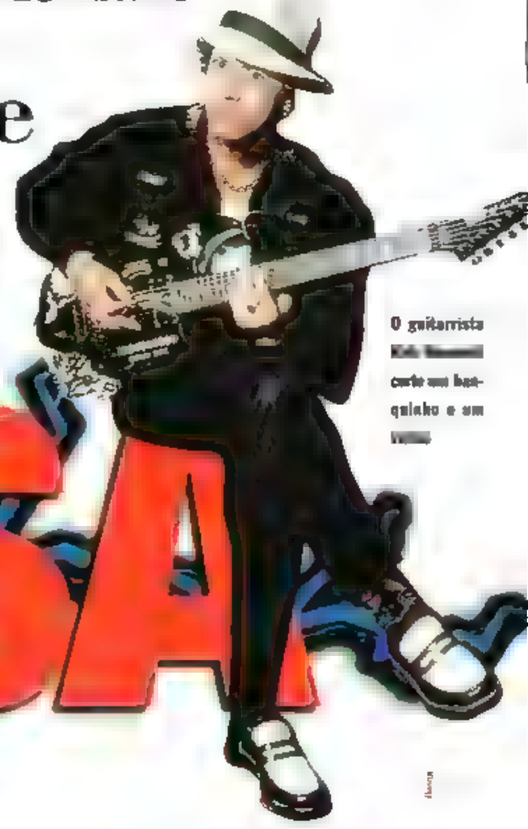
BACARDÍ LIMÓN
ORIGINAL CITRUS
BACARDÍ RUM WITH NATURAL CITRUS FLAVORS
MEDALS AWARDED TO BACARDÍ
CONT NET 750ml • 35% ALC BY VOL

Tem gente no Metallica apaixonada por João Gilberto e Tom Jobim. Mas o som do novo disco é a porrada de sempre

bossa FURIOSA

por ADRIANE GRAL de SÃO FRANCISCO

Lars Ulrich, o baterista, diz que as mudanças "interiores" se refletem no som da banda



O guitarrista [illegible] corte no basquiate e um [illegible]

São onze horas da manhã e Kirk Hammett caprichou no visual. Óculos de lentes roxas, cabelo com gel, camisa de acetato colada no corpo... Só o esmalte descascado das unhas revela algum desleixo. Sob o sol que invade o restaurante de um hotel de luxo em Sausalito (cidade próxima a São Francisco, EUA), o guitarrista do Metallica personifica bem a metamorfose por que passa o grupo desde *Load*, álbum lançado ano passado. Mais sintonizados com sons contemporâneos e fugindo do rótulo "heavy metal" feito o diabo da cruz, os metaleiros dizem que "alargaram os horizontes culturais".

Antes de falar sobre o novo disco, *Re-Load*, segurando um frasco de vitamina de ginseng, Kirk pede para dar uma olhada na carta de vinhos e dasata a falar de... bossa nova (!). **O guitarrista empolga-se com a técnica de João Gilberto e diz que Tom Jobim é uma de suas fontes de inspiração.** Só se enrola na hora de explicar como isso pode se refletir no som pesado do Metallica. "Fico muito atraído pelo ritmo e pelo som de letras cantadas em espanhol, ops, português... A língua de vocês é muito lírica, tem muitos ahhh É tão bonita..."

Kirk reconhece que a mistura de raças entre a mãe espanhola-filipina e o pai irlandês contribuiu para criar seu eclético gosto musical. Ele agora frequenta clubes de São Francisco para escutar jazz e salsa. O Purple Onion situado num bairro turístico ao norte da cidade, é seu favorito. "Os ritmos latinos não soam muito complicados mas, na verdade, são muito sofisticados. Sou meio obcecado por aprender outros tipos de música", revela. Mas seu interesse não chega ao Haight-Ashbury, bairro hippie de São Francisco. "Desde quando eu era criança, havia muitos hippies por aqui e eu nunca gostei deles. Não gosto de Grateful Dead nem de patchuli", detona. E aproveita o momento heavy metal para meter o pau no show de David Bowie que havia assistido naquela semana. "Não gostei da jam techno que eles fizeram por uns 15 minutos. Preferi ir comprar cerveja... As músicas não tinham vocal, achei muito estranho para o meu gosto..."

Re-Load é uma continuação de *Load* (até a capa bisa uma foto do polêmico Andres Serrano, flagrando desta vez a urina e o sangue do artista – em *Load*, era sangue e sêmen), mas está distante das origens da banda. A faixa "My Eyes", por exemplo, é puro pop, com violino e hurdy-gurdy (espécie de realejo usado em música celta). "Estamos »

Jason Newsted, Kirk Hammett, Lars Ulrich e James Hetfield. Montanha de carga

"O sucesso poderia ter implodido nosso grupo. Onde está o Guns N' Roses agora?"

experimentando ir além do metal. Se não fizéssemos coisas diferentes, provavelmente teríamos acabado com a banda", explica Kirk.

Tanta fome por novidade não bate muito com o lançamento de um álbum feito a partir das... sobras de *Load*. "Somos incansavelmente criativos", nega Kirk. "Só não fizemos de *Load* um álbum duplo na época porque demoraríamos o dobro do tempo em estúdio e queríamos sair logo em turnê." Para ele, lançar o disco foi a única maneira de colocar um fecho em parte do trabalho desenvolvido naquela época. "Se não tivéssemos um prazo final, provavelmente estaríamos trabalhando em *Load* até agora. É difícil determinar quando a música já está legal, mas é pra isso que serve nosso produtor, Bob Rock."

Antes de ir embora, ele mostra uma tatuagem na barriga com a frase "Born In San Francisco – 11.8.62". Desconversa ao falar sobre um possível aumento de assédio sexual depois da mudança de imagem, mas admite: "Sei que sou meio obcecado por sexo". Com mulheres. Morando na capital mundial do homossexualismo, Kirk reage com diplomacia às cantadas masculinas. "Mas não passo muito tempo com a comunidade gay. **Homens também chegam junto, mas sou bem mais assediado por mulheres – e tenho uma namorada."**

Sai Kirk e entra o baterista Lars Ulrich. Bermudão e camisa regata branca, ele impressiona pelo bronzeado perfeito, principalmente considerando-se que passou as últimas semanas trancado no estúdio. "Você falou com o Kirk antes?", pergunta ele apontando para a garrafa vazia de ginseng. "Ele só bebe este troço agora. Isso engorda pra caramba."

Em entrevista a uma publicação inglesa, o baterista havia dito que *Reload* soaria parecido com Spice Girls. Brincadeirinha, claro. "Dei essa declaração apenas para causar reação. No mundo do rock pesado, ninguém se refere a elas." Ele defende o novo disco como continuação de *Load*. "*Load* é ótimo, está milhas à frente dos outros álbuns do Metallica."

OK, mas, e o *álbum preto* (de 1991) que vendeu mais de 70 milhões de cópias? Lars responde com discurso. "Fazer aquele disco foi muito, muito difícil. A turnê de dois anos e meio também foi barra. Naquele ponto, nossas carreiras poderiam ter implodido. Onde está o Guns N' Roses? O Police gravou um grande álbum e se separou logo em seguida. É muito difícil lidar com o sucesso em proporções assim. Veja o que aconteceu com Kurt Cobain... Mas nós sobrevivemos. E isso é algo que me dá orgulho."

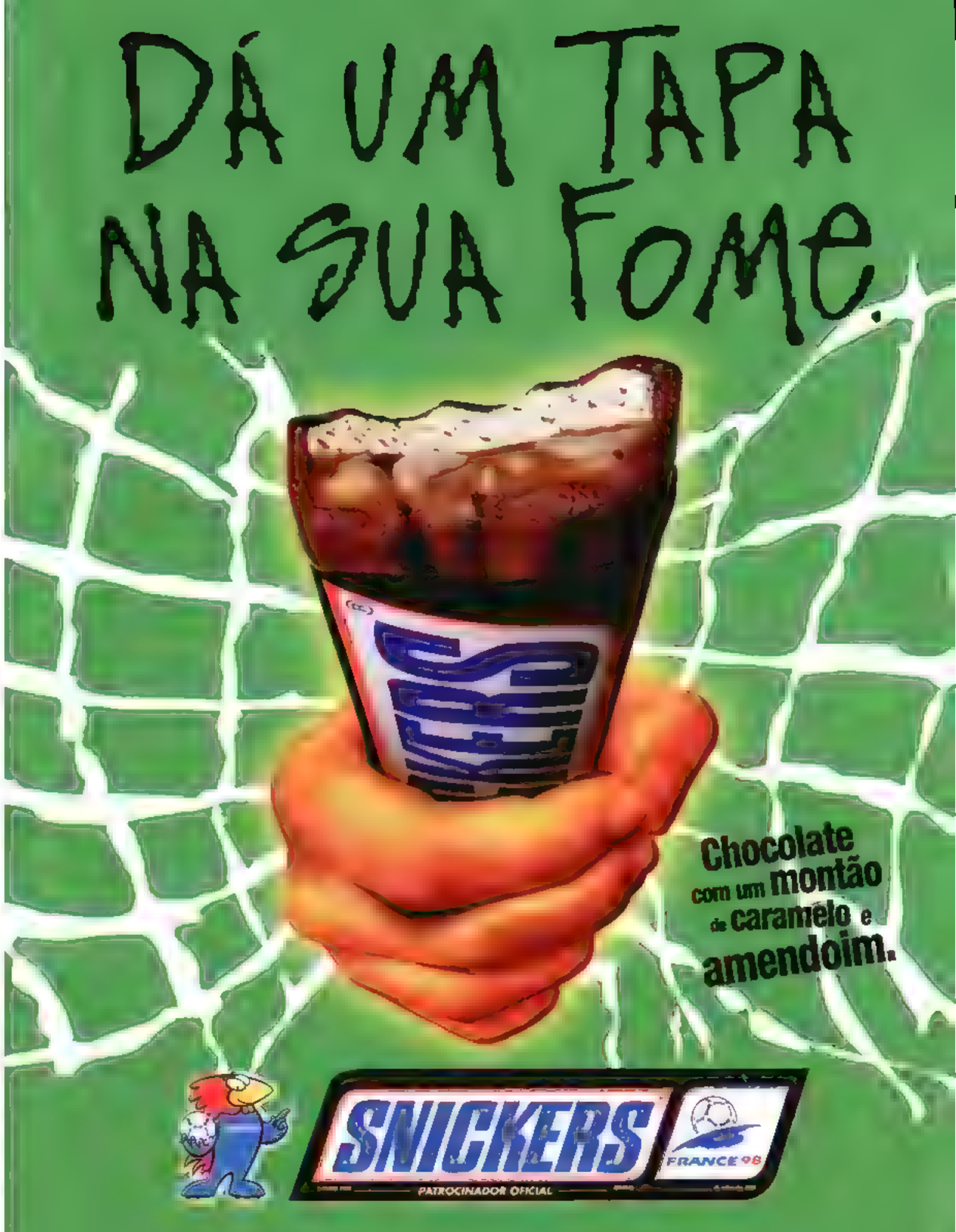
Mas o que passou, passou. "Nossas mudanças interiores aparecem na nossa música. Não sabemos fingir. Somos honestos e emocionais. Mudamos na frente de todos."

Reforço feminino

Marianne Faithfull, lá em trinta anos

Marianne Faithfull, musa de Mick Jagger na década de 60, é a grande surpresa do novo disco do Metallica – ela canta numa faixa (que, até o fechamento desta edição, não tinha sido batizada). "Nunca tivemos nenhum convidado cantando em nossos discos. E ela era a voz certa para o que queríamos", define Lars. "Marianne concordou logo de cara em gravar com a gente. Ela é *fucking cool*! Nos encontramos em Dublin, gravamos rapidinho e depois ficamos batendo papo e tomando vinho."

DÁ UM TAPA NA SUA FOME.



Chocolate com um montão de caramelo e amendoim.

SNICKERS

PATROCINADOR OFICIAL

FRANCE 98

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Importado

CLANNAD
The Ultimate Collection
RCA/BMG Brasil
Eu acredito em Clannad!

● Eu acredito em gnomos gigantes. Estes não são verdinhos como o trevo símbolo da Irlanda, pertencem a uma vila de County Donegal. Juntos formam um grupo musical. Ao ouvi-los na TV pensando que se trata de smurfs eles usam o nome Clannad e já lançaram mais de vinte discos – esta coletânea traz amostras do que fizeram desde 1973.

Guiadas pela harpa de Maire Brennan, as bucólicas canções do grupo vão do folk celta a um esoterismo etéreo de Enya (tecladista e vocalista do grupo de 1980 a 1982). Tudo é inesperado no trabalho desses falsos elfos-traquinas. O dueto com Bono – In A Lifetime – 1985 – é intrigante. O marinheiro tema de "Harry's Game" – usado pelo U2 na turnê registrada em *Under A Blood Red Sky* – é transcendental. Marias Texas, lembram Cocteaus, outra bela banda da Irlanda. Nas músicas recentes, porém, os bichinhos viram bem-terrabas pasteurizadas gigantes. *Pedro So*

Guitarras para o povo

Raimundos abandonam as paralisadas e mantêm um bolo disco de rock pesado

Adeus "peaozice", tchau "forrocore". Os Raimundos sacrificaram cacoetes limitadores e gracinhas em troca da "pureza das guitarras do Pantera" (confissão do guitarrista Digão). Não conseguiram isso tudo, mas não têm do que se envergonhar. Lapadas Do Povo mostra muito serviço. As faixas são, em sua maioria, curtas e executadas com um gás feroz. De cara, em "Andar Na Pedra", salta aos ouvidos uma qualidade de produção rara nestas plagas. É a única faixa a fazer algumas (poucas) concessões ao antigo estilo. "Véio, Manco E Gordo" entra colada, arrepiando. Ode à satividade, "O Toco" envereda explicitamente por caminhos metálicos. Em "Poquito Mas (Healthy Food)", a puxada braba de ska e uma competente metaleira mostram que o ritmo também figura no novo menu dos rapazes – sem oportunismos, diga-se. Surf music a Raimundos? "Wipe Out" e o ponto mais próximo entre os cabras e Dick Dale. Rodolfo não derrapa no inglês de "Oliver's Army" – releitura da canção de Elvis Costello. Dá para imaginar uma jam entre o ex-punk (hoje músico sofisticado, como bem sabe quem o conferiu no Free Jazz), Raimundos e Ramones. Lapadas hardcoremente virulentas, "CC De Com Força" e "Crumis Odamis" resgatam a visceralidade de Black Flag e outros de mesma matiz. Pra não perder o vício, a vinheta "Ui,Ui,Ui" envereda pela sacanagem, terminando literalmente no gás. Fraseados de guitarra distorcidos e bem trabalhados emolduram "Nariz De Doze" - cuidado, o gatilho pode disparar a qualquer momento. "Ramona" virou "Pequena Raimunda" só para ratificar a (feliz) dificuldade do grupo de filtrar seus eflúvios ramônicos. O melhor ficou para o fim da festa. "Baile Funky" tenta ser engajada, mas vale pelo tremendo potencial a hit e pela roupagem tijolada. Mas a impressão é que somente em "Bass Hell" o grupo soltou as amarras para chegar onde queria - o tema é instrumental, tem scratches, levada rap e o clima de pesadelo ideal como epílogo de um experimento extremamente oportuno no atual panorama do rock Brasil. *Carlos Eduardo Oliveira*

RAIMUNDOS
Lapadas Do Povo
WEA

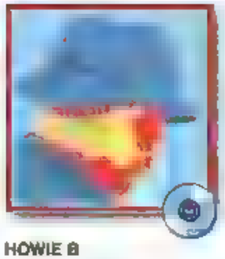
THE NIXONS
The Nixons
Geffen/Universal
Caso para o divã

● Guitarra distorcida alternando *riffs* pesados com momentos calminhos, bateria ora enlouquecida, ora serena, baixo rastejante e vocal sempre nervoso – você deve conhecer bem essa fórmula, que já deu certo com uma porção de bandas de primeira linha. Infelizmente, parece que não é o caso dos americanos do Nixons. Tentando parecer o Pearl Jam e o Soundgarden, esse quarteto de Oklahoma tem mais a ver com uma xerox toda truncada dos já esquecidos – e não sem razão – Stone Temple Pilots. Não bastassem a falta de lampejos criativos e a repetição quase obsessiva das músicas (só "Leave" e a balada "Sad, Sad Me" talvez agradem um outro fã de bandas de Seattle), o segundo disco do Nixons tem outra coisa muito chata: os vocais afetadíssimos do também guitarrista e letrista Zac Maloy. Ele grita, vocifera, esgana-se e dá a impressão de que canta tendo espasmos de urticária. Não seria melhor, em vez de montar bandas de rock, chamar um analista? *Marco Antônio Lopes*

LUIZ MELODIA
14 Quilates
EMI Music
Craque à Jamelão

● Rei da cover com metal vocal de neo-Jamelão ("Negro Gato", "Codinome Beija-Flor", "Broto No Jacaré", "A Voz Do Morro", "Com Muito Amor E Carinho"), Luiz Melodia andava no desvio como cultor de pérolas de lavra própria. *14 Quilates* reforma esse filão, a começar pelo reggae-xote candidato a hit instantâneo "Pra Que Isso", se as FMS despertarem do seu sono letárgico. Claro.

Mas tem mais: o soul/funk "Sem Trapaça", "Bate Ventão", um bom samba quebrado e até o exaltasamba "Morar No Rio", que evoca um desfile movido à Banda Black Rio. Para não perder o hábito, covers campeões de "Quase Fui Lhe Procurar" (Getúlio Cortes), "Ser Boêmio" (do Meiô para o próprio Ébano). Coisa de quem bate com as duas e joga nas onze. *Tarik de Souza*



HOWIE B
Turn The Dark Off
Island/PolyGram
Acima de classificação

● Admirado por uma constelação que vai desde Björk, sua atual namorada, até U2 (o DJ foi um dos responsáveis pela produção do álbum *Pop*) e abre as apresentações da turnê do grupo irlandês, Howie B tem um *pedigree* e tanto. Se em seu primeiro disco, *Music for Babies*, ele foi considerado uma espécie de Brian Eno da geração techno, em *Turn The Dark Off* Howie segue uma linha eclética e mostra por que é um dos grandes nomes da música eletrônica nos dias de hoje.

O primeiro single de *Turn The Dark Off* – Angels Go Bald Too – virou hit nas pistas de dança européias e dá uma boa mostra da densidade de camadas rítmicas da música de Howard Bernstein. Ignorando todas as categorias, no álbum convivem bem trip hop com *drum'n bass* e ambient, com house, entre outras subcategorias da tão comentada dance music. Ele fez uma obra vibrante, difícil de ser classificada – rima de tudo um grande álbum – desse balaio de gatos que hoje em dia é chamado de música pop. *Turn* é indispensável em qualquer discoteca moderninha que se preze e ótimo para quem quer se iniciar nos domínios da eletrônica. *Luciano Vianna*

JOHN PIZZARELLI
Our Love Is Here To Stay
BMG Brasil
Soltão no swing

● Ele passou pelo Brasil há pouco e deixou saudade. Mostrou que, além de bom cantor e guitarrista de técnica invejável, Papai Bucky dá o exemplo em cinco faixas entre elas a gema título, de George & Ira Gershwin. Com a New York All Star Big Band, o bambino Pizza descola o decalque chetbakeriano e avança sobre o swing, o mais generoso gênero da música americana. Rhythm Is Our Business – mais que nome de uma música, vale como lema do pessoal reunido. Ritmo e nosso negócio. Emoção também é ouça "Dream", standard de Johnny Mercer e flatue. *Pedro So*

Tensão pre-milenial

Hetero (gênea – calma, bolachas!) de carteirinha, a islandesa Björk ensina a homogeneizar a mistura sem entornar o caldo. Ou como polir o exotismo terceiro-mundista com tintas da globalização cibernética. *Homogenic* tem mixagens de Howie B. e RZA (Wu-Tang Clan), coprodução de Mark Bell (L.F.O.), arranjos e regências do Octeto de Cordas da Islândia, do brasileiro Eumir Deodato. Com sua emissão agônica, Björk atravessa paisagens emocionais em que as coincidências fazem sentido ("Joga"), viaja no fio da navalha entre caça e caçador ("Hunter"), desata alarmes ("Alarm Call") e explosões ("Pluto"). Trip hop seria um rótulo estreito para seu tráfego entre o minimalismo ("Immature") e a escalada de ruídos ("All Is Full Of Love") que deságua em sirenes ("5 Years"). Combinando o radical clean do grafismo japonês ao entrechoque de cordas & eletrônica, Björk monitora a tensão pre-milênio do olho do furacão. *Tarik de Souza*

BJÖRK
Homogenic
Island/PolyGram

Björk nos diferentes estilos em *Homogenic*

Keith Richards, Mick Jagger, Ron Wood e Charlie Watts mantêm o pique em seu novo CD

Mediano na medida

Os Stones continuam os mesmos. Os cabelos ficaram mais brancos, as rugas mais vincadas, o fôlego mais curto... e daí? Em essência, eles são uma banda de blues, e os *bluesmen* têm vida longa – vide John Lee Hooker, não à toa um dos modelos da dupla Keith Richards e Mick Jagger.

Deixando o quesito idade de lado, resta o principal: a música. E essa vai razoavelmente bem. *Bridges To Babylon* parece ter sido feito com prazer. Começa em ritmo acelerado – "Flip The Switch", um rock vigoroso, provando que eles ainda têm bastante energia para gastar.

A segunda faixa, o já hit "Anybody Seen My Baby", aproveita-se de um refrão grudento, semelhante ao de uma música de k.d. lang para assegurar um lugar nas paradas. Outra candidata a hit é "Already Over Me", com Jagger fazendo seu melhor vocal trêmulo.

O disco é surpreendentemente mais forte nas faixas ditas "modernas". "Gunface" talvez seja a melhor delas. A canção foi gravada ao vivo no estúdio e destacam-se a bateria de Charlie Watts (como sempre, aliás), a sujeira das guitarras e um inesperado sintetizador. A produção é de Danny Saber, o mesmo do Black Grape. "Mighty As Well Juiced" é uma genial conjunção dos tratamentos eletrônicos dos Dust Brothers (leia-se Beck e Beastie Boys) com a manemolência blueseira, marca registrada dos Stones.

Don Was produziu com firmeza e competência habituais a maioria das músicas. Em três delas Richards canta, sendo que nas faixas finais, "Thief In The Night" e "How Can I Stop", mostra que sua voz, moldada na aspereza dos anos *junkies*, possui mais *feeling* e autenticidade do que a de praticamente qualquer outro no rock – o parceiro incluso.

Bridges To Babylon é um disco mediano da maior banda de todos os tempos – e isso é muito.

Daniel Benevides

ROLLING STONES
Bridges To Babylon
Virgin Records

MARILYN MANSON
Smells Like Children
Interscope/Universal

Horror B pra crianças

Segundo trabalho de Marilyn Manson, *Smells Like Children* configura-se como o atalho entre a selvageria ainda embrionária e meramente alegórica de *Portrait Of An American Family*, seu disco de estreia, e a consolidação que viria com *Antichrist Superstar*. A sacada foi esperta e campeã em bilheteria adicionar a temas infantis como "The Hands Of Small Children", "Kiddie Grinder" e "Sympathy For The Parents" texturas ainda mais industriais que as do primeiro disco e rechear-las com vinhetas engraçadinhas.

A profanação funciona como trilha de horror B para baixinhos. Cabem ainda alguns remixes de *Portrait*: blues from hell ("I Put A Spell On You", de Screamin' Jay Hawkins) e mais duas releituras que viraram hits, caso de "Rock N' Roll Nigger" (Patti Smith) e principalmente "Sweet Dreams" (original dos Eurythmics). A segunda edição nacional do CD, que mantém o encarte

Carlos Eduardo Oliveira

TSOL
Change Today?
Restless/Paradoxx

A centímetros do brilhante

Há uma década, esta pequena obra-prima do pop punk já era item indispensável na mochila de surfistas. Após todo esse tempo e atrelado pela ruminante do TSOL True Sounds Of Liberty) pelo Brasil, o relançamento de *Change Today?* confirma sua atemporalidade. Nele, o grupo californiano vocifera uma desesperança só traduzida em farpas sobre amores descarnados ou o apocalipse nuclear – isso para ficarmos com os dois valetes de ouro do disco: "Flowers By The Door" e "Red Shadows".

Embrulhado para exéquias, um instrumental tosco, vigoroso, denso. Aqui e ali, discretos toques fúnebres de surf music nas guitarras aplacam a atmosfera soturna que confere a *Change Today?* certa sofisticação não só com o produção pós-punk como – sem exageros – com momentos dos Doors, principalmente pelo registro de trovão de Joe Wood, calcado na linhagem Jim Morrison. Coitadas feitas, *Change Today?* em seus pouco mais de 30 minutos, é quase brilhante. Depois de sua obra-prima, o TSOL fez álbuns fracos, chegando mesmo a arriscar um namoro com o rock farofa. Quem derrubou os heróis? A heroína.

Carlos Eduardo Oliveira

JONNY LANG
Lie To Me
Mercury/PolyGram

Blues de gente grande

Minnesota, capital do blues. Não, o Estado não está errado. De lá saiu uma das mais gratas revelações do blues atual, o moleque de 16 anos Jonny Lang. Ele faz música com alma e sotaque tão negros que nos faz pensar da veracidade das lendas de pactos com o tinhoso em encruzilhadas escuras.

Lie To Me, seu primeiro disco por uma grande gravadora, é enfezado. Com uma voz rouca e guitarra cheia de alma (provavelmente empenhada para o Cão), Jonny não faz firulas. Mostra muito *feeling* nas doze faixas do CD nas quais é acompanhado por músicos tarimbados com ida de para ser, no mínimo, seus pais. Sua música, porém, é de gente grande. O que fica evidente em versões conservadoras (no bom sentido) de canções de Sonny Boy Williamson ("Good Morning Little Schoolgirl") ou Ike Turner ("Matchbox").

Ednaldo Barretos

MAXWELL
MTV Unplugged EP
Epic/Sony Music

Ritos de acasalamento

Há duas maneiras de fazer um pro ele *unplugged*. A mais simples delas, frequentemente usada por astros em decadência, resume-se a fazer um retrospecto óbvio da carreira, cheio de convidados de qualidade duvidosa e plateia que aplaude até espirro.

Felizmente o cantor americano Maxwell, responsável por um dos grandes discos de 1996 (o soberbo *Urban Hang Suite*), fugiu da obviedade. Em pouco menos de 30 minutos, ele desconstrói as músicas de seu CD de estreia ("Ascension" ganhou uma leva acústica ducal), foge das covers óbvias (Kate Bush e Nine Inch Nails em vez de medalhões da música negra) e produz ritos de acasalamento da melhor safra. Tente ficar imune a "Whenever Wherever Whatever", se for capaz.

Sergio Martins

BOB ANDY
Hanging Tough
VP Records

Chico Buarque de tranças

As tranças já não assustam, fazem parte do dia-a-dia. A mensagem libertária, que nos anos 70 tinha algum sentido, parece agora meio perdida na aluvião de produtos, subprodutos e falsificações do show business do reggae. E por melhor que sejam, as estrelas de hoje não têm a mesma aura *happie* de Bob Marley, Peter Tosh, Jacob Miller e outros magnatas. Bob Andy também é herói dessa confraria meio mística e, embora nunca tenha disputado lugares na linha de frente, é um dos grandes artistas da Jamaica em todos os tempos. Com *dreadlocks* grisalhas denunciando a sabedoria, ele hoje funciona em Miami, lançando discos densos e maduros entre uma e outra mamadeira. Chico Buarque do reggae, Andy mereceria um desses *songbooks* algo à altura dos 30 anos como letrista, arranjador, produtor, músico e intérprete genial. No Brasil, ele teve um The Best Of lançado em 1991 pelo selo Reggae N' Roll da gravadora Continental. E mais nada. Este Bob Andy *up to date*, refinado, limpo e inteligente. Um cara que sabe conjugar o verbo, ora como guru, ora como mortal, sempre com as palavras certas, sempre profundo e emocionado.

Otavio Rodrigues

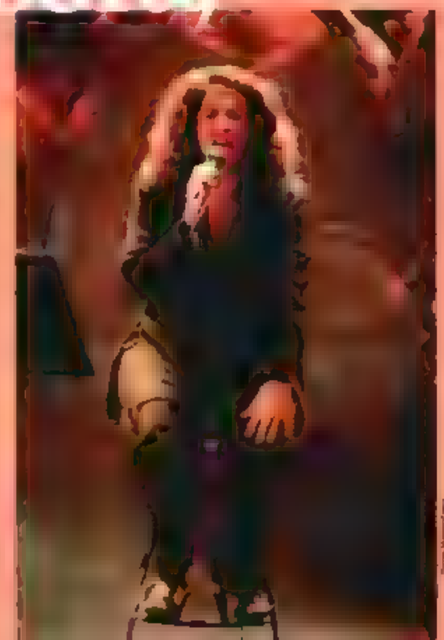
Voz desabrochada, ousadia de menos

Musa de qualquer estação, Gal Costa passa a limpo três décadas de carreira, relembra diversas fases e estilos e mostra todo o talento e versatilidade de uma das mais importantes cantoras brasileiras pós-bossa nova. *Acústico* serve como balanço de quase todas as vertentes que se encontram no cantar de Gal. Da fase tropicalista, "Baby" renasce num arranjo anticonvencional, com Wagner Tiso seguindo a inspiração de Rogério Duprat. Emenda com as suaves "Coração Vagabundo", "Não Identificado" e a versão comportada de "London London".

Dorival Caymmi é o primeiro homenageado na emocionante releitura de "Só Louco", num estilo dor-de-cotovelo da escola Lupicínio Rodrigues e que serve de parâmetro para a decepção amorosa mais bem-humorada de "Camisa Amarela" (Ary Barroso). A mesma ligação entre o passado e o presente Gal faz ao juntar o "Vapor Barato", de Jards Macalé e Waly Salomão, com "Flor Da Pele", de Zeca Baleiro. É dos anos 70 que Gal garimpa as melhores pérolas, desde a negra criada por Luiz Melodia até a brejeira "Teco-Teco". A rara parceria de Caetano com Milton Nascimento em "Paula E Bebeto" perde em impacto na performance de Freyat, mas o nível se mantém alto pela revitalização de "Falsa Baiana" e "Sua Estupidez".

Acústico foi um CD em que a espera prometia mais que o resultado. É um ponto alto de uma carreira que já teve desvios, mas mesmo com tudo certo ainda parece apenas um disco correto, sem audácia. O que para Gal é pouco.

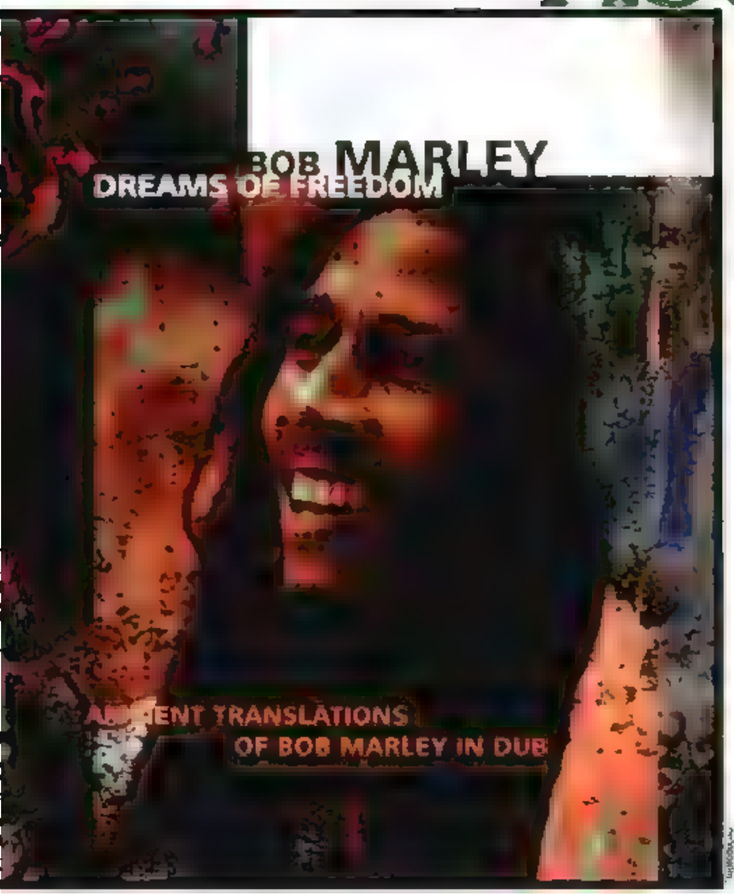
Marco Pinheiro



O que é que a baiana tem? Gal Costa tem uma penca de sucessos, uma voz alucinante, mas deixa a

GAL COSTA
Acústico MTV
BMG Brasil

Abdução rasta



Bob Marley ganha versões viajantes de seus maiores sucessos na coletânea *Dreams Of Freedom*

O dub, essa variação de reggae de sentido ignorado para alguns e significado mágico para outros, cresce pela primeira vez no terreno do pai da matéria Bob Marley. *Dreams Of Freedom* é um bem-cuidado *best of* especial, com produção do rei-da-cocada-preta Bill Laswell – baixista, produtor e dono do selo Celluloid, entre outros bons serviços prestados à música do Terceiro Mundo.

Isso não significa que Bob não tenha sido abduzido pelos sons extraterrestres do dub. O homem deixou diversos singles com seus lados B preenchidos por indefectíveis versões dub. A diferença de *Dreams Of Freedom* é que o álbum inteiro foi tomado pelos sons espaciais cunhados por Laswell. Sucessos como "Rebel Music", "No Woman No Cry", "The Heathen", entre outros, são virados do avesso, com aquele baixão ribombando nos ouvidos, os ecos furando os tímpanos e as vozes das magistrais I-Threes (formado pela patroa Rita Marley e pelas vocalistas Marcia Griffiths e Judy Mowatt) em doses enfumaçadas. O ouvinte tem a sensação de estar flutuando em Marte. Só deve tomar cuidado com as movimentações do planeta Terra: uma outra coletânea dub está a caminho, com produção do mago Adrian Sherwood (Dub Syndicate, Lee Perry). *Sérgio Martins*

BOB MARLEY
Dreams Of Freedom
Island/PolyGram

THE VERVE
Urban Hymns
Hut/Virgin Records
Sentimentos à flor da pele

● Este é o segundo grupo mais celebrado deste ano pela imprensa britânica – o primeiro foi o Radiohead. O Verve tinha acabado há dois anos de repente voltou, lançou um single e – pronto! – ganhou as capas de todas as bíblias musicais. Tudo isso foi muito estranho, mas há três razões: a) o single era a sublime "Bitter Sweet Symphony" que já nos primeiros acordes é de partir o coração do mais insensível dos brutos; b) todo mundo na Inglaterra meio que torcia pelo The Verve (inclusive Noel Gallagher) e realmente não há muita coisa melhor para comemorar no rock britânico.

Urban Hymns aborda tudo o que foi dito e previsto, e é de longe o melhor e mais pop dos três álbuns do grupo. É carregado de arranjos de cordas, baladas em meio-tempo e letras como as de "Drugs Don't Work" ("Todo esse papo de ficar velho/ Está me deixando down, meu amor/ Como um gato na banheira/ Esperando se afogar/ Dessa vez vou me acabar"). Aqui, a expressão direta de sentimentos fisga o ouvinte pelas vísceras. E faixas como "Sonnet" e "Velvet Morning" são tão bonitas que doem.

Os muntos do The Verve são o esquálido cantor/letrista Richard Ashcroft e o guitarrista Nick McCabe, que sola e dedilha com a voluptuosidade de Robin Guthrie (Cocteau Twins), Maurice Deebank (Felt) e Johnny Marr, todos numa pessoa só. Não há nada de novo na música do Verve, mas a equação entre o carisma do cantor e os contornos psicodélicos das guitarras está corretíssima. Teve gente na imprensa britânica que comparou *Urban* a *Closer*, do Joy Division. *Thomas Pappon*

YO LA TENGO
I Can Hear The Heart Beating As One
Matador Records
Herança de Lou Reed

● O Velvet Undergound influenciou trocentas bandas, para o bem e para o mal, mas poucas são herdeiras legítimas do histórico combo de Lou Reed – e Yo La Tengo é uma delas. Desde que lançou *Rude The Tiger*, seu primeiro disco (1986), o trio de Hoboken, EUA, faz, ao lado do Sonic Youth, o melhor pop experimental do planeta.

Gravado em Nashville mas sem qualquer resquício country, *I Can Hear The Heart Beating As One* – sétimo álbum da banda liderada pelo guitarrista e ex-crítico musical Ira Kaplan (sem contar coletâneas e EPs) – tem um pouco de tudo o que caracteriza o Yo La Tengo: doçura melódica em "Sugarcube" e "Shadows", barulheira de 10 minutos em "Spec Bebop *feedback*" em "Little Honda" dos Beach Boys e metalinguagem em "Moby Octopad" e "We're An American Band". Longa vida ao Yo La Tengo! *Daniel Benevides*

COOLIO
My Soul
Tommy Boy/WEA
Talento para sobreviver

● Se os Fugees são considerados [illegible] de rap da atualidade, com certeza Coolio [illegible] estrela do gênero. Quem não se esqueceu de "Gangsta's Paradise" – hit de 1995 – deveria estar em alguma estação orbital.

O negão de dreadlocks e quilos e pai de [illegible] de sete filhos chega ao seu terceiro disco cada vez mais cheio de soul. O álbum não é um acontecimento, como *Carnival* – de Wyclef Jean, líder dos [illegible] Fugees –, mas bate um bolão nas faixas "Knight Fall", "The Devil Is Dope", "Hit 'Em", "Homeboy" e "Can I Get Down 1X" e "C U When You Get There" – esta última mistura coro gospel e [illegible] sobre uma [illegible] de "Mamãs" Cannon Em Dose Pacífico!

Detratores e [illegible] de [illegible] dizer [illegible] que [illegible] Coolio vai acabar passando rapidamente, nos mesmos moldes de MC Hammer (lembra dele?). Mas é difícil. Coolio não é apenas um *entertainer*. Tem talento para sobreviver por mais algumas temporadas na alta [illegible] de que pode o mundo do rap americano. *Ricardo Sou Brito*

VIRGINIA ROSA
Batuque
Movieplay
Só para gringo ouvir

● Virginia Rosa, ex-vocalista de Itamar Assumpção e principal voz da extinta banda Meme Com Tudo, é cheia de classe. Dona de uma voz potente e consciente, interpreta as canções de *Batuque* com elegância. Ao mesmo tempo, [illegible] fez a opção por canções singelas. E comete o pecado de ser [illegible] e desafinada.

Ainda que [illegible] Mestre Jazz [illegible] na interpretação de "Pierrô" [illegible] de Itamar Assumpção, não se deixa levar pelos maneirismos do gênero. Também [illegible] Canta com garra, sem perder a maciez de [illegible] A Ponte Lenine, Lula Queiroga. Canta com [illegible] e emoção em "Sala De Reboco" de Luiz Gonzaga. Mas parece peixe fora d'água em "Um passeio No Mundo Livre" de Chico Science e parceiros.

A [illegible] de ser [illegible] por canções singelas [illegible] feitas pelos novos compositores emergentes, muitos deles com muita estrada rodada, como José Miguel Wisnik, Chico Cesar, Guma (ex-Ira) e "Nenéu") e Maurício Pereira (a sublime "Pan Y Leche").

Os arranjos do disco são muito bem cuidados, embora os metais e a percussão soem um pouco pasteurizados. A [illegible] estranho num disco chamado *Batuque*. Apesar de toda a sensibilidade e competência do trabalho, fica aquela impressão de trabalho *for export* (para ingleses, americanos, alemães) ver. *Denilo Monteiro*

LENINE
O Dia Em Que Faremos Contato
BMG Brasil
Cangaceiro das galáxias

● Como aqueles sábios que são enviados a Nova [illegible] para pesquisar que alienígenas são esses e que mostrem o que há de mais representativo na cultura terráquea, o CD de Lenine é a nossa mais valente [illegible] seu tempo. Não foi por acaso que o material de divulgação veio num protótipo de disco voador, nem também foi casualidade o fato de que a revolução que a música do mangue ensaiava há algum tempo fosse detonada por um artista como Lenine.

Se *O Dia Em Que Faremos Contato* é um manifesto, Lenine é o profeta que não tem medo de juntar Steven Spielberg com Glauber Rocha: de gravar em estúdios artesanais e de misturar com o precursor da *world music* Peter Gabriel. De samplear a dupla de cantadores Caju & Castanha com as experimentações dos sons nordestinos – de Capiba a Naceu Valença, de Jackson do Pandeiro a Chico Science. O Pernambuco comum a maior parte deles é o ponto de partida do Ovni de Lenine que pega carona nas referências literárias, musicais e culturais (da bem a dimensão de seu projeto musical.

Lenine é um cangaceiro tecnológico, um Conselheiro [illegible] que arma [illegible] de [illegible] parabólica sons digitais e batidas [illegible] um processo quase [illegible] que [illegible] e [illegible] a roda muitas vezes previsível da MPB. "A Ponte" é a ligação entre o afrocentrismo [illegible] com a [illegible] da Gilberto Gil e "Hoje Eu Quero Sair Só" é um [illegible] diavan atômico e "Bundalelê" é a versão pós-tudo de "Aquele Abraço" – sucesso do cultuado tropicalista Gilberto Gil e que virou canto de esperança das Olimpíadas no Rio. *O Dia Em Que Faremos Contato* é um CD para ouvir hoje com os ouvidos abertos para o futuro e tendo em mente que o lampião que ilumina o caminho de Lenine é de laser, não de querosene. *Marcio Pinheiro*

Vampiro da própria lenda

A America profunda batida pela poeira das estradas volta a rugir. Bob Dylan, o bardo fanho e místico que deu status de arte ao rock e ensinou os Beatles a fumar maconha, ressurge das trevas pessoais (além de escapar de uma infecção cascuda no coração) num disco tão nítido que é até possível entender o que ele canta.

***Time Out Of Mind* vem emoldurado por órgão Farfisa e guitarras em frangalhos, com climas fornecidos pelo mago da encruzilhada country, folk & blues Daniel Lanois. Algumas baladas, como "Standing In The Doorway", parecem ter a idade da Guerra de Secessão. O blues entranhado em "Love Sick" e o rockabilly destilado nas guitarras de "Dirt Road Blues" vêm envelhecido em tonéis de carvalho.**

Dylan usa o tempo a seu favor. Quem disse que as tatuagens da idade, as reservas de dor e ódio não podem ser transformadas num caldo musical denso tem de ouvir "Million Miles", "Can't Wait" e a épica "Not Dark Yet". De Zé Ramalho a Raul Seixas (e até Renato Russo), muita gente daqui e de fora bebeu em Dylan. Agora é a sua vez de vampirizar a própria lenda e retomá-la como história viva e, de novo, em movimento. *Tarik de Souza*

BOB DYLAN
Time Out Of Mind
Columbia/Sony Music

Bob Dylan sopera a doença e vários tropeços da carreira em *Time Out Of Mind*

Pode soltar a respiração. O novo álbum do Portishead é tudo aquilo que você está esperando, sim: moderno e genial demais. E pode descansar: se você andou procurando alguma informação sobre a banda nesses longos meses sem notícias oficiais, é que eles estariam procurando novos caminhos... Ah-Ah-Ah! Beth Gibbons e Geoff Barrows fazem exatamente a mesma coisa que em *Dummy*, o álbum anterior: criam climas para situações que vão de desfiles de estilistas japoneses até a segunda-feira chuvosa que gerou esta crítica.

Os territórios visitados são os mesmos – o que não quer dizer que eles não tragam várias novidades. Aquela corda seca de "Over" é inédita. O trombone de "Mouning Air" também, assim como a marcação do tempo com um acorde de orquestra do single "All Mine". Mesmo a esquisitice de "Cowboys" já rondava os cantos de *Dummy*. Outras marcas registradas: o som constante de vinil sujo, as letras de sofrimento, os trinados que emprestam do canto lírico e – o maior prazer de todos – aquela batida que entra para te dar um susto programado, que você sabe que vai levar e mesmo assim morre de prazer (ouça "Undenied" para maiores detalhes).

Então, para que lançar novo CD? Resposta: e quando você achar uma sintonia perfeita, vai evoluir o quê? Deixa a banda fazer o que sabe muito bem. Álbum do ano? Não, *OK Computer*, do Radiohead, garantiu o título. Mas *Portishead* é o disco de sua vida. *Zeca Camargo*

PORTISHEAD
Portishead
London/PolyGram

PIU-PIU
Antibiótico
Berinjela

Com Piu Piu de fora

●Este é o ano do Piu-Piu. Calma: não estamos falando do amiguinho do Frajola que tomou conta das camisetas da moçada. O Piu-Piu em questão é um dos melhores artistas do atual cenário do Rio.

A proposta não é novidade: ele faz uma junção mortífera de porrada sonora com rock boca-suja. O cara não está dando uma de gaiato ou oportunista, tem sete anos de luta no cenário alternativo. As piadas nem sempre acertam o alvo, mas vale a pena ouvir o atrevimento de "Você Já Comeu Carne Assada Com Uma Linguiça No Meio", "Lave No Tanque", "Vaso Sanitário" e "Andando De Ônibus". Acima das gracinhas está a parede sonora que a banda constrói, com absoluto destaque para o guitarrista Tavinho. Roqueiros de verdade os rapazes não precisam apelar para exercitar na sua música sambinhas ou batucadas fora de hora. Piu-Piu empolga se existir justiça.

Paulo Cavalcanti

TANYA DONELLY
Lovesongs For Underdogs
Elektra/WEA

Baladas inesquecíveis

●A voz doce e a guitarra de dedilhado suave da americana Tanya Donelly já passaram pelas Breeders e pelo Belly. Agora em carreira solo, ela faz um rock intenso, mas despretensioso ("Pretty Deep", "Clipped"). E capricha nas baladas, meigas e encantadoras ("Acrobat", "Goat Girl" e "Swoon" são de chorar de emoção). *Lovesongs For Underdogs* não é disco para figurar entre os inesquecíveis de uma coleção. E, se você for fã da vocalista, talvez até se decepcione um pouco. Mas, pela folha extensa de serviços prestados, Tanya pode fazer o CD mais irregular do mundo que não tem problema algum. A gente compra, deliciase com essas três músicas e está bom demais.

Marco Antonio Lopes

GABRIEL O PENSADOR
Quebra-Cabeça
Chaos/Sony Music

Rapper de bom humor

●Caso raro de rapper brasileiro que escapa da bocaldade de gírias e do apelo das rimas pobres, Gabriel faz uma mistura interessante de bom humor com a atualidade dos assuntos – vai do desemprego à liberação das drogas, do aborto ao menor abandonado.

Em *Quebra-Cabeça* ele se mostra irritado em "Pátria Que Me Pariu" – versão punk de "Meu Guri" de Chico Buarque –, mostra que tem balanço na parceria com o ultrapresente Memê ("Sem Saúde") e escalacha Carla Perez com a dança do pé-na-bunda em "Dança Do Desempregado".

O melhor fica para o final: "345meia78" e para o autoconvite na "Festa Da Música", em que Gabriel se antecipa à terdeza factoide da dupla César Mata/Luis Paulo Conde inaugurando por conta própria a Rua Antonio Carlos Jobim. *Marcio Pinheiro*

SONY

PROVOQUE SUA PERCEPÇÃO COM SONY MOBILE

LANÇAMENTO DA NOVA LINHA NACIONAL SONY MOBILE 97/98

A Música Na Medida Certa, Agora de Casa Nova.

CD
CDV
DVD
MD
VHS

RUA INÁCIO PEREIRA DA ROCHA Nº 622 PINHEIROS FONE/FAX 816-1220 SÃO PAULO 05432-011

RECORDS & VIDEOS

RÁPIDO & rasteiro

Interessante notar como o rock pesado esperneia e se recusa a atirar a toalha. Melhor ainda é constatar que a velha guarda ainda tem gas para comandar a festa. É o caso de David Coverdale, que após longa hibernação ressuscita o **WHITESNAKE** em **Restless Heart** (EMI). Cercado de um time competente, Coverdale joga o arroz-com-feijão de sempre e ganha a partida com um hard rock de primeiríssima. Enquanto o Iron Maiden agoniza na UTI, **BRUCE DICKINSON** retorna com seu melhor esforço solo. O maravilhosamente pesado **Accident Of Birth** (Castle importado) arrancara lágrimas de maidenmaníacos mais sensíveis. Já o **MEGADETH** enterra o passado com **Cryptic Writings** (EMI), seu mais preguiçoso e redundante trabalho. A pegada e os *riffs* matadores deram lugar a invencionices tolas com vinhetas, gaitas e cítaras. David Mustaine meteu-se a deitar preguice em canções "de amor". Socorro! O mesmo se aplica ao **MARILLION** da era Fish, presente nos relançamentos de **Reel To Reel** e **Brief Encounter** em CD único (EMI). O tempo reduziu os albuns com o ex-vocalista ao pastiche de Genesis que sempre foram. **DREAM THEATER** é sinônimo de imbróglio à hard rock, progressivo e heavy metal. Em **Falling To Infinity** (East West/Continental), a receita funciona bem – brilham as estrelas do vocalista James LaBrie e do guitarrman John Petrucci. Ícone do dito metal melódico, em **Somewhere Out In Space** (Rock Brigade Records), o **GAMMA RAY** mostra-se tão chato quanto o Faustão. E tome clichés e pretensão nos arranjos e letras quilométricas emoldurando músicas idem. O **VIRGIN STEELE** é mais autêntico em **Age Of Consent** (Rock Brigade Records). É reconfortante ouvir o bom e velho metal tradicional, climático e envolvente, de certa maneira antecipando a futura tendência melódica. *CARLOS EDUARDO OLIVEIRA*

bolsa de discos

		Abonico Smith	Carlos Albuquerque	Carlos Eduardo Oliveira	Claudio Luis de Souza	Leticia Cazarré	Luiz Claudio Garrido	Sérgio Martins	Térsi de Souza	Thales de Menezes	Toninho Sposito
7.3	GOLDIE *Timeless* Metalheadz/PolyGram	8	9	8	•	3	8	9	6	7	8
7.3	PAVILHÃO 9 *Paradoxo*	8	6	7	5	7	8	7	8	8	9
7.1	GROOVERIDER *Presents The Prototype Years* Sony Music	8	10	7	•	2	7	9	7	6	8
7.1	[illegible] Mercury/PolyGram	9	6	7	6	8	7	7	8	7	6
7.0	MONACO *Music For Pleasure* London/PolyGram	7	5	•	8	7	6	6	7	10	7
7.0	[illegible] *Heavy Soul* Go Disc/PolyGram	9	7	8	•	6	7	5	7	7	•
6.6	DAUDE *#2* Yatorika Records	6	•	6	6	7	8	6	7	4	10
6.5	[illegible] Universal	•	•	5	6	6	7	7	•	5	10
5.7	SWEET 75 *Sweet 75* Universal	5	6	•	5	6	7	4	5	6	8
4.7	FLEETWOOD MAC [illegible] WEA-Reprise	•	4	6	0	5	7	2	5	4	10

Trio parada dura

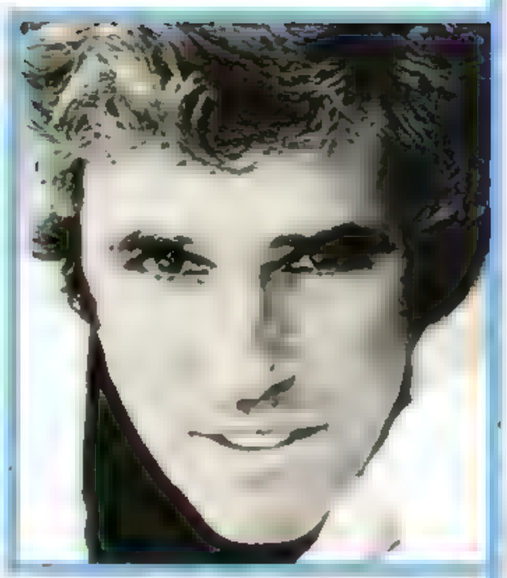
O sorriso Colgate de Ginger Baker, Jack Bruce e Eric Clapton em seus tempos de Cream

Eles eram três músicos de talento inquestionavel, formaram o primeiro supergrupo da historia do rock e mostraram que o casamento do blues com o peso da guitarra, baixo e bateria resultava em coisa boa. Em compensação, poucas bandas tiveram musicos com o ego tão inflado quanto os integrantes do **CREAM**. Na suas maos, os solos, antes curtos e belos, viraram peças longas e enfadonhas. A historia desse *O Medico E O Monstro* do rock ingles do final dos anos 60 está contada com detalhes em **Those Were The Days** (PolyGram, importado), um belo caixote de quatro CDs contendo todo o material do grupo em estudio, alem de faixas raras e ao vivo.

O Cream surgiu em 1966 pelas maos de Jack Bruce (baixo e vocais, ex Graham Bond Organization), Ginger Baker (bateria, tambem do Graham Bond) e Eric Clapton (guitarra e vocais, ex-Bluesbreakers de John Mayall). Em *Those...*, convivem o material proprio e palatavel da banda ("Sunshine Of Your Love" e "I Fee Free") com regravaçoes classicas de blues ("Born Under A Bad Sign" e "Spoonful", respectivamente de Albert King e Willie Dixon), alem de faixas raras, como o lado B "Weird Of Hermiston". Mas haja taco para aturar os insuportaveis choques de ego das versões ao vivo, de fazer qualquer integrante do Rush morrer de inveja

Sergio Martins

Um instante, *maestro!*



Burt Bacharach: arranjos pop que seduziram astros como Dionne Warwick, Dusty Springfield e Tom Jones

Nenhum outro compositor pop tem tanto estilo quanto **BURT BACHARACH**. Desde os anos 50, suas melodias vêm chamando a atenção, quer pela beleza, quer pelas complexas harmonias. Agora chega ao Brasil **Hit Maker! Burt Bacharach Plays His Hits** (Universal), um album lançado originalmente em 1965. Nele, o compositor apresenta suas proprias versões para *standards* criados em parceria com Hal David e que foram sucesso nas vozes de, entre outros, Dionne Warwick, Jack Jones, Gene Pitney e Dusty Springfield.

O repertorio inclui canções como "Walk On By", "Don't Make Me Over" e "Trains And Boats And Planes". "What's New Pussycat", hit com Tom Jones, surge aqui com Joel Grey (Oscar de ator coadjuvante em *Cabaret*, de 1972). Naquela época, os arranjos de Bacharach caiam mais para o jazz. Curiosamente, em 1967, quando o maestro foi para a A&M Records, a concepção musical de seus discos mudou e as orquestrações passaram a ter as cordas como base. Este CD dá uma boa idéia da importância da música de Burt Bacharach para o pop.

Joel Araújo

"Eu quero é rock and roll e mais..."

Tudo que você sempre Kiss: a sonora coletânea

Os oito primeiros álbuns do **KISS**, uma das bandas mais influentes da historia do rock, são relançadas em versão remasterizada. De **Kiss** (1974) ate **Kiss Alive II** (1977), o que sai das caixas acusticas é pura celebração de rock and roll farrista. Como diz o hino que eles deram ao mundo no álbum **Dressed To Kill** (1975), "eu quero rock and roll a noite inteira, e dinheiro todos os dias"

Quem não está com muita grana no bolso pode ir comprando aos poucos, ou então selecionar o melhor para os durangos, a dica e simples: comprem os dois álbuns ao vivo. **Alive!** resume **Kiss**, **Hotter Than Hell** e **Dressed To Kill**, enquanto **Alive II** traz o melhor de **Destroyer**, **Rock And Roll Over** e **Love Gun**, além de umas novas faixas de estúdio. É uma amostra do maior show do planeta rock nos anos 70. Dá para entender porque o Kiss tocava na vitrola de gente como Kurt Cobain, Peter Buck, Thurston Moore, Bob Mould e outros nomes que mais tarde escreveram a historia do rock. Quem quiser entender de uma maneira rápida a importância do Kiss só precisa colocar a primeira faixa de **Alive II** para tocar. Bastam os primeiros 40 segundos de "Detroit Rock City", com o riff matador de Ace Frehley, para perceber que o rock sempre deve ser uma grande festa.

Thales de Menezes

A rainha do soul britânico

Objeto de cantada... Mick Jagger, amiga... Jimmy Page e cantora magistral: esta é Dusty

Não foi só Dick Dale que foi ressuscitado depois de ter música incluida na trilha de *Pulp Fiction*. Depois que "Son Of A Preacher Man" entrou no filme de Quentin Tarantino, a cantora inglesa **DUSTY SPRINGFIELD** tambem voltou aos dias de gloria. Dentre os muitos relançamentos da diva que sairam ultimamente, vale correr atras do CD lançado pela Taragon que inclui **Stay Awhile/I Only Wanna Be With You** e **Dusty**, os dois primeiros discos da vocalista, que sairam em 1964

Dusty foi a maior cantora branca de soul music da Inglaterra dos anos 60. Interpretava com classe e paixão musicas de Burt Bacharach ("Anyone Who Had a Heart", "Wishing And Hoping"), Carole King ("Will You Love Me Tomorrow") e clássicos da Motown ("Can I Get a Witness"). É ouvir e perceber como ela influenciou Lisa Stansfield e Annie Lennox. Anos depois ela gravou o magistral *Dusty In Memphis* e recomendou o seu amigo Jimmy Page e o grupo Led Zepellin para a gravadora Atlantic. Mas em 1964 Dusty já era insuperavel.

Paulo Cavalcanti

Vídeos

Aranha mutilada

Glass Spider Tour: momento menor do sempre grande Bowie

A *Glass Spider* foi um momento estranho na carreira de David Bowie. Feita para divulgar seus piores álbuns, *Tonight* (1984) e *Never Let Me Down* (1987), a turnê revelou o artista perdido e inseguro, desfilando clássicos preciosos como "Fame", "Heroes" e "Rebel Rebel". O espetáculo ainda era recheado com leituras anêmicas de trabalhos de seus parceiros Iggy Pop e Lou Reed.

A edição nacional do vídeo chega com dez anos de atraso e condensada num único tape – o que dá 40 minutos a menos de David Bowie.

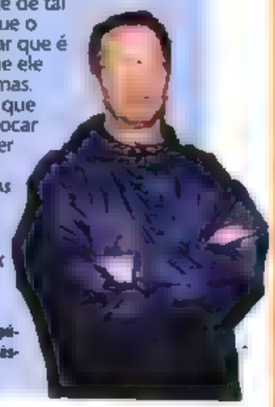
É Bowie e sempre uma grande atração. Usando na *Glass Spider* o tema da viagem através do tempo, recupera canções inesperadas em seu repertório pop da época. "Time", "Sons Of The Silent Age". Ele rendera uma tremenda banda em que duelam nas guitarras o ancião Peter Frampton e o eterno Carlos Alomar e uma trupe de bailarinos ginastas que dramatizam as canções com truques de circo high tech. Bowie se exibe como um grande performer, com domínio de cena e agilidade impressionantes, além do vozeirão sempre cativante. *Wagner Filho*

DAVID BOWIE
Glass Spider
BMG Brasil

Clapton

Num daqueles "belos sábados" do verão londrino de 1996 – quer dizer, céu cinza e nuvens ameaçadoras –, Eric Clapton subiu ao palco no Hyde Park para um show que reuniu quase um milhão de pessoas – também pudera, de graça... Os pobres mortais que não habitam a capital londrina podem ter agora o registro desse show, lançado em vídeo pela WEA.

O set é vanadíssimo. Abre-se com "Layla" e vai passeando pela carreira do guitarrista sem atropelos ou maiores surpresas. Clapton está irrepreensível, trocando de guitarra de duas em duas músicas e capinchando nos improvisos. No repertório, canções do Cream ("Badge", "White Room") e babas-de-quiabo ("Wonderful Tonight", "Tearin' Us Apart"). O guitarrista está numa fase excelente, com domínio total de seus instrumentos e trazendo um gaitista com um finório bigode que o habilitaria à Lapa dos anos 30. Clapton se diverte de tal forma tocando que o público pode jurar que é a primeira vez que ele interpreta tais temas. Coisa de craque, que jamais cansa de tocar de primeira e fazer gols de placa. *Marcus Veras*



ERIC CLAPTON
Live In Hyde Park
WEA

Clapton brinda o público inglês com clássicos e baixaria

A SUA LOJA DE CDS NA INTERNET
Entregamos para todo o Brasil
Lançamentos Nacionais, Importados, Raridades, e CD singles
CD EXPRESS
www.cdexpress.com.br
INDEPENDÊNCIA, 678 CEP 90035-072 - FONE/FAX (051)224.7277 - PORTO ALEGRE/RS

LONDON CALLING
CD's • VHS • LD's
TEL-FAX: (011) 223-5300
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
• U2 • OASIS • BON JOVI • • CURE • SUEDE • PRODIGY • • SIOUXSIE • FLOYD • ZEPPELIN • E TODOS OS ESTILOS
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS
ACEITAMOS CARTÃO
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA
LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

EXCLUSIVO NO BRASIL
CAMISETAS OFICIAIS
PREÇO ESPECIAL R$ 17,00
RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR
TAMANHOS P M G
TEL 011-2997478
MERCHANDISING OFICIAL SOB LICENÇA DE WINTERLAND NICE MAN BLUE GRAPE
VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA
O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE
ENVIE O CUPOM ABAIXO OU CÓPIA PARA STAMP
RUA HELIODORA 321 02022-051 SÃO PAULO/SP
REF | TAM | REF | TAM | REF | TAM
NOME
END
CEP CIDADE EST
TEL ASSINATURA

Letras traduzidas

DAVID BOWIE

O cantor inglês toca em feridas políticas e religiosas em sua canção predileta de *Earthling*

Seven Years in Tibet

David Bowie

Are you OK
You've been shot in the head
And I'm holding your brains
The old woman said
So I drink in the shadows
Of an evening sky
See nothing at all

The stars look so special
The snow looks so old
A frail form is drifting
Beyond the yoga-zone
Time to question the mountain
Why pigs can fly
It's nothing at all

I praise to you
Nothing ever goes away
I praise to you
Nothing ever goes
I praise to you

MUSIC-EEL E IMP MUSICAL

Sete Anos no Tibet

Você está bem?
Você foi baleado na cabeça
E eu estou segurando seu cérebro
A anciã disse
Então eu bebi nas sombras
Do céu noturno
E não vi nada

As estrelas parecem tão especiais
E a neve parece tão velha
Uma forma frágil está vagando
Para além da zona de yoga
É hora de perguntar à montanha
Por que os porcos podem voar
Não é nada

Eu te louvo
Nada vai embora
Eu te louvo
Nada vai embora
Eu te louvo

Tutor do Dalai Lama

A música é baseada no livro do alpinista austríaco Heinrich Harrer. Em 1944, ele se embrenhou pelas montanhas do Tibet. Depois de uma jornada de dois anos, encontrou a cidade proibida de Lhasa, refúgio dos monges tibetanos. Harrer se tornou amigo e tutor do Dalai Lama até sua partida, em 1951, pouco antes da ocupação do Tibet pelos chineses. Um filme sobre a epopeia de Harrer está a caminho, estrelado por **Brad Pitt**.

Isto é Hollywood

A saga de Heinrich Harrer foi devidamente encampada por Hollywood. *Sete Anos No Tibet* tem direção de Jean-Jacques Annaud (de *O Nome Da Rosa* e *O Amante*). O astro Brad Pitt interpreta Heinrich Harrer, numa atuação que poderá lhe render uma indicação ao Oscar. Uma curiosidade: as cenas em que Harrer e Pitt se embrenham pelas montanhas geladas do Tibet foram na verdade filmadas nos Andes. Culpa do governo da China, atual "patrão" daquele país.

Poliglota

"Seven Years in Tibet" ganhou uma versão em mandarim que acabou nos primeiros lugares da parada de Hong Kong. A música foi traduzida por uma tailandesa que Bowie conheceu em Bangkok. "Em dois dias eu aprendi as regras básicas do idioma e fui para o estúdio." Bowie ainda teve o auxílio de um artista chinês, que o ajudou a pronunciar as letras de maneira correta.

O iluminado

O Dalai Lama é a maior autoridade política e religiosa do Tibet, isso até 1959, quando teve de fugir do país para não ser trucidado pelos chineses. Nascido em 1935, ele foi reconhecido pelos monges locais como a 14ª reencarnação do Dalai Lama. Aos 4 anos, foi separado da família e se instalou na cidade de Lhasa, onde teve aulas de história, filosofia e budismo. Mas governou ali só de 1940 a 1949. Em 1950, o Tibet foi invadido pela China, que tratou de matar os monges e dominar o país com mão de ferro. A luta do Dalai Lama para libertar sua nação despertou a atenção de artistas como os **Beastie Boys** e hoje é a causa política mais *in* no rock.

Um contrato com Deus

Os Beastie Boys têm sua palavra empenhada com o Dalai Lama: não sossegam enquanto não livrarem o Tibet das mãos da China. Há dois anos eles organizam o Tibetan Freedom Concert, que traz para o palco astros como U2, Oasis e Björk. Um dos objetivos do show – além de angariar fundos para o Dalai Lama – é criticar a política pró-China dos EUA. Os melhores momentos dos concertos de 1996 e 1997 estão num recém-lançado CD triplo com Radiohead, Blur, Lee Perry e muitos outros artistas.

Sem chance de libertação

Os "porcos" a quem David Bowie se refere são os açougueiros chineses, que aterrorizam a população do Tibet, no início dos anos 60. O país tutu pois suo

...amente pelos chineses em 1950, o Tibet teve, desde então, toda manifestação pró-independência reprimida pelo governo da China.

LISA STANSFIELD

A diva dos *clubbers* não gosta de tecno e revela que, na realidade, não troca a cama por qualquer badalação noturna

por GIOVANA HALLACK

Você gosta de excursionar pelo mundo?
[illegible]

[illegible] internacionais?
[illegible]

[illegible]
[illegible]

[illegible] drogas na vida noturna?
[illegible] morrendo. Uma [illegible] dos efeitos das drogas que [illegible] impedir que as pesso[illegible] se você tomar um E [illegible] devem tomar consciência de que [illegible] qualquer forma. Pelo menos que [illegible] segura.

Você gosta dos remixes que fazem de suas músicas?
Nem sempre. Se alguém faz um remix de uma música minha e eu não gosto, ela não pode ser lançada. É claro que existem alguns que acabam saindo sem a minha autorização. Mas é o tipo de coisa que você não pode evitar.

Neneh Cherry e outras cantoras de hoje se assumem como feministas. Você se considera uma também?
[illegible]

Você não pensa em se casar?
[illegible] Não eu também [illegible] eu só quero me [illegible] minha vida, para ter tempo de me [illegible] *[Ian Devaney]*. Estamos juntos [illegible] escrevendo as letras e produzindo.

[illegible] ter filhos algum dia?
[illegible] ter filhos, mas no fundo tenho muito medo.

[illegible] carrega todos os seus produtos de beleza quando está excursionando pelo mundo?
Claro que levo. A maioria das coisas você não precisa de verdade e nem tem tempo de usar, mas é sempre bom estar com elas por perto. Eu tenho uma frasqueira enorme e tinha pensado em comprar um modelo mais prático, com alças. Mas é claro que não foi isso que eu fiz. Então tenho que ficar carregando essa frasqueira enorme [illegible] pesada. Tomara que seja um exercício para os braços! Cremes, produtos para o cabelo, máscaras de beleza, tenho tudo. Têm efeito psicológico e, quando dá tempo de usar, é maravilhoso. Ficar deitada em uma banheira com cremes é altamente relaxante.

O Rock in Rio 2 foi uma das experiências mais marcantes na sua vida, não?
Foi uma das maiores platéias para as quais eu cantei. Me lembro que antes de o show começar, estava tendo um ataque histérico, morrendo de medo. Mas, quando entrei no palco, parei de tremer. Você tem um sentimento falso de poder, por isso é que alguns artistas perdem a noção. Isso assusta. Me lembro daqueles cantores que ficam incitando o público e eu pensei: "Não, Lisa, você não vai fazer isso". E uma mão fictícia me dava tapas na cara: "Pare com isso!". Milhares de pessoas batendo palmas porque você está pedindo. Mas foi ótimo.

> "Espero apenas ter **um momento calmo** em minha vida para poder me dedicar ao casamento"

Ao Vivo

O templo da perdição

Free Jazz Festival – Rio e São Paulo, de 9 a 12/10

Para quem escapou desse tipo de experiência nos anos 60 – como este aqui que vos escreve, por exemplo –, assistir a Neneh Cherry no Free Jazz, no Rio, foi a coisa mais próxima de sexo coletivo que se possa imaginar. No palco montado na parte exterior do Museu de Arte Moderna faltou pouco para sua performance virar uma grande obscenidade. Para o bem, diga-se.

Rumores em São Paulo davam conta de que a apresentação de Neneh no Palace – que entrou no palco com várias caipirinhas a mais – havia sido insuportável. Difícil imaginar, porém algo mais quente que na noite de 11 de outubro do que o clima instalado no museu carioca. O que exatamente? Coisas de Neneh Cherry, explicáveis apenas por partes separadas, mas não no conjunto.

Tinha, por exemplo, a sua batida mole – tudo bem, sensual. Tinha o descompromisso total dela em fazer um show sério. Tinha claro, a simpatia e – tá bem! – a sensualidade do corpo não exatamente silfídico da cantora. E tinha um transe geral, em sintonia com o embalo do que vinha nas caixas de som. Estava assim montado um cenário perfeito para Neneh agradar cantasse o que cantasse.

Mas ela não foi tão displicente assim. Interpretou direitinho o que devia interpretar. Do complicado mantra de "Manchuko" – uma das minhas dez favoritas de todos os tempos – ao óbvio hilariante de "7 Seconds". Uma versão atualizadíssima de seu primeiro hit, "Buffalo Stance" e a interminável e prazerosa "Woman". Se a vibração foi uniforme o repertório oferecia pequenas surpresas a cada música. No show de Neneh, uniformidade não se misturou com mesmice.

Mesmice, aliás, rima com chatice. E se aplica ao show do Jamiroquai (a mesmice e a chatice). Caros fãs cegos dessa banda que tanto prometia no seu álbum de estréia (*Emergency On Planet Earth*) está na hora de encarar a realidade. Eles só tem uma música. Não, não é aquela que você está pensando. Nem aquela que EU estou pensando. Jamiroquai não apresentou no palco nenhuma distinção entre um número e outro – a não ser que você considere aquele aborrecido momento aborígine australiano uma variação. O que, no caso, é sobre o mesmo tema.

Se o Jamiroquai tivesse no palco a mesma versatilidade de seus videoclipes, o resultado do seu show poderia ter sido um pouco diferente. Mas era realmente tudo a mesma coisa. Dançaram? Dançaram. Só que as pessoas se sacodem com qualquer coisa.

Goldie, por sua vez, não fez um show para todo mundo dançar. Havia gente se mexendo, mas dificilmente dava para chamar aquilo de dança. É o problema do jungle/*drum'n'bass speed hop*: é mental demais. É genial. Hein? É mesmo. Só que é música para »

Entre o insosso Adam F e a música cerebral de Goldie, brilharam no Free Jazz as divas Erykah Badu e Natacha Atlas

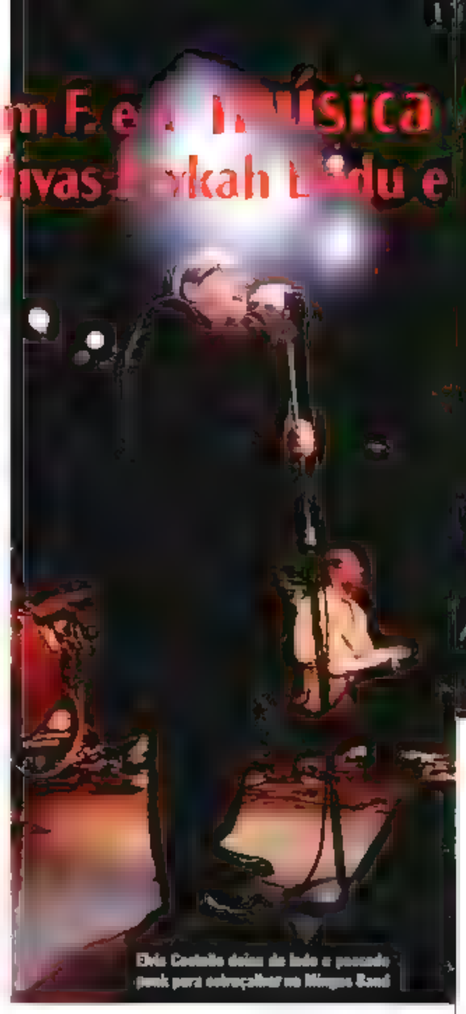
wa,Kman Por aas modernos que nos achamos (e que de fato são) Goldie Aphex Twin Photek etc Tente colocar numa pista de dança para ver o resultado... Sai melaço o resto toca fazendo o exercício de *full contact*

É importante porém reafirmar aqui que a apresentação de Goldie - que ainda desconhecia durante o intervalo do show de Neneh Cherry para o de Adam F foi genial Mesmo Futuro da música? Digamos que um dos possíveis futuros Delicioso de ouvir e pensar Pena que para cada artista original como Goldie muitos pontos para o Free Jazz nesse sentido) existem dezenas de imitações baratas Mas não deu nem para chamar Adam F de tentador A última impressão que ele passou é a de um artista sem pretensão a nada Adam não era nada

Passemos então para Erykah Badu Ela é exatamente o oposto de Adam F Seu nada é apenas um disfarce uma desculpa para uma artista especial fazer um show aparentemente calmo sem grandes voos Mas que trouxe um dos melhores momentos do festival Seria fácil escolher aqui a fantástica passagem do som de Badu dizendo que foi de longe melhor que sua apresentação Porém essa comparação se torna até desnecessária uma vez que sua performance oficial foi boa o suficiente Quem não dava nada para ela além de um bem-te-vi, Oh Ah Oh I deve estar repensando a sua opinião

Claro que existe sempre o fator Arrested Development aquele que inexplicavelmente faz com que a carreira não decole depois de um bom primeiro álbum Felizmente Erykah parece estar bem cercada para seus novos empreendimentos Para não ficar só na boa vontade faltou um pouco de agitação no palco Mas de aquele escondido e a estava gravidíssima E depois Erykah se apresentou no dia seguinte a Neneh Cherry quando passou o "levantar a plateia" estava resolvido

Em escala bem mais modesta aquela maluca da Natacha Atlas



Elvis Costello deixa de lado e passado punk para colaborar no Mingus Band

A texana Erykah Badu não fez uma apresentação tão concorrida quanto Jamiroquai, mas mostrou talento para dar e vender

Natacha Atlas e seu guitarrista, que aderiu à moda mascarada do Pavilhão 9

conseguiu quase o mesmo efeito que Neneh: no lugar da batida forte, sua arma era uma balançadinha de quadris. Tinha também um ritmo alucinado das longuíssimas versões das músicas. So que a doida conquistou a platéia pela animação, mesmo debaixo de forte gripe (que ela tentou curar com injeções, uma solução de água com limão e estadia forçada na casa do tio em Santo André SP - sem maiores chances de recuperação, apelou para o lencinho).

Natacha mostrou um show simples, que superou os limites da *world music* e avançou no terreno do pop *Belly* pop Levando em consideração que seu trabalho é pouco conhecido, ela fez um pequeno milagre de sedução no palco. Se sua voz alcança tudo aquilo quando está doente, imagine sã!

Faltou ver alguma coisa nessa intersecção do Free Jazz com o pop? Claro que faltou ou você está se esquecendo de Elvis Costello / Sua apresentação com a Mingus Big Band ficou para o final do texto por um motivo muito simples: não tem muito o que falar de um mestre como ele. A turma do jazz parece que detestou. A turma do Elvis Costello adorou. Vai querer brigar?

ZECA CAMARGO

Ogro no blues

O ogro ouviu falar a lei da *jungle night* (vai sarre-se-quem-puder, a polêmica Jamiroquai é-gay? (aquele volante pegador do Flamengo, sabe?) não empolgou, e a poderosa Neneh Cherry, com aquele visual, se chegasse à casa dele, encarava 30 mangos e um Vaporetto para a faxina. Ainda assim o ogro cede aos apelos da patroa e vai ao Free Jazz. "Tá bom, mas só se for na noite de blues", arrota. Homofóbico e armado de seus melhores preconceitos, encara o show de Ronnie Earl, um aspirante a Santana mais para Dedé do que para Carlos.

Depois veio o canhoto Otis Rush, a lenda do blues que faltava para o Brasil ver. Invertido, para ele, nem as cordas da guitarra. O ogro baba. Recordista em nomes de música com baby no título - até para gravar coisas dos outros, demonstra queda para a palavra, como confirma seu maior hit, "I Can't Quit You, Baby", de Willie Dixon (), o vovô garoto (63 anos) mostrou como fazer uma guitarra chegar ao orgasmo com movimentos curtos e lentos dos dedos.

E entrou em cena o blues farofa do irmão mais vivo de Stevie Ray, Jimmie Vaughan. Após uma hora de show, cocando o saco - a esta altura, já cheio -, o ogro levantou da cadeira. "Não se pode mais confiar nem no blues" lamentou, deixando um sonoro flato ao partir. "Aquele negão sarado do backing vocal com uma camisa mamãe-tô-barbie embalada a vácuo, leva a mal não, no Texas, o cara não sai na rua assim." MAURO BENGA

vai rolar...

mundo livre s/a
18 11 João Pessoa
24 11 Brasília
29 11 Recife
31 11 Natal

Kid Abelha
2[illegible] e 2[illegible] 11 Rio de Janeiro Metropolitan

Suicidal Tendencies
10/12 - Porto Alegre (Bar Opinião)
11 12 Curitiba Fórum)
12 12 Ponta Grossa PR Aeroanta)
13 12 Rio de Janeiro Metropolitan
17 e 18 12 São Paulo Palace

O Rappa
2[illegible] 11 Cachoeiro do [illegible] em ES
4 12 Porto Alegre Bar Opinião,
9 12 Juiz de Fora MG
10 12 [illegible]patinga MG
13 12 Governador Valadares MG

The Wailers
21 11 Santos SP Planet Z)
22 11 Juiz de Fora MG (German Village
23/11 Petrópolis RJ Petropolitano)
24/11 - Com Sister Pulse - São Paulo (Olympia
27 11 Belo Horizonte Estação)
3 12 (Com Sister Pulse) Rio de Janeiro Metropolitan

Baile Perfumado

Antonio Nóbrega - Recife, 26 e 27/09

Antonio Nóbrega explora parte cênica no show *Madeira Que Cupim Não Roi*

Um Cabral com disposição e ar visionário de Antônio Conselheiro. Assim é Antonio Nóbrega, redescobridor de um Brasil que a pobre (de)formação sulista tristemente desconhece. Ele produz esta nau chamada *Madeira Que Cupim Não Rói* para navegar país afora como uma Arca de Noé de ritmos que, quando atraca, desembarca cocos, marchas frevos e maracatus – como atestaram quase 3 mil recifenses, em duas sessões, no final de setembro.

Madeira... tem preciosidades absolutas. A começar pela marcha-de-bloco de Capiba que dá título ao show e ao CD. Nóbrega – cujos atributos como ator e bailarino são irrefutáveis – canta, toca, dança e conta histórias ao longo de quase duas horas.

Cercado de instrumentos de corda (alguns obscuros/sensacionais – como o urucungo, espécie de violino tosco, feito com cabaça), o artista se desdobra para segurar à redea curta o ritmo do show, para conduzi-lo num crescendo. Sofre que só vendo, inquieto que é, para manter-se acocorado sobre o banquinho que lhe serve de púlpito no início: treme as pernas, balança-se durão da cintura para cima e movimenta os maxilares freneticamente, qual um boneco de ventríloquo.

Mas é do segundo terço em diante que o show pega fogo. Em especial com a instrumental "Rasga Do Nordeste", composição sua dos idos do Quinteto Armorial. Aí, o *caba* vira o cão: dá voltas pelo palco, pula, dança, rodopia, ensandecido como um Corisco de peixeira em punho.

Desse ponto em diante, *Madeira* ganha em temperatura e entra num ritmo estonteante até culminar numa ciranda com participação de toda a platéia – que, de mãos dadas ou com o ganzá-programa nas mãos, levanta-se para a apoteose.

Com uma banda formada basicamente por músicos escoladíssimos mais o surpreendente reforço de dois filhos e da mulher (a dançarina Rosane), Nóbrega dá uma aula de cultura e ponto – e o que menos importa é se sua origem é popular ou acadêmica. *Madeira Que Cupim Não Roi* mostra que o manancial simples/sofisticadíssimo que inspirou eruditos como Villa-Lobos, Radamés Gnatalli e Guerra Peixe (para ficar no terreno da música) ou roqueiros como os do mangue-bit ainda tem muito para transbordar.

Israel do Vale

O último solo

Disco póstumo de Renato Russo emociona com poesia e impressionantes performances vocais

por PEDRO SÓ

O título do album é este mesmo, *O Ultimo Solo*, e foi dado pelo próprio pai de Renato, que também escolheu a ordem das faixas. A capa mostra um floral pintado por Carmen Teresa, irmã do cantor. Esperado apenas para março, mês de aniversário do ídolo, o disco póstumo acabou tendo seu lançamento antecipado para a segunda metade de novembro. "É mais ou menos assim: você tem o bolo pronto, vê que ficou do c.. e resolve chamar logo os amigos", compara João Augusto, vice-presidente artístico da EMI, explicando por que a gravadora resolveu fazer mais cedo a festa dos fãs.

O Ultimo Solo tem oito canções e uma faixa interativa, "Strani Amori" que traz o clip da canção já lançada em *Equilibrio Distante* e mais uma entrevista distribuída para radialistas por ocasião do lançamento do disco em italiano (nela, Renato responde a perguntas sobre amizade, solidão etc.). Duas das músicas foram complementadas com arranjos orquestrais gravados no mitológico estúdio de Abbey Road em Londres. "The Dance" e "Il Mondo Degli Altri".

A primeira, pinçada do repertório do galã neocountry Garth Brooks, é uma belíssima surpresa. "Eu avisei a arregimentadora que o trabalho era de um cara que tinha *passed away (falecido)* e eles capricharam na emoção. O violino realmente chora", conta João Augusto. Ele esteve em Londres em abril coordenando a complementação do disco, que foi produzido por Carlos Trilha (que fez com Renato *The Stonewall Celebration Concert* e *Equilibrio Distante*) e masterizado por Nick Webb, técnico acostumado a trabalhar com Paul McCartney e Pink Floyd. »

O trabalho derradeiro de Renato Russo ficou tão bom que teve seu lançamento antecipado

As 9 faixas

1 - "Hey, That's No Way To Say Goodbye" (Leonard Cohen) – Uma das mais belas canções do bardo canadense, em arranjo simplíssimo, acústico, como a versão original.

2 - "The Dance" (Tony Arata) – Do repertório do galã country Garth Brooks, vestida em belíssimo arranjo de cordas feito a partir de uma concepção do próprio Renato.

3 - "Il Mondo Degli Altri" (Palmieri / A. Civai) – Com arranjo orquestral, quarenta músicos explorando o eco natural de Abbey Road. Música difícil de cantar, que propicia a Renato uma das melhores performances vocais de sua carreira.

4 - "Ti Chiedo Onestà" (Civai / G. Bignazzi / M. Falagiani) – Outro grande momento de Renatíssimo.

5 - "Lettera" (Valsiglio / G. Salvatori / Cheope / M. Maratì) – A mesma canção incluída em *Equilibrio Distante*, mas em versão diferente.

6 - "I Loves You Porgy" (Ira Gershwin / George Gershwin / D. Heyward) – O clássico de *Porgy & Bess*, *must* do repertório de iniciantes de bom gosto.

7 - "E Tu Come Stai?" (Claudio Baglioni) – Do mesmo autor de "La Vita È Adesso", um dos destaques de *Equilibrio Distante*.

8 - "Change Partners" (Irving Berlin) – *Standard* do mestre, um dos gigantes da canção popular americana.

9 - "Strani Amori" (faixa interativa) – Clipe da música incluída em *Equilibrio Distante*, letras de todas as canções de *O Ultimo Solo* e uma pequena entrevista de Renato.

Não será lançado mais nada de Renato. Quanto à Legião Urbana...

Il Mondo Degli Altri", com arranjo orquestral do maestro Jota Moraes, tem o que talvez seja a melhor performance vocal de Renato Russo em toda sua carreira. Emocionante a faixa é a preferida de Dado Augusto. Renato era que tem. Caubi Peixoto e Nelson Gonçalves. Do tipo que deixava o táxi esperando na porta do estúdio e dizia: "Güenta aí um pouco que eu vou ali dentro gravar umas vozes e já volto". Eu trabalho com música desde 1966 e este é o artista com quem mais aprendi."

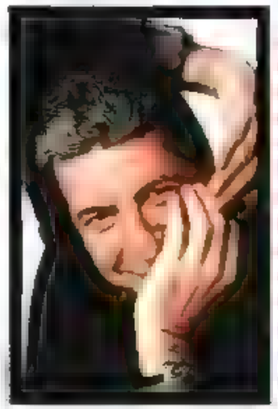
A primeira faixa "Hey, That's No Way To Say Goodbye" dá a medida do bom gosto de Renato Russo. Trata-se de uma das melhores letras (confira a tradução ao lado), daquelas de que, na humilde opinião deste que vos digita, é o maior letrista vivo da língua inglesa (se não pedir licença a Bob Dylan, David Bowie ou Lou Reed). Se *Stonewall* já havia revelado o talento de Nick Drake a milhares de brasileiros, o novo disco agora difunde a genialidade do canadense. Os fãs de Renato merecem a iluminação que é conhecer sua obra.

João Augusto repetiu o método nas obras-primas para o material que não entrou em *Stonewall*. Duas não cabiam fisicamente no disco. Na época, ainda estávamos aprendendo a gravar em CD. Me lembro que o Renato ficou puto com isso. Que pena essa de tecnologia. Como é que as músicas não vão entrar todas?"

Com a homenagem antecipada a EMI não pretende lançar nada de Renato em março. Tudo que tinha qualidade está no novo disco, garante João Augusto. Em relação à Legião, porém, as possibilidades são mais as mais ainda não se pensa em datas de lançamento. "Há muito material da banda. Além do *Acústico MTV*, temos muitos shows gravados. Eu mesmo gravei dois no Espaço Pro SP, dois no Metropolitan RJ, um em Belo Horizonte, um em Porto Alegre."

Ei, Isso Não É Jeito De Dizer Adeus

Te amei pela manhã
Nossos beijos profundos e quentes
Teu cabelo sobre o travesseiro
Feito uma tempestade dourada adormecida
Muitos amaram antes de nós
Eu sei que não somos novidade
Na cidade e na floresta
Já sonharam como eu e tu
Mas agora são distâncias
E nós dois precisamos experimentar
Teus olhos estão úmidos de tristeza
E isso não é jeito de dizer adeus



Não estou procurando outro
Ao vaguear no meu ritmo
Me leve até a esquina
Nossos passos sempre irão rimar
Sabes que meu amor vai comigo
Assim como o teu fica comigo
É só o modo como ele se move
Feito a lenha das marés é o mar
Mas não vamos falar de amor ou correntes
É coisas que não podemos desatar
Teus olhos estão úmidos de tristeza
E isso não é jeito de dizer adeus

Te amei pela manhã
Nossos beijos profundos e quentes
Teu cabelo sobre o travesseiro
Como uma tempestade dourada adormecida
Sim, muitos amaram antes de nós
Eu sei que não somos novidade
Na cidade e na floresta
Já sonharam como eu e tu
Mas não vamos falar de amor ou correntes
É coisas que não podemos desatar
Teus olhos estão úmidos de tristeza
E isso não é jeito de dizer adeus

CADA FITA CUSTA O EQUIVALENTE A UM CD,

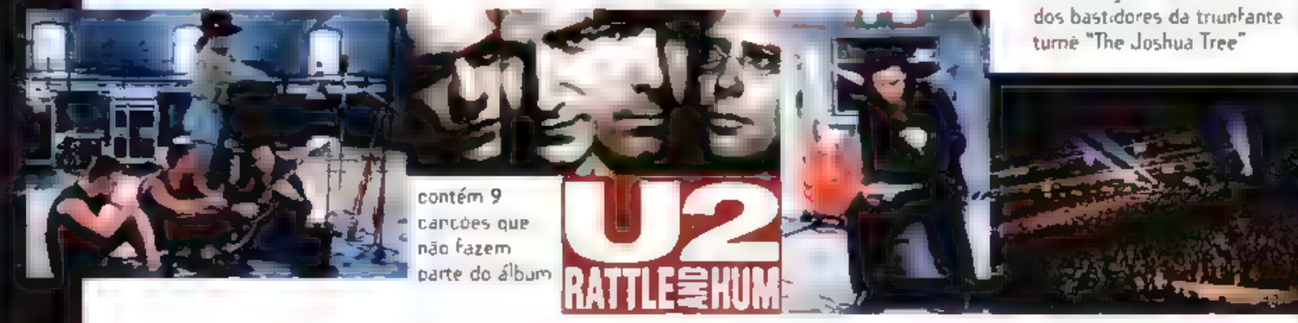
a mais popular comédia musical de todos os tempos

John Belushi e Dan Aykroyd em atuações imperdíveis!

TEM TANTA MÚSICA QUANTO UM CD

E VOCÊ AINDA LEVA AS IMAGENS

um documentário do U2 com imagens dos shows e dos bastidores da triunfante turnê "The Joshua Tree"



contém 9 canções que não fazem parte do álbum

SEM PAGAR NADA A MAIS POR ISSO.

OS IRMÃOS CARA DE PAU
U2 RATTLE AND HUM

à venda em supermercados, locadoras, lojas de cine-foto-som, magazines e lojas de discos

UNIVERSAL

Bizzes

Bye bye no BRASIL

Chegando com novo disco a tiracolo, David Coverdale revela que esta é a última turnê do Whitesnake

Seu novo álbum, *David Coverdale's Whitesnake*, lembra Deep Purple. Foi intencional?
Sim, eu queria voltar aos primeiros anos de minha carreira. É também o último disco da banda: vou fazer uma turnê de despedida e depois gravo solo.

Seu trabalho com Jimmy Page foi muito criticado. Robert Plant chegou a chamá-lo de "Cover Version". O que achou das críticas?
Sinceramente? O que vem de baixo não me atinge. Adorei tocar com Page, fomos a fundo em nossas pesquisas sobre o blues. E tem mais: fui pai recentemente *(de um garotão chamado Jazz)*, gravei um CD legal e estou feliz. Por que devo me preocupar com Plant?

Você voltaria a tocar com o Deep Purple?
Apanhei muito com a briga de egos e aprendi o que NÃO se deve fazer quando uma banda começa a se deteriorar. Sou um cara do passado, mas não vivo nele.

Lembra da grande apresentação do Whitesnake no Rock in Rio, em 1985?
O público foi maravilhoso! Foi um de nossos melhores shows. Pena que, nos bastidores, a gente estava brigando. Logo depois, troquei a banda inteira.

Coverdale fala sobre o Whitesnake e analisa papéis em Hollywood

FERRO NAS DONZELAS

Paul Di Anno fez turismo sexual e deu shows

"Não perdi o pique depois desses anos todos." Assim diz Paul Di Anno, o inesquecível vocalista dos primeiros discos do Iron Maiden. Mas quem ouvir *The World's First Iron Man*, novo álbum do cantor, pode tomar um susto. Di'Anno interpreta sacolejantes funks de James Brown ("Living In America") e de Sly & The Family Stone ("Play That Funky Music"). "Foi uma brincadeira que meu produtor decidiu colocar em disco", justifica. No fim de outubro, Paul Di Anno percorreu o Brasil cantando hits de Iron e de seus antigos grupos Killers e Battlezone, e fazendo contato com tietes. "Minha mulher não se importa com meus pulinhos, desde que eu não traga doenças para casa."

Van Radar

Metal

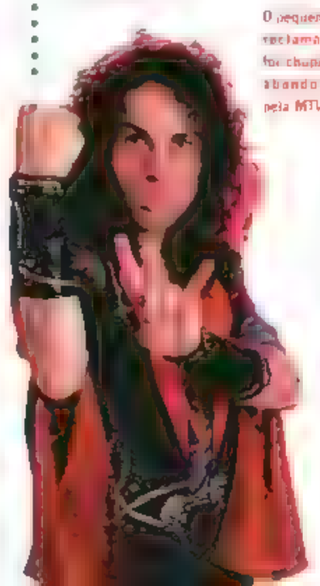
Jason Bonham, Bruce Dickinson, Scorpions e Dio
15/11 - São Paulo (Canindé)
16/11 - Belo Horizonte (Mineirinho)
18/11 - Rio de Janeiro (Metropolitan)

Queensrÿche, Megadeth e
5/12 - Curitiba (Pedreira)
6/12 - São Paulo (Canindé)
7/12 - Rio de Janeiro (Metropolitan)
9/12 - Porto Alegre (Gigantinho)

Ah, não!

Embora esteja lançando *Angel Machines*, seu oitavo trabalho de estúdio e um CD duplo ao vivo resgatando o melhor de sua carreira solo, Ronnie James Dio está na pior. A mare não tá fácil pra nós do metal. Só em países como o Brasil é que as coisas estão melhores: choraminga o ex-vocalista do Rainbow e Black Sabbath. Nos anos 80, a MTV sugou o metal. Agora cospe nele e reclama. Dio diz que se fosse convidado a entrar numa banda grande como o Van Halen, largaria o trabalho solo. Só não abriria mão de suas antigas endemoniadas. O metal, se alimenta de energias pesadas.

O pequeno Dio reclama que foi chupado e abandonado pela MTV.



Sem volta

Pouco antes vir ao Brasil, Bruce Dickinson estava desesperado. Tinham raptado seu monstrinho de estimação. O cantor adotou como mascote o boneco Edison (leia-se Ed's Son, filho do Eddie), também criado pelo desenhista Derek Riggs, para animar as apresentações, agora com o guitarrista Adrian Smith (ex-Maiden). Eles estão juntos também em *Accident Of Birth*, novo CD que vem sendo considerado o melhor trabalho solo de Bruce. "Este é um disco de metal, tocado por uma banda de metal, para um público de metal. É meu melhor desde *The Number Of The Beast*", avalia. Ele aproveita para mandar um recado: "Uma volta ao Iron está totalmente fora de questão".

Bruce Dickinson está feliz solo e diz que volta ao Iron não rola

"Eu ainda estou no Guns"

Duff McKagan, baixista do GN'R, avisando que o disco solo que está gravando com a participação de Slash não passa de um projeto paralelo

Procura-se cantor

O Sepultura quer alguém para cantar com Andreas

O Sepultura está atrás de um novo vocalista. A idéia, segundo o guitarrista e agora cantor Andreas, é arrumar um cara que divida o microfone com ele, cante algumas músicas e faça a segunda guitarra. "Estamos muito satisfeitos com o som do Sepultura como trio, mas, só para testar, tivemos essa idéia durante os ensaios e resolvemos tentar achar um cara legal", conta Andreas. Para isso, o grupo está soltando um comunicado oficial a ser divulgado em todo o mundo pela gravadora Roadrunner. Não importa a nacionalidade do sujeito. Enquanto isso, no fim do mês, o grupo vem ensaiar no Brasil e fica por aqui até as festas de fim de ano. Será a primeira vez que o americaninho Yohan Rudolf Kisser, filho de Andreas, nascido dia 12 de outubro, virá ao país.

ALIEN

BIZARRE

Bizzes

Anfetamina na cabeça

Novidades sobre o Prodigy em pílulas explosivas

Fon-fon

O novo vídeo do grupo, "Smack My Bitch Up" promete causar polêmica: mostra uma modelo de topless circulando por uma boate apertando os seios de outras moças também em trajes desinibidos. E isso é só o começo. A estrela do clipe ainda aparece vomitando e batendo nos *clubbers* incautos com quem vai cruzando. Um horror.

Direção perigosa

O single "Smack My Bitch Up" foi problema antes mesmo de sair: sua capa teve de ser trocada em cima da hora. A arte original mostrava um Fusca parado num poste, imagem que, com a morte de Lady Di num acidente de carro, poderia gerar interpretações distorcidas.

Sepultura na mistura

O líder Liam Howlett revela: o Sepultura foi influência importante na barulheira do Prodigy (junto com quilos de substâncias ilícitas). "Após excursionarmos com eles e o Biohazard, incorporamos o rock."

A performance insana do vocalista e dançarino Keith Flint no clipe de "Firestarter" ajudou o Prodigy a ganhar o *mainstream*. Ele virou ícone pop e foi parodiado até em comercial de TV.

Protagonizando até a última porta

Cheio de planos cinematográficos, os "Essex Pistols" – apelido que o Prodigy ganhou por vir de Essex – sonham em repetir a experiência da banda-mãe do punk rock, com toques hempianos: "Nosso filme será altamente influenciado por **Cheech & Chong** (dupla de comediantes americanos citada no hit "Queimando Tudo", do Planet). Vai ser o *Rock'N'Roll Swindle* dos anos 90", revela Keith Flint.

Não, não e nãããão!

A popularidade fez o Prodigy crescer, aparecer e esnobar muita gente importante. O grupo dispensou a "honra" de abrir shows do U2 e David Bowie. E Liam ficou enojado diante de um convite para produzir Madonna.

Os maiores guitarristas da história.

Jimi Hendrix

B.B. King

Carlos Santana

Eric Clapton

E muito mais!

GRÁTIS
CD exclusivo

89 A RÁDIO ROCK

NAS BANCAS

SHOWBIZZ

MACK COLOR

O ADESIVO OFICIAL DA COPA 98

Apenas R$3,00
Por 6 Adesivos Oficiais da Copa 98

Envie junto com o selo os seus dados completos e cheque nominal à Mack Color no valor de R$ 3,00 para: Cx. postal 71.050 Cep: 03410-990 ou comprovante de depósito Bradesco Ag. 1788/4 Conta nº 15.320-6

EMPRESA EXCLUSIVA PARA ADESIVOS
ETIQUETA ADESIVA TEM NOME
MACK COLOR
www.mackcolor.com.br
Rua Francisco Marengo,339 - Tatuapé - São Paulo
CEP: 03313-000 - Fone:(011) 6941-4499 - Fax:(011) 6941-4470

☐ Sim, quero receber pelo correio a cartela com 6 adesivos oficiais da copa 98.

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ CEP: _____ Estado: _____ Cidade: _____

ANOS ANOS

89 FM
A RÁDIO ROCK
www.rockwave.com/89

patrocínio:
MOTOROLA
SONY
FEI FACULDADE DE ENGENHARIA INDUSTRIAL
EXCEL ECONÔMICO O BANCO
Cultura Inglesa

apoio:
Gibson
SHOWBIZZ

produção:
Mercury

WHITESNAKE

MEGADETH

QUEENSRŸCHE

Na festa dos 12 anos da 89.
6 de dezembro - São Paulo
Informações: 421-3988

pipoca moderna

por JOSÉ EMILIO RONDEAU,
de Los Angeles

"OK, rapazes, que tal voltar às boas composições de *Ten*?"

O novo vôo do Pearl Jam

O Pearl Jam lança em dezembro "Given To Fly", o primeiro single de seu novo álbum. Batizado de *Yeld*, o disco tem produção de Brendan O'Brien e retoma o som cortante da fase inicial do grupo. O trabalho ainda está em sua fase de finalização – o repertório deverá ser garimpado entre vinte composições recentes da banda – e vai sair nos EUA em fevereiro. O Pearl Jam promete lançar o disco num show "intimista" para 5 mil pessoas no Havaí.

Alanis voltou das férias cheia de música nova

Beatle erudito

Paul McCartney se entusiasmou com o resultado da sua primeira peça clássica, *Standing Stone*. O álbum estreou no primeiro lugar da parada de música clássica da *Billboard*. Para o ano que vem, o ex-beatle promete novo disco na mesma veia. A bolacha será batizada de *Working Classical*.

Paul e sua sinfonia interminável

Oasis no elevador

Depois das músicas dos Beatles e dos Rolling Stones, agora é a vez do Oasis ganhar arranjos orquestrais – daqueles que tocam no elevador. "Wonderwall" e "Champagne Supernova", entre outros, viraram canções para o pessoal da terceira idade numa interpretação da Royal Philarmonic Orquestra.

Alanis com música no bolso

Alanis Morissette encerrou suas férias tocando cinco músicas novas no show beneficente montado por Neil Young. As fresquinhas da cantora atendem pelo nome de "London", "No Pressure Over Cappucino", "Gorgeous", "You Gave Me A Wink" e "Pray For Peace". Neil Young também entrou na festa – cuja renda será revertida para uma escola de excepcionais – e mostrou composições novas. Uma delas, "Buffalo Springfield Again", clama pela volta de sua antiga banda.

De volta ao reduto

Há 22 anos, Patti Smith foi descoberta no palco fétido do CBGB's – também dos Ramones e dos Talking Heads. Agora a poetisa punk voltou ao clubinho de Nova York para matar as saudades. De quebra, mostrou em primeira mão as canções de seu novo álbum, *Peace And Noise*.

Patti tem o poder

Olho neles

Loreena McKennitt – Essa cantora canadense não é criança. *The Book Of Secrets* – recém-lançado no Brasil pela WEA – é seu sétimo álbum. Mas, de longe, é o melhor de uma artista hábil em misturar as tradições musicais celtas com música medieval italiana e até Sufi. Imagine uma Enya muitíssimo mais sofisticada, capaz de resultados verdadeiramente mágicos. Como a faixa de encerramento do disco, "Dante's Prayer", a interpretação de uma viagem noturna de trem pelo inverno da Sibéria. É enfeitiçador.

Apples In Stereo – Essa banda de Denver faz um som altamente peculiar. Motivo: a fixação do sul-africano criado em Louisiana Robert Schneider, fundador do grupo, pela banda californiana de surf music. Um crítico disse que *The Soul Evolution*, o terceiro álbum do Apples In Stereo, pode ser definido como uma série de bilhetinhos de amor para Brian Wilson (o cérebro, a garganta e o coração dos Beach Boys). Mas sublinhar apenas as misturas de guitarra distorcida com ukelele e guisos é descontar uma sonoridade *indie* que também inclui algo de Galaxie 500 e uma pitada do Pink Floyd de primeira hora.

VAI ENCARAR?

DAUDE #2

DO JONGO AO JUNGLE, Daúde #2 traz participações de Djavan, Carlinhos Brown, Herbert Vianna, Miguel Bezerra e Nelson Sargento.

Incluindo o hit
PATA PATA

NATASHA RECORDS
DISTRIBUIÇÃO E VENDA Sony Music

Discoteca básica

"Ouvi direto esse disco na década de 80. O New Order era um lado pop do Joy Division, me lembrava muito a discoteca. Gostava das melodias, das harmonias e, principalmente, do som do baixo."

(Marcelo Bonfá, baterista)

LOW-LIFE

New Order

Qual a sua melhor lembrança dos anos 80? Existe aquela grudada no inconsciente de todo adolescente da época: a tardia chegada da new wave ao Brasil, a temporada de camisetas verde-limão e a onipresença de bandas como Duran Duran e Culture Club, que temperavam suas (boas) canções pop com roupas que pareciam saídas da Beija-Flor.

Mas não são poucos os que associam a década de 80 com o lançamento do single "Blue Monday", do New Order, em 1983. Ali foi o princípio de tudo: das bases da dance music tal qual ela é conhecida hoje até a exploração pop dos teclados que transformou o Pet Shop Boys numa das bandas mais populares do planeta – num documentário sobre o New Order, Neil Tennant confessa ter sonhado com a batida do hit dias antes de ele ser lançado na Inglaterra.

O disco que dissociou o quarteto da imagem do Joy Division e ditou a dance music para a nova geração

"Blue Monday" foi um passo importante na carreira do New Order. A banda lúgubre que saiu das cinzas do Joy Division mostrou seu poder nas pistas e transformou a dance em algo acessível.

"Eu ouvia bastante *Street Hassle* (Lou Reed) quando me interessei por Giorgio Moroder, Donna Summer... Achei que aquela seria a direção certa", confessou Bernard Sumner à revista inglesa *Mojo*.

O sucesso de "Blue Monday" abriu as portas para *Low-Life*, o disco definitivo do New Order. Ainda que o anterior, *Power, Corruption & Lies*, também tenha sido importante na ruptura de alguns dogmas da era Joy Division – adotando a bateria eletrônica combinada a ritmos humanos.

Algumas canções foram aprovadas em turnê. "The Perfect Kiss" – batizada inicialmente como "I've Got A Cock Like The M1" – foi o primeiro single. E ficou tão boa que acabou entrando em *Low-Life*. Contrariou um hábito da banda de não incluir seus singles em álbuns de carreira. Trata-se de uma gema, com o baixo de Peter Hook ditando o ritmo para Gillian Gilbert e Stephen Morris programando nos espaços da banda. As múltiplas passagens e mudanças de ritmo não entediam.

Mas seria injusto resumir *Low-Life* ao sucesso de "The Perfect Kiss". O álbum abriga uma excelente coleção de singles, melhor até do que muita compilação desse quarteto de Manchester. Tem "Love Vigilantes", e que o baixão galopante de Hook dialoga com a escaleta de Bernard Sumner. A letra é de uma simplicidade só, o lamento de um soldado que, ao voltar à sua terra natal, descobre que foi dado como morto.

Low-Life ainda tem "This Time Of Night", com sua letra sobre solidão; "Sunrise", prova cabal de que o New Order ainda sabia lidar com instrumentos "humanos". A instrumental "Elegia", cuja melodia é composta apenas de guitarra, baixo e teclados, e "Sub-Culture", com sua influência de Kraftwerk.

Depois de *Low-Life* o New Order ainda soltou álbuns legais *(Brotherhood, Technique)*, mas o estrago já estava feito. Que o digam Prodigy, Chemical Brothers...

SÉRGIO MARTINS

Performance

Lançamento: maio de 1985

Produção: New Order

Músicas: "Love Vigilantes" • "The Perfect Kiss" • "This Time Of Night" • "Sunrise" • "Elegia" • "Sooner Than You Think" • "Sub-Culture" • "Face Up".

Low-Life inicia a parceria do New Order com o produtor musical Quincy Jones. O disco saiu nos EUA pelo selo Qwest (de propriedade de Jones). O maestro ainda meteria a mão no remix de "Blue Monday", em 1988.

Alguns fãs mais afoitos do New Order juram que há uma frase escondida entre as faixas "Perfect Kiss" e "This Time Of Night". Alguém grita: *"I'm one of the few people who live what's called a low-life"* ("Eu sou uma das poucas pessoas que levam uma vida miserável"). A frase foi atribuída a Jeffrey Bernard, colunista da revista inglesa *The Spectator*. Ele processou a banda e a frase foi retirada – mas dizem que ela aparece em algumas versões do CD.

MALA PRA MIM É GENTE CHATA.

STRADERO KILDARE
A estrada na alma

"A reencarnação existe.
Ou não?"

Yankee Street

YANKEE
STREET
AGORA OU NUNCA